



A EDUCAÇÃO DOS PRÓXIMOS DEZ ANOS:
Perspectivas para a Educação Privada no Município de São Paulo

São Paulo
2008





A EDUCAÇÃO DOS PRÓXIMOS DEZ ANOS:

Perspectivas para a Educação Privada no Município de São Paulo





Ficha catalográfica

A672e Aragão, Maria Sofia César de
A educação dos próximos dez anos: perspectivas para a educação
privada no Município de São Paulo / Maria Sofia César de Aragão. – São
Paulo: SINPRO-SP, 2008.

1. Educação Privada 2. Educação – Próximos dez anos 3. Educação –
Perspectivas 4. Educação - São Paulo 5. Professores 6. Formação
de Professores I. Título

CDD 370



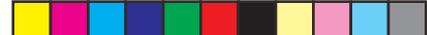
APRESENTAÇÃO

O Sindicato dos Professores de São Paulo está divulgando os resultados da pesquisa desenvolvida pela Profa. Maria Sofia de Aragão sobre as perspectivas futuras de nossa atividade profissional. O projeto é a concretização de uma permanente preocupação de nossa diretoria em ampliar e aprofundar a reflexão em torno de suas atividades de forma a superar o imediatismo das reivindicações e lutas trabalhistas. A competência com que o estudo foi desenvolvido e as instigantes conclusões a que chegou, mostram que os professores das escolas particulares estão diante de desafios que não podem mais ser ignorados.

Esta foi justamente a intenção do SINPRO-SP: oferecer à nossa categoria um conjunto de prospecções que permitam desenhar cenários nos quais nossa atividade profissional será desenvolvida a médio e longo prazos, as tendências que podem ser identificadas no universo acelerado de mudanças a que estamos assistindo e suas inevitáveis conseqüências para a dimensão social do trabalho dos educadores.

Os professores das escolas particulares de todos os níveis de ensino vivem situações difíceis em razão da natureza empresarial dos estabelecimentos onde lecionam. Ainda que essas escolas produzam um discurso de enaltecimento de suas virtudes pedagógicas, a freqüência com que contradizem isso a partir de sua obsessiva preocupação com seus lucros, acaba por resultar em dificuldades de natureza trabalhista. Não é preciso dizer que os efeitos desse paradoxo estendem-se por todas as esferas de nossa ação pedagógica.

Essa dinâmica parece ser parte inseparável do modelo privatista de ensino praticado no Brasil, mas tem adquirido maior intensidade em decorrência de todas as transformações que só agora começam a atingir a escola: novas formulações de natureza administrativa e gerencial, o impacto das tecnologias da informação, a concorrência predatória entre as próprias escolas e os efeitos desse conjunto sobre



a percepção dos próprios professores a respeito de seu trabalho. No final das contas, nossa categoria vem sendo atingida por um sem-número de variáveis que, em seu conjunto, precisam ser identificadas em sua lógica para que se ofereçam a elas uma ou várias respostas conseqüentes com nosso compromisso.

As preocupações da diretoria do SINPRO-SP com essas questões não são novas, e este estudo que agora chega às mãos dos professores, é parte do esforço que busca compatibilizar o cotidiano de nossas ações com o desenho de estratégias pautadas no conhecimento concreto das inúmeras mudanças que estamos vivenciando. Entendemos que a ação de nosso Sindicato será tanto mais conseqüente e eficaz quanto mais ricos e conseqüentes forem os instrumentos de análise do mundo de nosso trabalho.

Luiz Antonio Barbagli
Presidente do SINPRO-SP



PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Maria Sofia César de Aragão

EQUIPES DE APOIO

Consultores

José Salvador Faro
Diretor do Sinpro-SP

Maria Elizabeth Vespoli
Diretora do Sinpro-SP

Rachel Zanetta
Diretora da Cognos, empresa consultora em pesquisas nas áreas de
Educação e Saúde

Entrevistas

Fernanda Vespoli Cervenka
Formada em Jornalismo, estudante de Letras

Francisco Flávio Ribeiro Viana
Professor de Física

Estatístico

Dr. Euro de Barros Couto Junior
(Conselho Regional de Estatística – 7088).

Relatórios /Tabulação

Leandro Caparroz
Administrador de Redes Júnior – Sinpro-SP

Revisão

Ivone Borelli
Assessora em Comunicação Escrita

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Luiz Antonio Barbagli, autor da idéia inicial, pelo acompanhamento e estímulos constantes.

À Diretoria do SINPRO-SP, pelo patrocínio e apoio.

Aos Professores e às Instituições que participaram da pesquisa, pela disponibilidade de seu tempo e reflexões, e

A todos que, pelo apoio, sugestões e críticas, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo teve por objetivos: traçar alguns cenários possíveis para a Educação dos próximos dez anos na cidade de São Paulo e projetar o perfil de professor necessário nesse contexto. Foi resultado da percepção do Sinpro-SP de que profundas mudanças poderão ocorrer no trabalho docente, como resposta às novas tecnologias de informação e comunicação, aos anseios da sociedade por uma educação de qualidade e às estratégias empresariais das Instituições Privadas de Ensino. Assim, apontar as possibilidades de transformação, entendendo-as como resultado da ação humana exige que se compreenda o momento presente e os fatores que nele interferem. Estas transformações dependem das circunstâncias políticas e sociais e dos jogos de interesse cada vez mais complexos (por exemplo, as orientações em relação à Educação dos organismos multinacionais, tais como: Banco Mundial, UNESCO, OCDE). A metodologia empregada foi exploratória e descritiva quanto aos fins; de campo e bibliográfica quanto aos meios. Os professores e as Instituições de Ensino Superior que formam professores constituíram o público-alvo do estudo. As pesquisas foram realizadas de junho a dezembro de 2007. Os resultados apontaram para um momento de transição, com mudanças influenciadas pelas Políticas Públicas Educacionais e Econômicas e pela sociedade. Mostraram professores vocacionados, compostos na maioria por mulheres, tendo por atividade única ou principal a docência; que pretendem continuar no magistério, entre outros dados. No que se refere aos Cursos de Formação de Professores, estes indicaram grandes diferenças: na reflexão dos objetivos que os norteiam e no investimento para atender às dificuldades dos alunos. As Instituições Privadas se comparadas à Pública destacaram-se pela oferta de vagas, número de cursos e total de alunos, dentre outros aspectos.



SUMÁRIO

Apresentação	1
Agradecimentos	4
Resumo	5
1 Introdução e Objetivos	9
2 Metodologia	13
3 Os Professores	21
3.1 Dados pessoais: idade, gênero, moradia, domínio de línguas, sindicalização	23
3.2 Dados profissionais: níveis de ensino, tempo de docência, número de escolas onde dão aulas e atividade principal	28
3.3 A profissão docente: razões para a escolha da profissão, satisfação com a profissão e razões para mudar - avaliação do curso de formação, avaliação do início da carreira docente, dificuldades da prática docente hoje, atualização profissional, avaliação dos cursos de atualização	35
3.4 Opinião sobre a Educação e a Profissão: concordância com a imagem da Educação, razões para essa opinião, papel da Educação, regulamentação da profissão, avaliações e suas finalidades	48
3.5 Reflexões sobre o Futuro e a Educação: A Educação dos próximos dez anos, perfil do professor e atuação do Sinpro	54
4 Os Cursos de Formação de Professores	67
4.1 Características das Instituições pesquisadas	70
4.2 Questões e respostas obtidas	73
4.3 Considerações gerais	80
4.3.1 As questões	80
4.3.2 As entrevistas	83
5 Considerações finais e conclusão	89



Lista de Abreviaturas e Siglas	97
Lista de Figuras	98
Lista de Quadros e Tabelas	101
Bibliografia consultada	105
Apêndice 1	111
Instrumento I - Professores	111
Instrumento II - Coordenadores Cursos de Formação	116
Apêndice 2	119
Tabelas e Gráficos	119





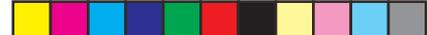
De minha paixão pela educação,
estou semeando as sementes
de minha alta esperança.
Não busco discípulos para
comunicar-lhes saberes,
busco discípulos para neles
plantar minhas esperanças.

Rubem Alves

1 INTRODUÇÃO E OBJETIVOS







Nunca se falou tanto em educação, são congressos, simpósios, mesas-redondas... A mídia encampou o desafio: discute-se Educação. Muito embora apresente limitações, dentre elas, linhas editoriais nem sempre independentes, ao projetar a imagem social da opinião pública, indica preocupação com a qualidade de nossa educação.

Diversos setores da sociedade dão entrevistas, criticam a educação atual e palpitam a educação que julgam necessária.

As novas tecnologias, incorporadas por uma parte da sociedade, passam a ser exigidas nas escolas – momento da inclusão digital.

Nas avaliações nacionais (SAEB, ENEM, ENAD), os resultados são contundentes. As escolas não estão cumprindo as suas atividades-fim como: alfabetizar e instrumentalizar os alunos para os desafios deste século. Nestas avaliações, com poucas exceções, os alunos do ensino básico privado apresentam melhor desempenho, mas se comparados com o panorama internacional ficam em uma posição muito desconfortável. Já no ensino superior, inverte-se o resultado das avaliações, as melhores notas são obtidas pelos alunos dos cursos das universidades públicas.

A realidade da escola pública brasileira é distinta da maioria das escolas privadas que facilmente são pressionadas pelos pais, cobrando resultados mais eficientes. Assim, imbuídas da compreensão de que “suas escolas” são prestadoras de serviço e que a satisfação do cliente deve ser atendida, tendem a implementar com rapidez mudanças nem sempre eficazes, buscando atender a essas demandas.

Ao perceber a situação exposta, o Sinpro-SP, entidade representativa de professores das escolas privadas do Município de São Paulo procura antecipar-se às exigências feitas aos professores. Organiza ações que lhes facilitem a superação desses desafios como: a Escola do Professor com pós-graduação *latu senso*, cursos semestrais, simpósios, palestras e mesas-redondas.

Como entidade de professores, fundamenta essa antecipação por meio de estudos e pesquisas, garantindo credibilidade não só por parte dos professores, como também das instituições que pensam seriamente a educação.



Este estudo teve como objetivos:

traçar cenários¹ possíveis para a educação nos próximos dez anos;

projetar o perfil de professor necessário nesse contexto.

Fundamentou-se em duas pesquisas de campo, com o intuito de conhecer e compreender o momento presente a respeito do perfil do professor e das condições de sua formação profissional.

Assim, o primeiro capítulo deverá abordar os resultados do perfil pessoal e profissional dos professores da rede privada de ensino do Município de São Paulo, suas reflexões e opiniões sobre a Educação e o futuro docente.

O segundo capítulo tratará das características dos cursos que formam professores.

Desse modo, tem-se plena convicção de que este estudo não esgota a necessidade de aprofundamento do assunto. Esperamos que suscite a curiosidade dos colegas e que, desta forma, o ampliem aprofundando estas investigações.

¹ “Cenários são uma ferramenta cognitiva que descreve uma determinada estória sobre a maneira como o mundo ou uma parte dele (o objeto a ser cenarizado) poderá se transformar no futuro, partindo do momento presente e chegando a um determinado horizonte” Baseado em Porto, Cláudio & Régner, Karla, O Ensino Superior no Mundo e no Brasil - Condicionantes, Tendências e Cenários, Brasília, 2003, p.4.



2 METODOLOGIA





2.1 Tipo de pesquisa

Tratou-se de uma pesquisa descritiva e exploratória quanto aos fins e de campo e bibliográfica quanto aos meios.

2.2 Público-alvo

Constituiu-se dos professores do ensino privado e das Instituições de Ensino Superior que formam professores.

2.3 Tempo e abrangência da pesquisa

O estudo foi desenvolvido entre junho e dezembro de 2007, com abrangência municipal.

2.4 Procedimentos de coleta de dados

2.4.1 Descrição da amostra dos professores

Inicialmente, o banco de dados do Sinpro-SP foi utilizado para conhecer o número total de professores sindicalizados em atividade em junho de 2007.

Para esse cálculo, havia à disposição duas possibilidades: o universo de funções docentes e o de professores². Assim, foi utilizado o de professores.

A amostra foi construída de forma que pudessem ser feitas inferências para o total de professores do ensino privado do Município de São Paulo, da Educação Infantil ao Ensino Superior.

A margem de erro aceitável foi de 5%, com incidência de 50% (que maximiza o tamanho da amostra), sobre se está sindicalizado ao Sinpro e uma Distribuição Normal com área sob a Curva Normal de 95% (5%).

O tamanho da amostra de professores compreendeu 379 elementos amostrais cuja estratificação contemplou nível de ensino, faixa etária e região de moradia. Desta forma, buscou-se atingir toda a diversificação encontrada na categoria de professores. Os resultados mostraram uma distribuição dos professores participantes da amostra em 348 escolas.

² Um mesmo professor pode lecionar em mais de uma escola e em mais de um nível de ensino, aparecendo repetidamente no banco de dados, caracterizando o que chamamos de função docente. Para evitar que um mesmo professor fosse contabilizado mais de uma vez, fizemos a escolha pelo banco de dados de professores.

2.4.2 Instrumento e coleta de dados dos professores

O instrumento de coleta de dados (Instrumento I – Apêndice 1) foi estruturado com 17 questões fechadas de múltipla e única escolha e três questões abertas. Os dados do quadro abaixo detalham as dimensões e as informações pesquisadas.

Quadro 1. Dimensões e informações pesquisadas: professores

Dimensões e informações pesquisadas	
Dados pessoais	Idade Gênero Região de moradia Idiomas que domina Opção pela sindicalização
Dados Profissionais	Nível em que leciona Tempo de docência Número de escolas onde leciona Atividade profissional principal
A Profissão Docente	Razões para a escolha do magistério Vontade de mudar de profissão Razões para a mudança Avaliação da formação inicial (graduação) Avaliação do início da carreira docente Dificuldades da prática docente hoje Formação continuada
Opinião sobre a Educação e a Profissão	A imagem da educação nas mídias Papel da Educação Regulamentação da profissão A avaliação dos docentes e sua utilização
Reflexões sobre o Futuro e a Educação	A Educação dos próximos dez anos O perfil de professor necessário A atuação do Sinpro-SP nesse contexto

Fonte: Arquivo da pesquisadora

A amostra foi randomizada, e a cada cinco professores o sistema separava o participante para entrevista pessoal quando lhe eram apresentadas as três questões

abertas. As entrevistas foram gravadas e transcritas com autorização dos participantes.

A coleta de dados foi realizada pela Web. Uma carta explicava o projeto, estimulava os professores que acessavam o site (www.sinprosp.org.br) para que participassem da pesquisa. Para poder ter acesso ao questionário, a exigência era que fossem professores do ensino privado, de qualquer nível de ensino, podendo, concomitantemente, lecionar também no ensino público. Não havia restrição se eram ou não sindicalizados.

Várias chamadas e a ampliação do tempo de coleta de dados foram necessárias para completar a estratificação planejada para a amostra. Ao final, houve a participação de um total de 778 professores, dos quais 379 contemplaram a estratificação pretendida.

Os professores selecionados foram contatados por e-mail e telefone. O local e o horário das entrevistas eram combinados com os docentes. Houve um retorno de 12%, motivo pelo qual a análise separada das respostas não foi realizada.

Os resultados caracterizadores do perfil pessoal e profissional dos professores foram organizados em tabelas com frequências e percentuais, todas elas anexadas ao final, no Apêndice 2. O teste do Qui-quadrado³ foi aplicado quando necessário, para detectar diferenças significativas nos diversos parâmetros pesquisados. Para facilitar a leitura, foram construídos gráficos e selecionados os de maior significância. Os demais encontram-se anexados ao final do relatório.

As três questões abertas (detalhadas no Apêndice 1, Instrumento I) foram estruturadas em tabelas com seus descritores e, posteriormente, unificadas.

2.4.3 Descrição da amostra dos Cursos de Formação de Professores

As Instituições de Ensino que oferecem Cursos de Pedagogia e/ou Licenciaturas localizadas no Município de São Paulo, no total de 62, dados obtidos do site do MEC, em junho de 2007, constituíram o universo da pesquisa.

³ O teste do Qui-quadrado é um teste estatístico utilizado para detectar diferenças significativas ou não significativas entre os parâmetros que são o objeto de estudo.

A amostra foi definida por distribuição geográfica de caráter aleatório, tipo e natureza da Instituição Educacional e acessibilidade.

A margem de erro adotada foi de 20%, com incidência de 50% (que maximiza o tamanho da amostra) e uma Distribuição Normal com área sob a Curva Normal de 95% (5%). Assim sendo, o tamanho da amostra das instituições representadas pelos seus coordenadores foi de 18 elementos.

As Instituições que participaram da pesquisa concentram, aproximadamente, 6.700 vagas nos Cursos de Pedagogia e 17.000 vagas nas Licenciaturas.

2.4.4 Instrumento e coleta de dados dos cursos de Formação de Professores

Após a escolha das Instituições que seriam investigadas, foram contatadas por telefone 26, por considerar que poderia haver recusas.

Conforme previsto, 18 Coordenadores representantes das Instituições selecionadas foram agendados. Em algumas, o agendamento foi imediato, em outras, foi moroso com várias protelações após a marcação.

Para a coleta dos dados, duas modalidades foram utilizadas: sete questões referentes a informações institucionais e 11 norteadoras da entrevista, sobre conteúdos e metodologias curriculares. (Apêndice 1, Instrumento II). A seguir, os dados do quadro abaixo detalham as informações pesquisadas.

Quadro 2. Dimensões e informações pesquisadas: Cursos de Formação de Professores

Informações pesquisadas	
Identificação e características das Instituições	Nome
	Natureza da Instituição
	Tipo de instituição
	Cursos oferecidos
	Período
	Evasão nos cursos
	Avaliação do MEC

(cont.)

Quadro 2.

(cont.)

Informações pesquisadas	
Temas que nortearam as entrevistas	Grade curricular Estratégias de ensino As TCI Ética profissional Responsabilidade social do educador Avaliação dos egressos Educação continuada O Prouni e o Fies Avaliação dos docentes Opinião sobre a Educação no Brasil

Fonte: Arquivo da pesquisadora

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas com autorização dos participantes. O sigilo na identificação das respostas foi garantido. Nas Instituições privadas, esta garantia permitiu que houvesse maior tranquilidade e uma postura menos defensiva por parte dos Coordenadores.





... se uma pessoa ensina trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional, como também sua trajetória profissional estará marcada pela sua identidade e vida social, ou seja, com o passar do tempo, ela tornou-se – aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros – um professor, com sua cultura, seu éthos, suas idéias, suas funções, seus interesses, etc. (TARDIF 2000).

3 OS PROFESSORES





Por acreditar que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, procurou-se delinear sua condição de sujeito como professor, para tanto abordamos neste capítulo aspectos de cunho individual, social, formação profissional, opinião sobre o papel da educação e o exercício da profissão.

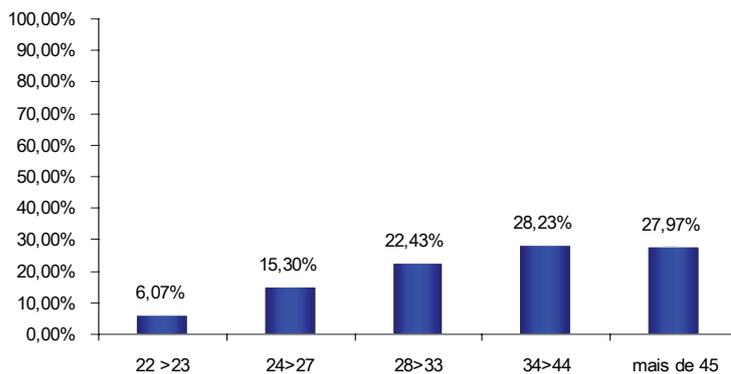
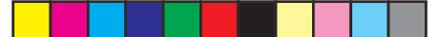
Os resultados estão ordenados pelas dimensões: dados pessoais e profissionais, a profissão docente, opinião sobre a educação e a profissão e reflexões sobre o futuro e a educação; que estão apresentados por meio de figuras, acompanhadas de observações sempre que julgadas pertinentes.

As tabelas com os dados que geraram estas figuras, encontram-se em ordem seqüencial no Apêndice 2.

1.1 Dados pessoais:

Quem são os professores que participaram da pesquisa, no que se refere à sua idade, ao gênero, à região de moradia, ao domínio de várias línguas e à opção pela sindicalização.

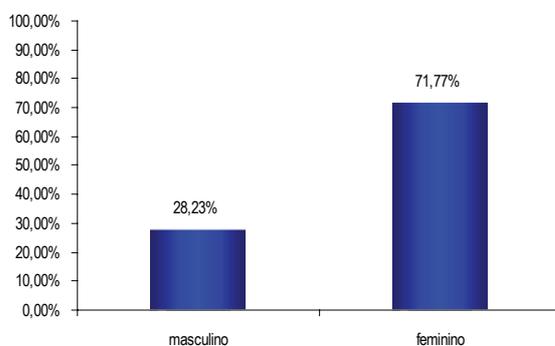
- 56% dos professores têm mais de 34 anos;
- A maioria dos docentes é constituída de mulheres;
- As mulheres entram na profissão docente mais cedo e são maioria em todas as faixas etárias, exceto na de 34>44 anos;
- Os professores, considerando seu domicilio, distribuem-se eqüitativamente em todas as regiões exceto na região central;
- 70% dos professores dominam uma ou mais línguas além da língua portuguesa;
- 87% dos professores que participaram da pesquisa são sindicalizados, viés esperado levando em consideração a metodologia de coleta (site do SINPRO-SP); e
- O Ensino Superior é o nível de ensino cujo número de sindicalizados é proporcionalmente menor.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 1: Distribuição dos professores por faixa etária

Estes dados fazem com que se reflita na renovação dos quadros do magistério. Ao se realizar uma prospecção, tem-se 15% dos professores entre 24>27 anos. Se o tempo de serviço for somado para a aposentadoria especial (Ensino Básico-25 anos, Ensino Superior - 30 anos), aos 49 anos estes professores, poderão se aposentar. Observando a faixa de mais de 45 anos, em dez anos, mais de 50% dos atuais professores poderão se aposentar. Estes dados são corroborados pelas informações do tempo de docência (Figura 7).



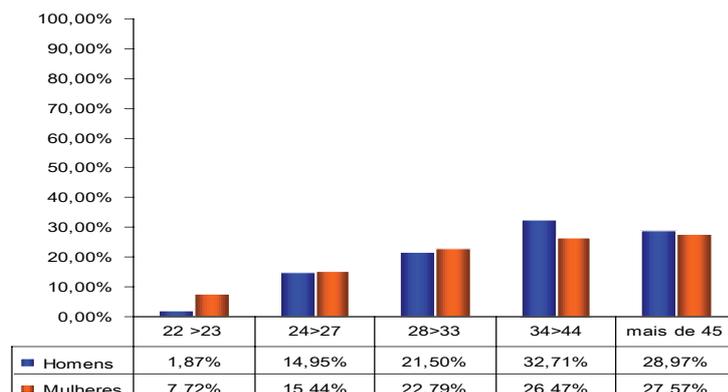
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 2: Distribuição dos professores, segundo o gênero

O Censo dos profissionais do Magistério de 2003, realizado pelo Inep, (www.inep.gov.br/basica/levantamentos/acessar.htm) aponta para o Ensino Básico Privado do Estado de São Paulo, 80% de mulheres e 19,5% de homens, dados muito próximos aos nossos.



Resultados semelhantes são apresentados no relatório da OCDE, sobre a porcentagem de mulheres nas equipes de ensino em cada grupo etário, por nível educacional, em seus países membros, dados de 2002. Indicando a preocupação em muitos países com a redução da proporção de homens na docência, já que, segundo dados desse mesmo relatório, a proporção de mulheres ingressantes nos cursos de formação de professores tende a aumentar.

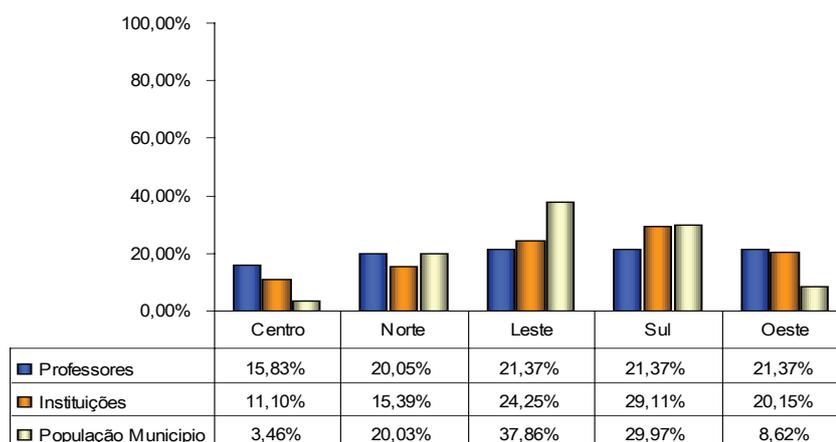


Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 2.1: Distribuição dos professores, associando idade e gênero

Qual importância pode ser estabelecida pelo fato de termos as mulheres entrando na profissão mais cedo?

Possível relação com o nível de ensino? Na Educação Infantil, existem 26% dos professores da amostra e destes, 84% são mulheres (Figuras 6 e 6.1).



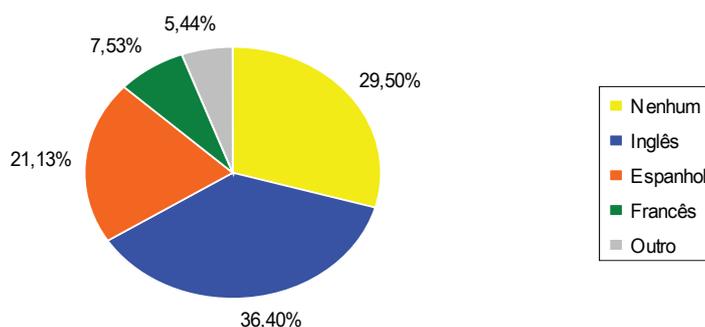
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 3: Distribuição no Município de São Paulo, dos professores (moradia), das Instituições de Ensino e da população

Houve uma preocupação em garantir a participação dos professores com uma distribuição equitativa pela cidade de São Paulo. Ao se observar os dados, outras questões destacam-se:

- a) haverá alguma relação entre a região de moradia dos professores e a distribuição geográfica das instituições de ensino? No Apêndice 2 – Figura 3.1 - distribuição das Instituições de Ensino Privadas no Município de São Paulo, divididas em Ensino Básico e Ensino Superior.
- b) Os professores distribuem-se em seus domicílios da mesma forma que a população no Município de São Paulo?

A comparação dos dados sugere uma maior proximidade com a distribuição das Instituições de Ensino do que com a da população, em geral.



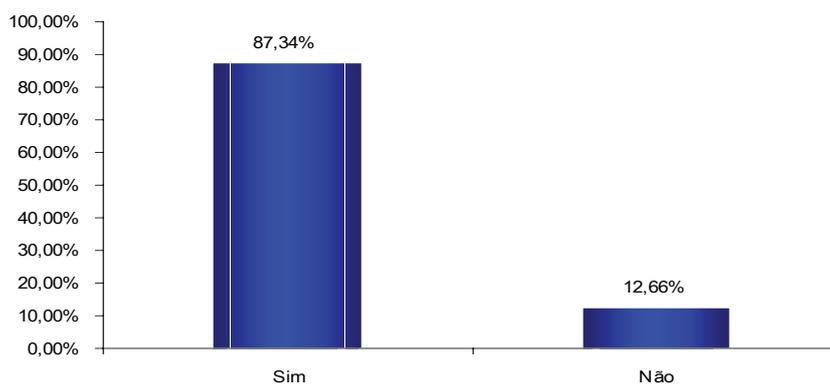
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 4: Professores da amostra: domínio de línguas

Esta questão foi motivada por considerar que as fontes de pesquisa, tanto em livros como na Web requerem cada vez mais a compreensão da língua inglesa e dependendo da área de outras línguas.

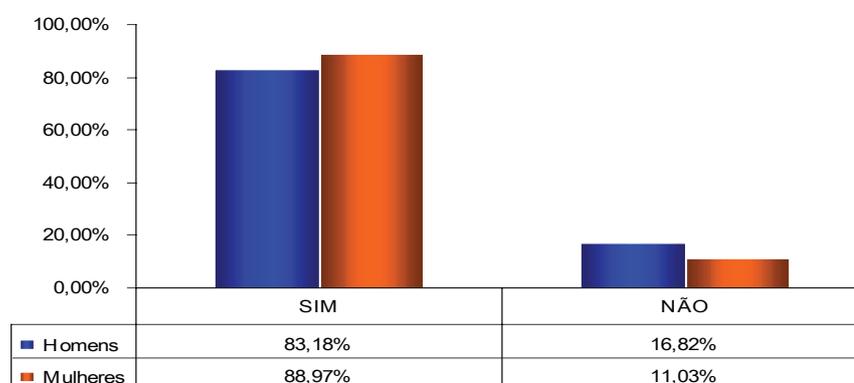
A questão não detalhava a profundidade no conhecimento de línguas.

Considerando que a coleta de dados para esta pesquisa foi realizada por intermédio do site do Sinpro-SP, procurava-se saber se a amostra tinha sido respondida apenas por professores sindicalizados. Este era um viés esperado e os resultados mostram a participação de 12% de professores não sindicalizados.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

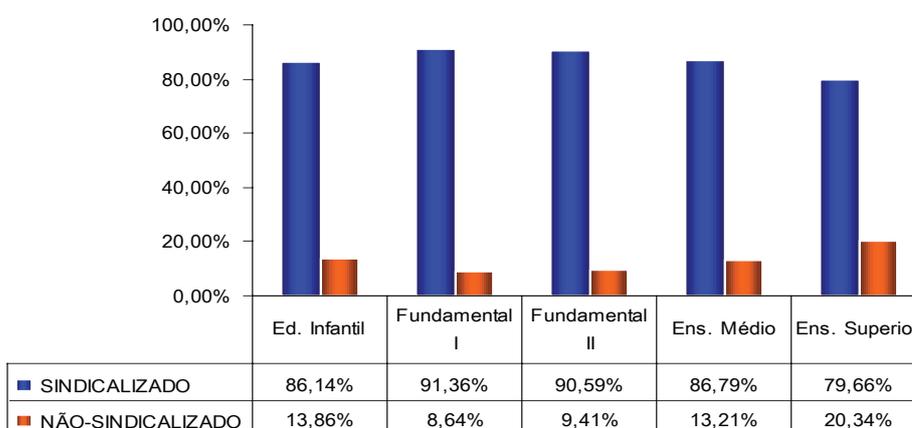
Figura 5: Professores: opção pela sindicalização



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 5.1: Distribuição da sindicalização por gênero

Não foram encontradas diferenças significativas nesta relação.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

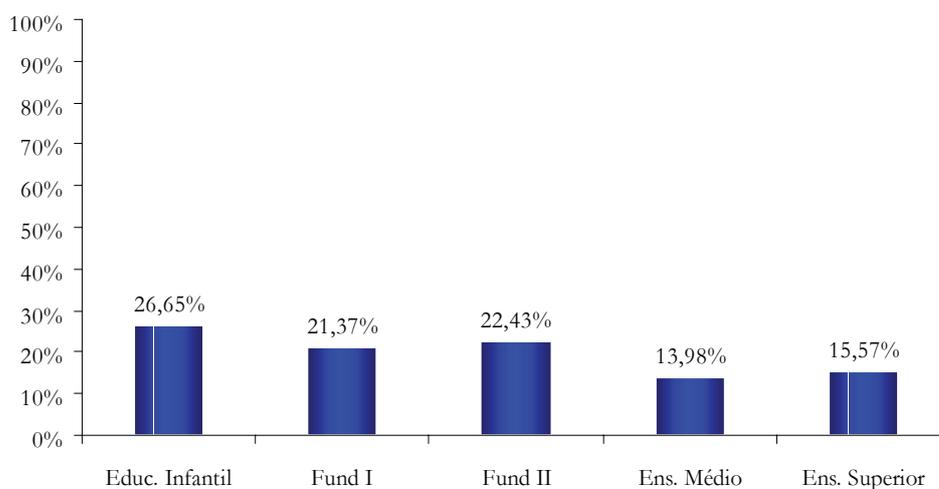
Figura 5.2: Distribuição dos professores sindicalizados, considerando-se os níveis de ensino

A distribuição de sindicalizados, bem como a de não-sindicalizados foi estatisticamente semelhante entre os níveis de ensino. Explorando outras leituras, há no Ensino Superior, um indicativo de menor adesão ao Sindicato.

3.2 Dados profissionais

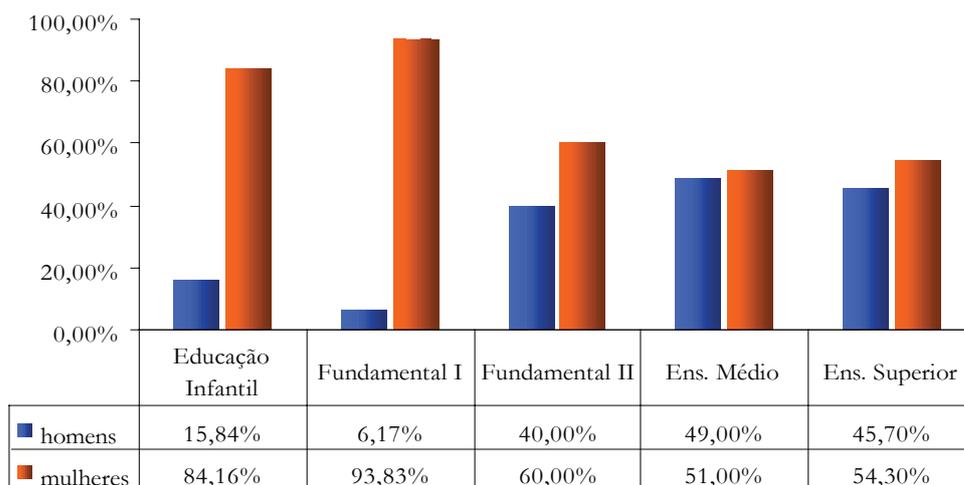
Quais as características profissionais dos professores, no que se refere ao nível em que lecionam, a seu tempo de docência, número de escolas onde dão aulas e à atividade profissional principal, determinando o perfil profissional da categoria.

- 84% dos professores que participaram da pesquisa, lecionam no Ensino Básico e 16% no Ensino Superior;
- Em todos os níveis de ensino, as mulheres são maioria, muito embora sua presença diminua ao longo das séries;
- Na faixa de idade acima de 34 anos, a distribuição dos professores, considerando o nível de ensino, é: 45% na Educação Infantil; 49% no Fundamental I; 58% no Fundamental II; 66% no Ensino Médio e 73% no Ensino Superior. Coincidindo o aumento da faixa etária com a seqüência das séries de ensino;
- Em todos os níveis de ensino, a maioria dos professores tem entre 10 e 20 anos de docência;
- Considerando os professores que têm 25 ou mais anos de docência, o Ensino Básico sinaliza uma renovação de seus quadros mais próxima;
- No total da amostra, 61% dos professores lecionam em uma única escola. Os professores do Ensino Médio destacam-se com um percentual superior a 50% lecionando em duas ou mais escolas. Em todos os casos, a maioria dos professores que leciona em duas ou mais escolas, fazem-no, predominantemente, na rede privada; e
- A docência é para 92% dos professores que participaram da pesquisa a atividade única ou principal. Observando o Nível de Ensino, encontram-se: para os professores do Ensino Básico 93,5% e para o Ensino Superior 81%.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 6: Distribuição dos professores nos níveis de Ensino

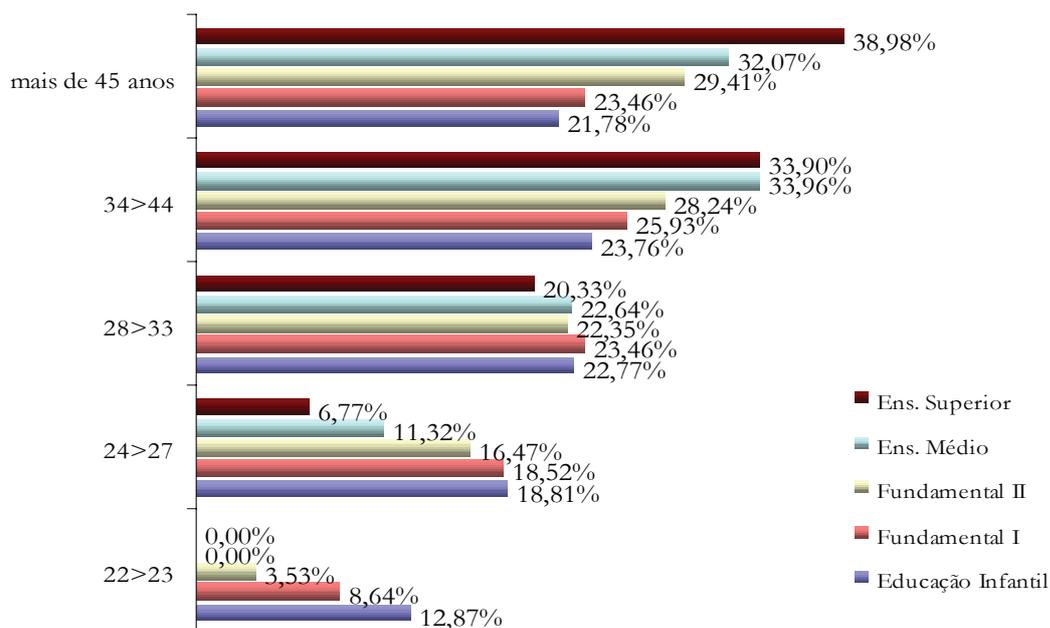


Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 6.1: Distribuição em cada nível de ensino dos professores, considerando o gênero

Nos níveis de ensino, considerado o gênero de seus professores, verificou-se que a presença das mulheres diminui ao longo das séries.

Ainda assim as mulheres constituem maioria em todos os segmentos.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

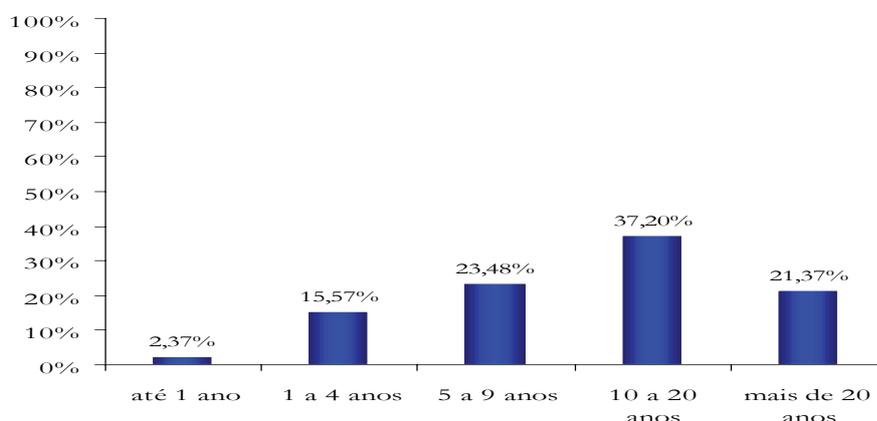
Figura 6.2: Distribuição em cada nível de ensino dos professores, considerando a faixa etária

Faixas etárias predominantes observadas em cada nível de ensino:

Ensino Básico – 34 a 44 anos; Ensino Superior – mais de 45 anos.

A entrada na profissão mais cedo (observar Educação Infantil e Fundamental I) refletir-se-á na saída, também, mais cedo (considerados os 25 anos de tempo de serviço)?

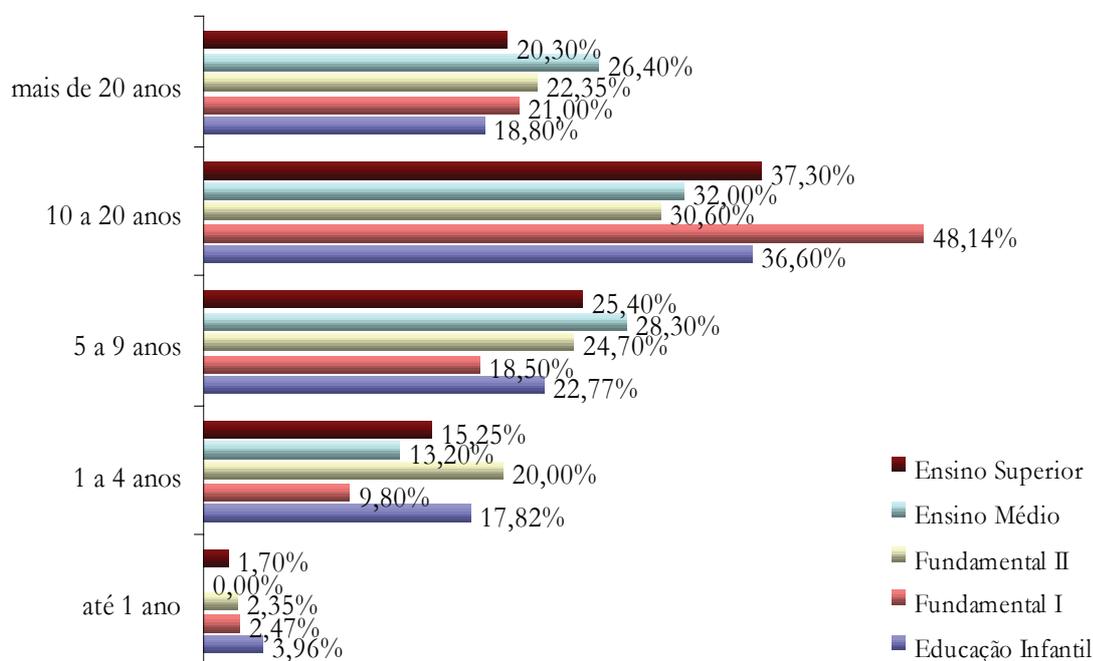
Para o Ensino Superior, pode-se projetar em 15 anos a renovação de 40% de seu corpo docente?



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 7: Distribuição dos professores por tempo de docência

Na distribuição dos professores da amostra, considerado o tempo de docência, dois conjuntos mereceram especial atenção, o que se encontra entre 10 e 20 anos, com 37% dos professores e o de mais de 20 anos de docência com 21,37% dos professores.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 7.1: Distribuição do tempo de docência dos professores nos níveis de ensino

Predominantemente, o tempo de docência para todos os professores está na faixa de 10 a 20 anos.

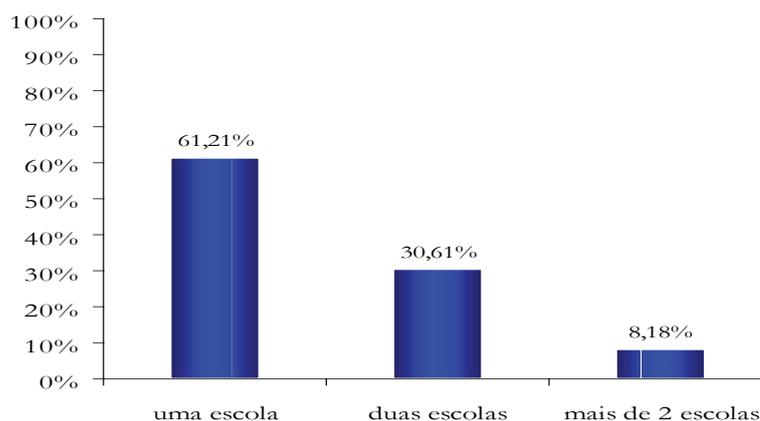
Destacam-se os professores do Fundamental I que apresentam a maior porcentagem nesse grupo de docência.

A fim de clarear estas informações, foram tabuladas as respostas de quantos anos de docência foram indicados, por quem respondeu mais de 20 anos. O resultado encontra-se nos dados da Tabela B7.2 no Apêndice 2.

Como o período aquisitivo do direito de aposentadoria leva em consideração o gênero, cruzando este fator com o tempo de serviço, obteve-se o exposto a seguir, nos dados da Tabela B 7.2.1.

Tabela B7.2.1 Distribuição dos Professores (amostra) com mais de 20 anos de docência em cada nível de ensino, considerando o gênero de seus professores.

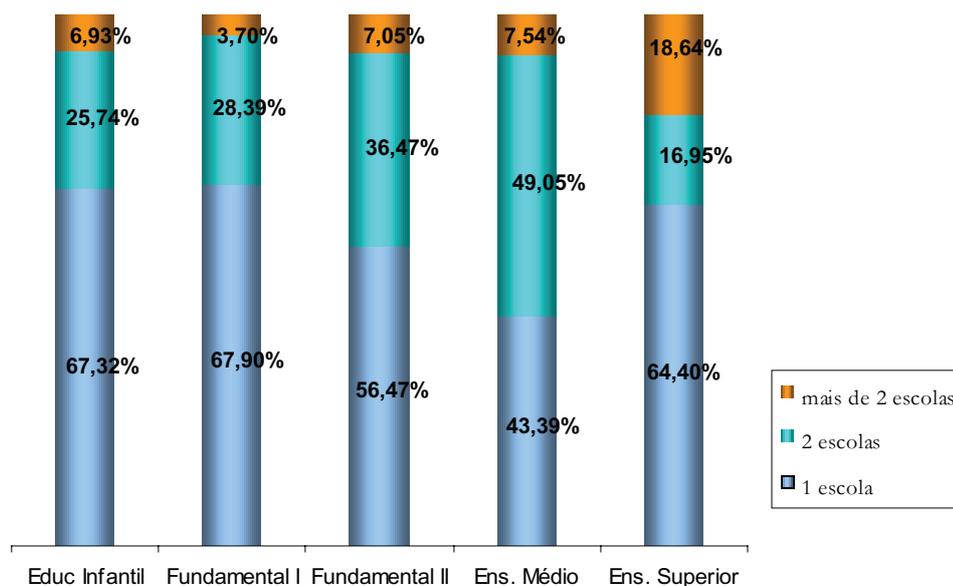
Nível de ensino	21>24		25 ou mais		30 ou mais	
	homens	mulheres	homens	mulheres	homens	mulheres
Educação Infantil	1%	5%	2%	11%		
Fundamental I	0,8%	11,5%	1%	15%		
Fundamental II	3,8%	5,7%	5,2%	7,8%		
Ensino Médio	8,3%	8,67%	4,7%	4,8%		
Ensino Superior	3,2%	3,8%	4%	4,5%	2,3%	2,7%



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 8: Número de escolas onde os professores dão aulas?

Dados do relatório da Unesco (FSP- 20/05/2008- C6) mostram que 29% dos alunos brasileiros têm aula com professores que dão aula em mais de uma escola.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

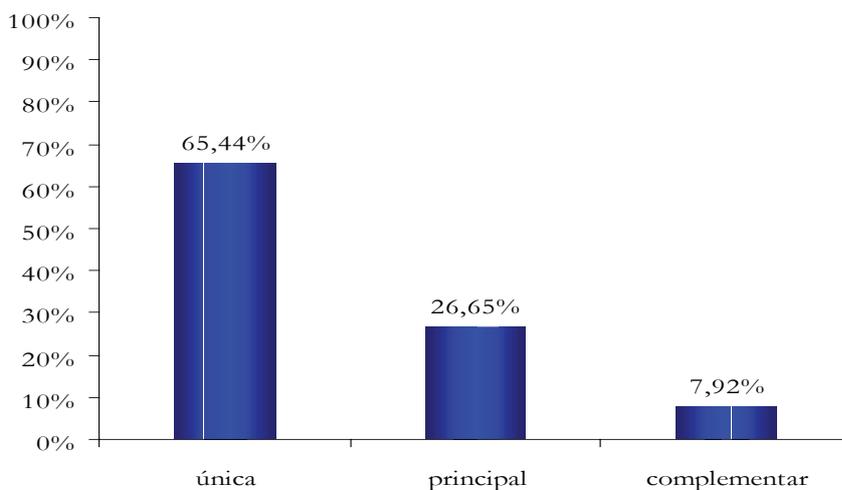
Figura 8.1: Número de escolas onde dão aula, por nível de ensino

Os professores do ensino médio deslocam-se mais, dando aulas em mais escolas (56,59%), seguidos dos professores do Fundamental II (43,52%), do Ensino Superior (35,60%) e do Fundamental I e Educação Infantil (32%). Em que redes de ensino dão aulas? A resposta a esta questão está nos dados da tabela a seguir.

Tabela B8.2 Distribuição dos professores por nível de ensino nas redes Privada, Municipal, Estadual e Federal

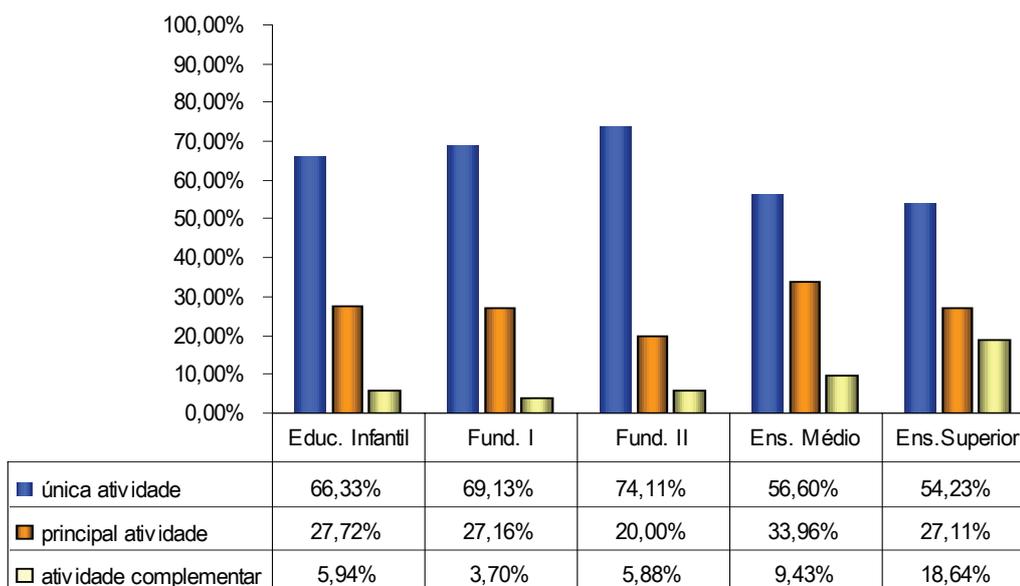
Nível de Ensino	Rede	1 Escola (só na rede Privada)	2 ou mais escolas (Privada, Municipal, Estadual ou Federal)	Os que lecionam em 2 ou mais escolas, fazem-no só na rede privada.
Educação Infantil	Privada	67,32%	32,68%	17,83%
	Municipal		8,91%	
	Estadual		5,94%	
	Federal		0,00%	
Fundamental I	Privada	67,90%	32,10%	16,06%
	Municipal		6,17%	
	Estadual		9,87%	
	Federal		0,00%	
Fundamental II	Privada	56,47%	43,53%	20,01%
	Municipal		7,05%	
	Estadual		16,47%	
	Federal		0,00%	
Ensino Médio	Privada	43,39%	56,61%	39,64%
	Municipal		3,77%	
	Estadual		13,20%	
	Federal		0,00%	
Ensino Superior	Privada	64,40%	35,60%	30,52%
	Municipal		0,00%	
	Estadual		5,08%	
	Federal		0,00%	

Os dados da Tabela B8.2 mostram que o professor que leciona em mais de uma escola, permanece em sua maioria, na rede privada. Nenhum dos professores participantes da presente amostra dá aulas na rede Federal.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 9: Distribuição da atividade profissional, como professor



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 9.1: Atividade principal em cada nível de ensino

Observar que os 56,6% professores do Ensino Médio que declararam ter o magistério como única atividade, equivalem aos que lecionam em mais de uma escola.

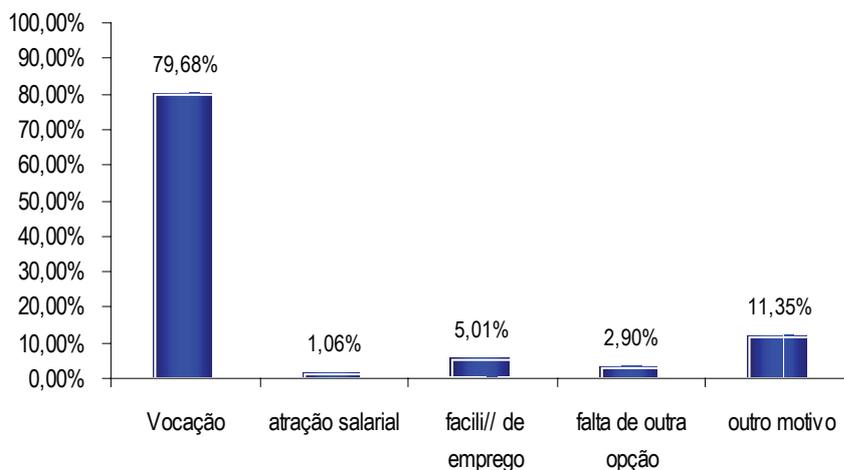
O mesmo não se verifica nos outros níveis de ensino, haverá algum significado nisso?

Por outro lado, 81,34% dos professores do Ensino Superior têm a docência como única ou principal atividade profissional. Mudança de perfil? Ou viés provocado pelo universo utilizado no cálculo da amostra

3.3 A Profissão docente

O que motivou os professores a escolher a profissão de professor e, hoje, gostariam de mudar? Quais os motivos?

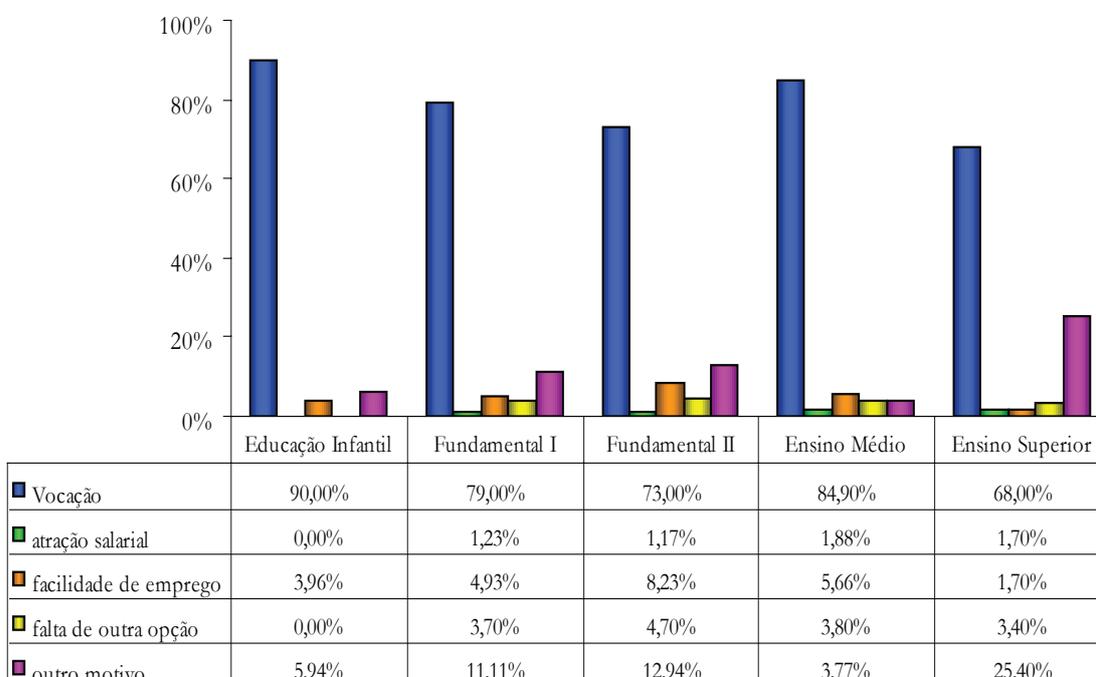
- 80% dos Professores indicam a vocação, como motivo para a entrada no magistério. Na Educação Infantil, esse percentual é de 90%; e no Ensino Superior de 70%;
- 65% dos professores desejam continuar no magistério; identificou-se o maior descontentamento entre os professores do Ensino Fundamental I e II;
- O motivo para a escolha do magistério não interfere em seu desejo, de hoje, permanecer ou não na profissão;
- 90% dos professores indicam o salário e o desgaste emocional como principais motivos para mudar de profissão;
- Os professores avaliam positivamente os cursos que os formaram, somados MB e B temos: para o conteúdo 90%; para as metodologias, 81% e para as novas tecnologias, 64%;
- Esta avaliação manteve-se entre os professores de todos os níveis de ensino e das diversas faixas etárias;
- Os professores avaliam-se bem em seu início da carreira docente, sem diferenças significativas, considerados os níveis de ensino;
- A indisciplina dos alunos é a maior dificuldade para os professores em sua prática docente hoje. Seguem-na o aumento do número de horas de trabalho em casa e o grande número de alunos em sala de aula;
- 70% dos professores fizeram cursos de atualização no último ano. Não sendo significativas as diferenças se forem considerados o nível de ensino e o tempo de docência;
- 25% dos professores buscaram atualização sem interferência da Instituição onde trabalham. 45% foram estimulados pela escola;
- Predomina a modalidade de cursos presenciais, com boa avaliação por parte dos professores; e
- Os cursos foram realizados predominantemente fora da Escola e do Sinpro; 50% indicaram outros locais, 24% citaram Universidades. Na maioria das vezes, os professores são responsáveis pelos custos de sua atualização pedagógica.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 10: Razões para a escolha da profissão

A vocação é assinalada como o principal motivo para a docência. Haverá diferenças entre os vários níveis de ensino? Esta vocação consegue manter o professor vinculado à sua profissão, satisfeito com sua escolha?



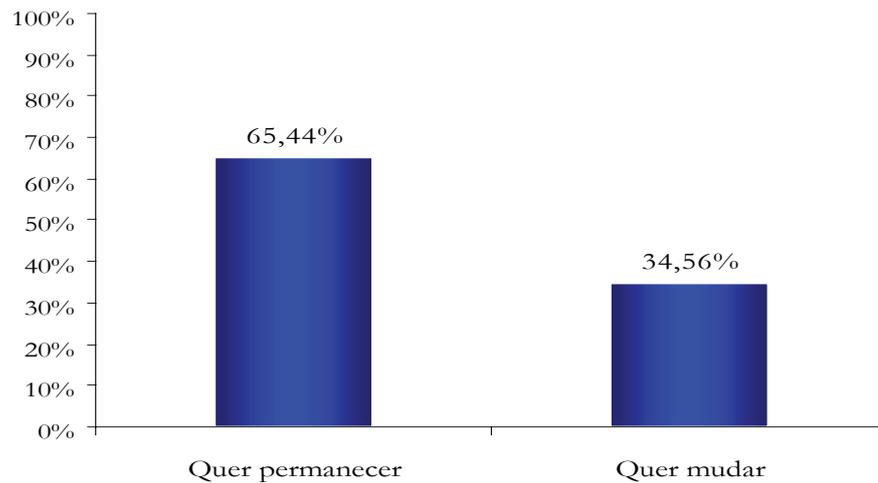
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 10.1: Razões para a escolha da profissão em cada nível de ensino

Em todos os níveis de ensino, a vocação foi apontada como o principal motivo para a escolha da docência.

Nos professores da Educação Infantil, existe o maior indicativo; da vocação; a atração salarial não foi significativa em nenhum nível de ensino; no Ensino Superior, outras razões, foram assinaladas por 25,40% dos professores.

O que isso pode significar?

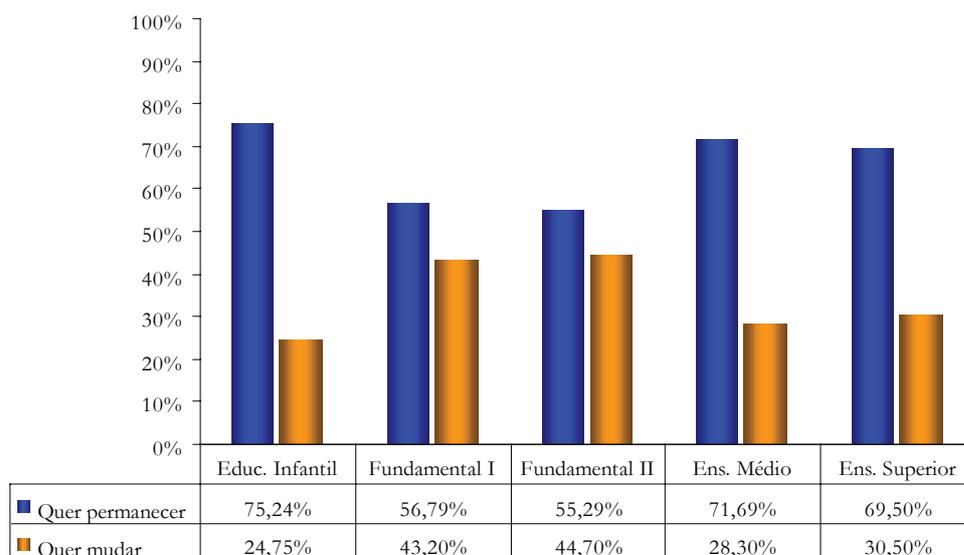


Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 11: Satisfação com a profissão - mudaria se pudesse?

O desejo de permanecer na profissão foi apontado por 65,44% dos professores.

Existem diferenças significativas entre os vários níveis de ensino?



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 11.1: Em cada nível de ensino, quem deseja permanecer?

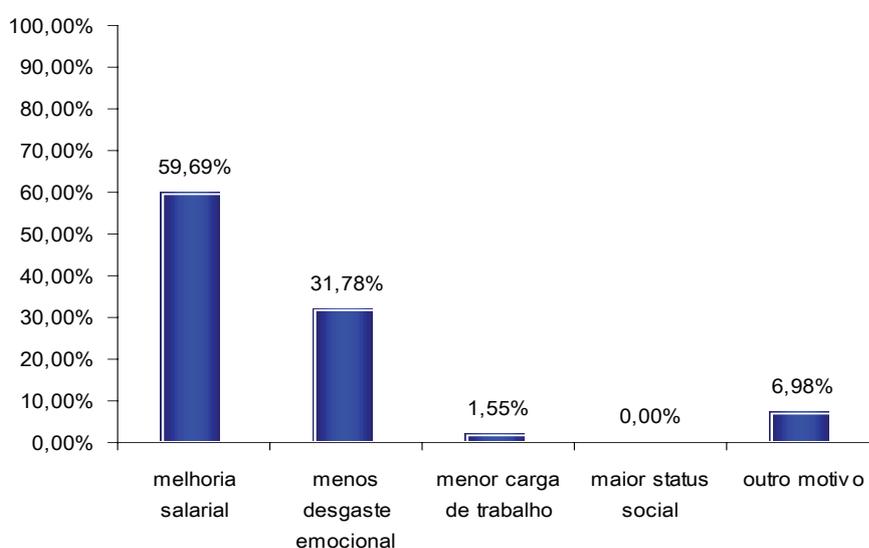
O resultado mostrou que os professores do Fundamental I e II estão abaixo da média no desejo de permanecer na profissão.

O que isso pode significar? Faixa etária dos alunos? Maior pressão dos pais?

Na primeira questão aberta: o que o professor pensa sobre a Educação dos próximos anos, observou-se que os professores do Ensino Fundamental I e II sintomaticamente fazem maior número de referências à mercantilização do ensino e à influência que os pais exercem sobre a escola, resultando em interferência e pressão sobre o trabalho do professor.

Procurou-se saber se haveria relação entre o desejo de permanência na profissão e a vocação assinalada para a entrada na profissão docente, os resultados mostraram que não há significância nessa relação. (Tabela C11.2 e Figura 11.2, no Apêndice 2).

Entre os professores que indicaram a intenção de mudar de profissão, quais as razões assinaladas?



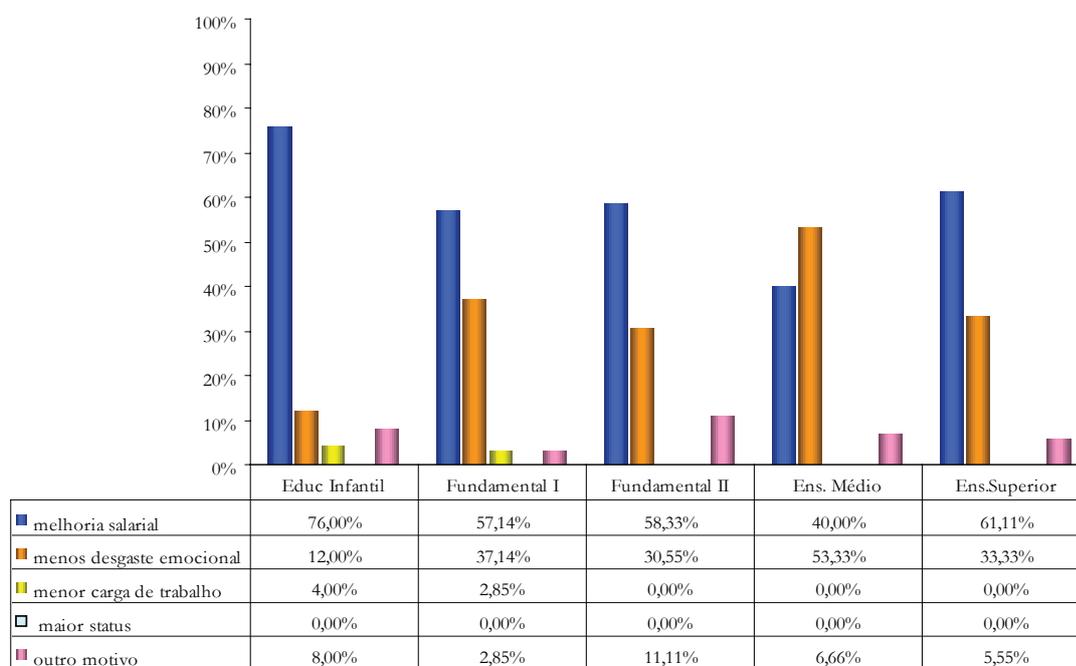
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 12: Razões para mudança de profissão

Os dados da Figura acima chamam a atenção pelo fato de:

1º- nenhum professor ter assinalado a opção de que a mudança de profissão seria para adquirir maior status social. Sinalização de que ainda consideram a profissão importante e, na verdade, valorizam-na?

2º- a carga de trabalho não é motivo relevante para mudar. Paradoxalmente, nas respostas dadas à questão 14 – Tabela C15, no Apêndice 2, os professores apontaram como a segunda maior dificuldade, hoje, em sua prática docente o aumento da carga de trabalho, tanto em casa como no espaço escolar.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 12.1: Em cada nível de ensino, quais as razões para mudar de profissão?

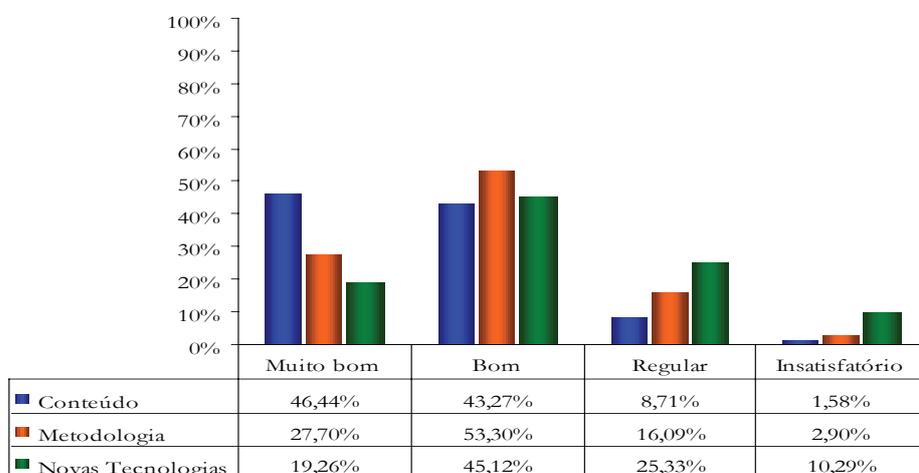
Buscando as razões para mudar de profissão, por nível de ensino, destacaram-se:

1º- A Educação Infantil (76%), Fundamental I (57%), Fundamental II (58%) e o Ensino Superior (61%) priorizando a busca por melhoria salarial;

2º- O Ensino Médio com a sinalização do desgaste emocional (53,33%), como razão para mudar. Conflito dada a faixa etária de seus alunos?

3º- O Fundamental II ao assinalar outro motivo (11,11%); nesta situação indicou o desejo de se dedicar a atividades ligadas à pesquisa e à realização profissional.

Como avaliam seu curso de graduação? E seu início de carreira? Quais as dificuldades que hoje encontram na profissão? Buscaram atualização no último ano?



Fonte: Arquivo da pesquisadora

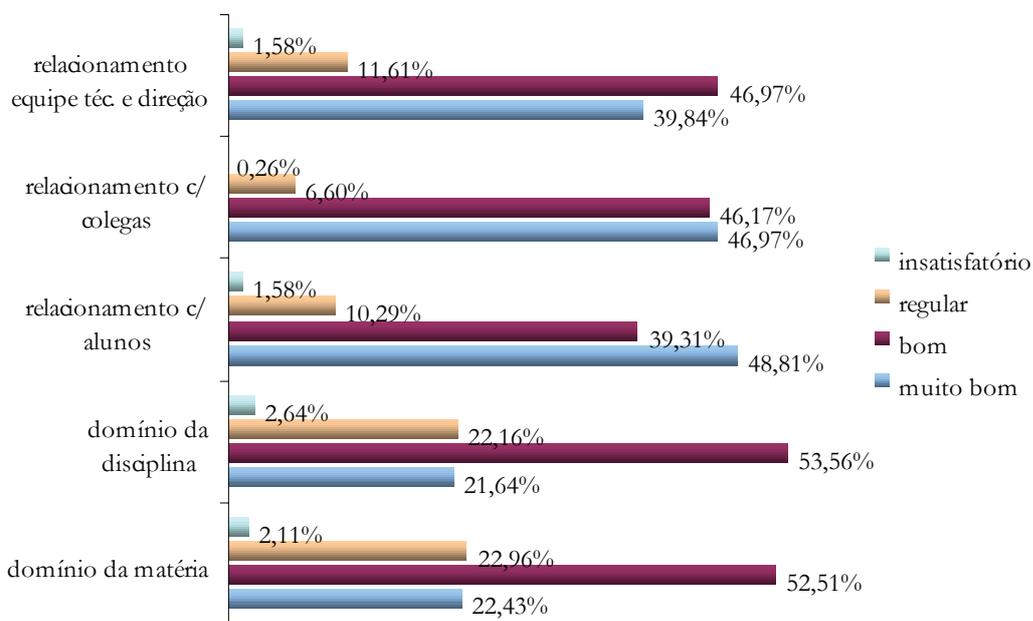
Figura 13: Como os professores avaliam seu curso de formação?

A avaliação em relação ao conteúdo e à metodologia, somados muito bom e bom superou 80% para os professores investigados. Nas novas tecnologias, essa avaliação caiu para 65%.

Buscando compreender o aparente conflito que se coloca frente aos resultados da investigação nos Cursos de Formação, também objeto deste estudo, e as respostas dadas pelos professores, a investigação foi ampliada para cada nível de ensino e nas diversas faixas etárias dos professores participantes.

Os dados das Tabelas C13.1, 13.1.A, 13.2, 13.2.A; Figuras 13.1.A e 13.2.A no Apêndice 2 indicaram que não existem diferenças significativas para esses dois parâmetros.

Segundo os Professores, os Cursos que os formaram, prepararam-nos bem para o exercício do magistério.

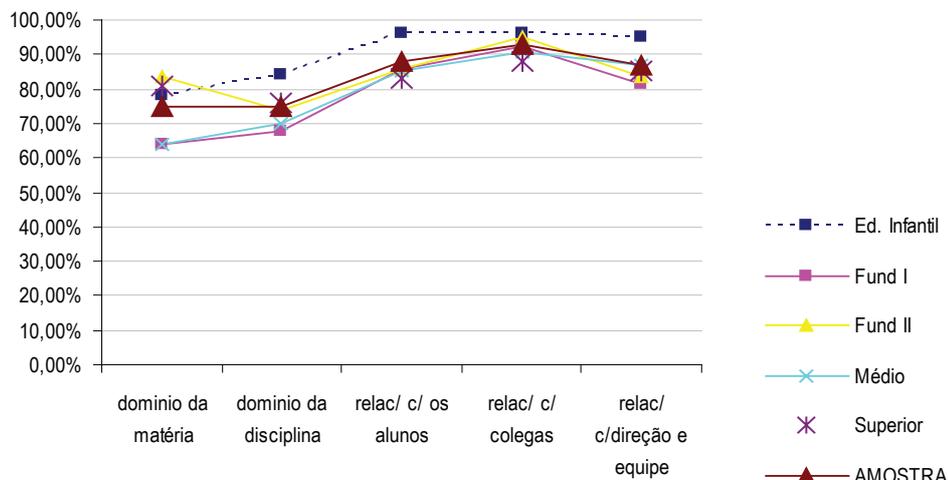


Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 14: Como avalia seu início na carreira docente?

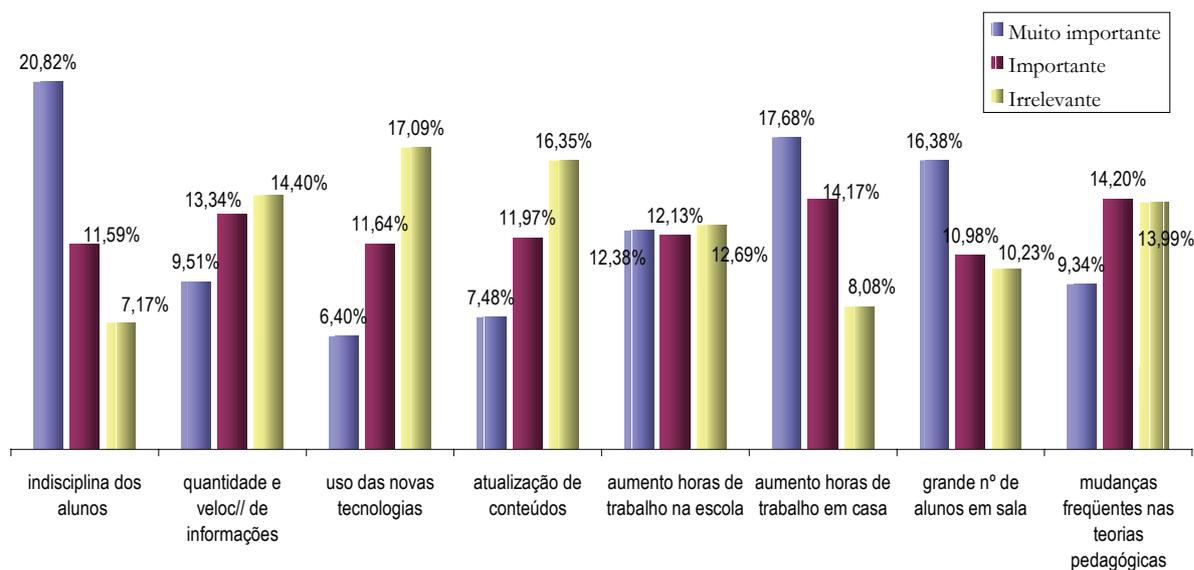
As respostas obtidas mostraram que os professores avaliam-se muito bem em seu início de carreira em todas as dimensões pesquisadas. As pequenas dificuldades apontadas referem-se ao domínio da matéria e da disciplina dos alunos. Ainda assim, somados regular e insatisfatório, o percentual ficou em torno de 25%.

Os dados da Tabela C14.1 (Apêndice 2) especificam as avaliações por nível de ensino, permitindo concluir que o resultado é semelhante em todos eles. Cabendo a ressalva para a Educação Infantil, segmento que melhor se avaliou, conforme resultados comparativos, somadas as respostas de muito bom e bom, nos dados da figura abaixo (Figura 14.1) e Tabela C14.1.A, no Apêndice 2.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 14.1: Dados comparativos da avaliação do início da carreira docente (somadas as avaliações de Muito Bom e Bom)



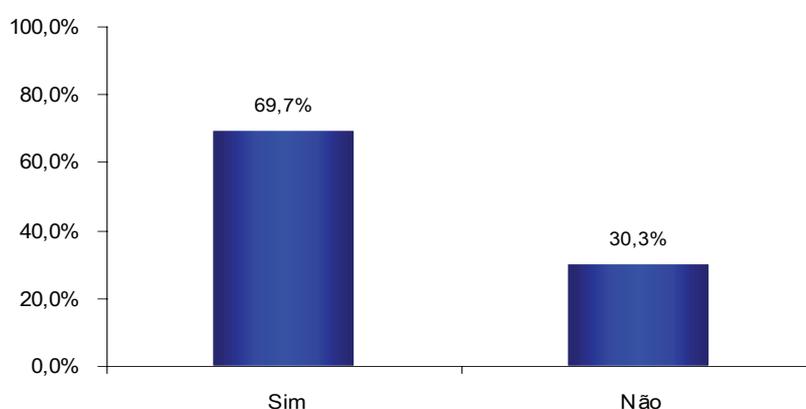
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 15: A prática docente hoje, quais são suas maiores dificuldades?

Entre as possibilidades de resposta, a indisciplina dos alunos foi a mais assinalada, seguida do aumento do número de horas de trabalho em casa e do grande número de alunos em sala de aula. Tabela C15 (Apêndice 2) e Figura 15.

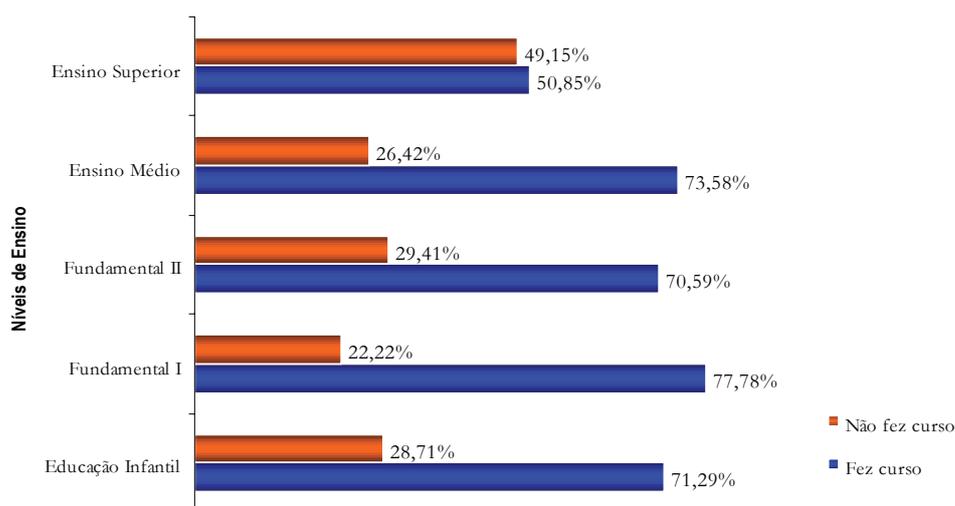
Muito embora a aplicação do teste do Qui-quadrado não indique diferenças significativas entre os níveis de ensino, outra leitura poderá ser feita se forem agrupados os professores do Ensino Básico e do Ensino Superior. Observa-se que a indisciplina dos alunos é, para os professores do Ensino Básico, seu maior problema e para os professores do Ensino Superior, o grande número de alunos em sala de aula.

Uma análise mais detalhada dos dados da Tabela C15.1 (Apêndice 2) e da Figura 12.1 permite identificar a importância da indisciplina e do aumento do número de horas de trabalho, geradores de desgaste emocional, como uma das razões para mudar de profissão indicadas pelos professores do Ensino Fundamental I ao Ensino Superior, tendo menor relevância este fator apenas para os professores da Educação Infantil.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 16: Quantos professores fizeram cursos de atualização no último ano?

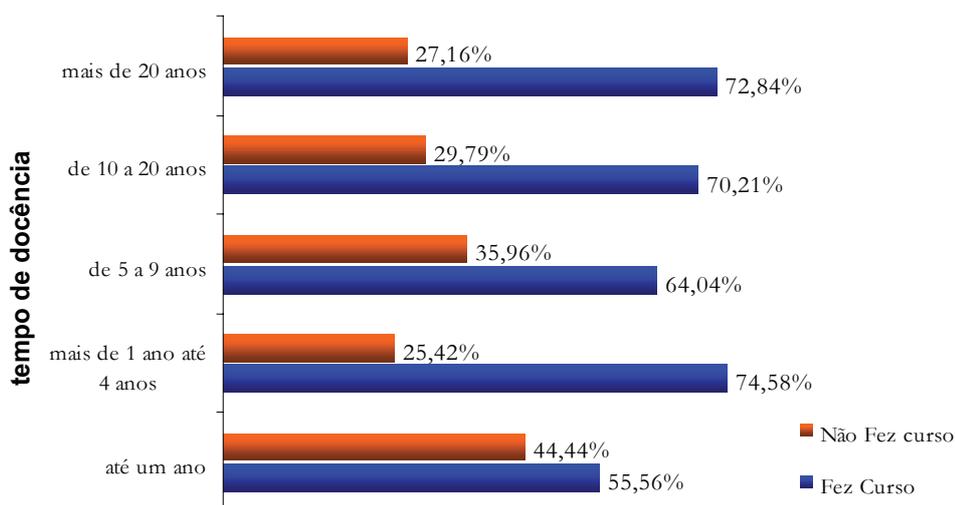


Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 16.1: Professores que fizeram cursos de atualização no último ano, considerando o nível de ensino

Os professores do Ensino Superior destacaram-se: 49% declararam não ter feito curso de atualização no último ano. O teste do Qui-quadrado aplicado confirmou essa diferença.

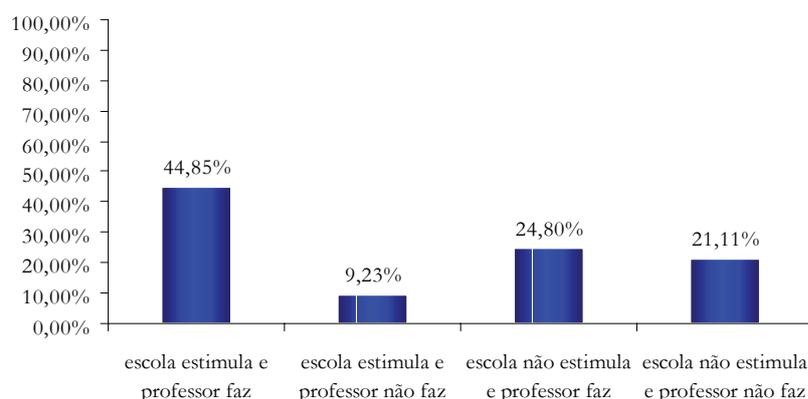
Possíveis razões: o fato de não considerarem o mestrado ou doutoramento como atualização? O fato de serem profissionais já com maior habilitação?



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 16.2: Professores que fizeram curso de atualização, considerando o tempo de docência

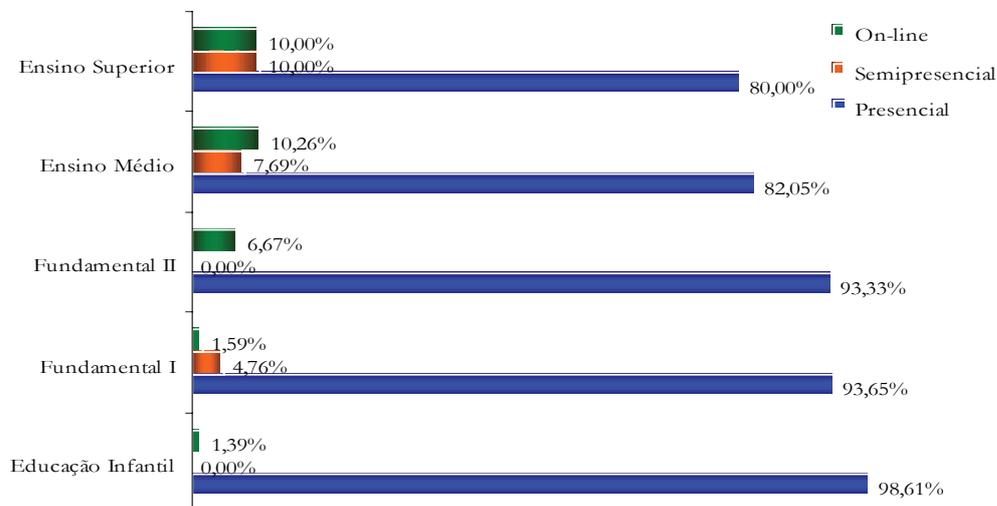
O tempo de docência é um fator que interfere na necessidade de atualização profissional? Como era de se esperar no 1º ano de magistério o número de professores que buscam atualização foi menor. A partir daí, os dados não sinalizaram diferenças significativas entre quem fez ou não cursos, levando em consideração o tempo de docência.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 16.3: De que forma o estímulo da instituição de ensino onde os professores trabalham interfere na busca por atualização?

Os resultados sugeriram que há eficiência do estímulo da escola à atualização do professor. Apenas 9 % resistem a esse estímulo. Por outro lado, 25% dos professores buscaram atualização por iniciativa própria.



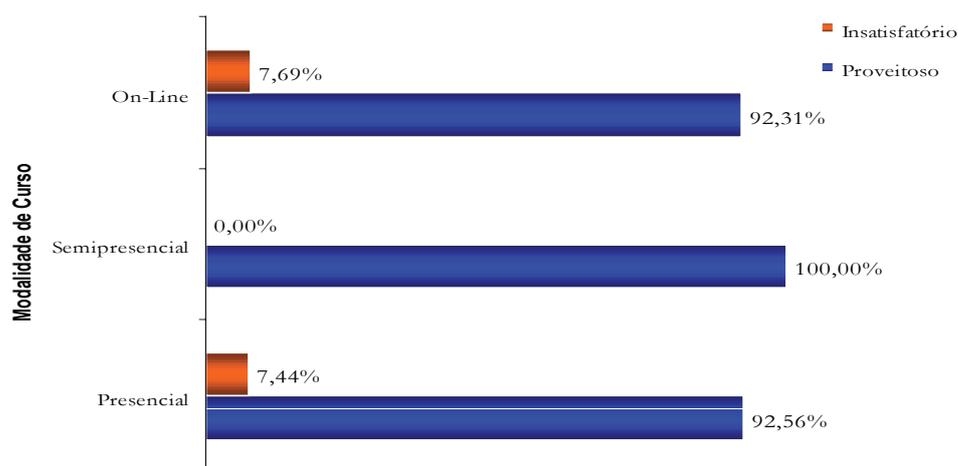
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 16.4: Considerando o nível de ensino, que tipo de curso os professores fizeram?

Muito embora os cursos presenciais ainda sejam os mais realizados pelos professores, de todos os níveis de ensino, destacaram-se, significativamente, o Ensino Médio e o Ensino Superior com um percentual próximo a 10% de atualização por meio de cursos nas modalidades semipresencial e on-line.

O que isso pode significar? Maior aceitação e facilidade para essas modalidades?

Maior oferta desses cursos para professores especialistas?

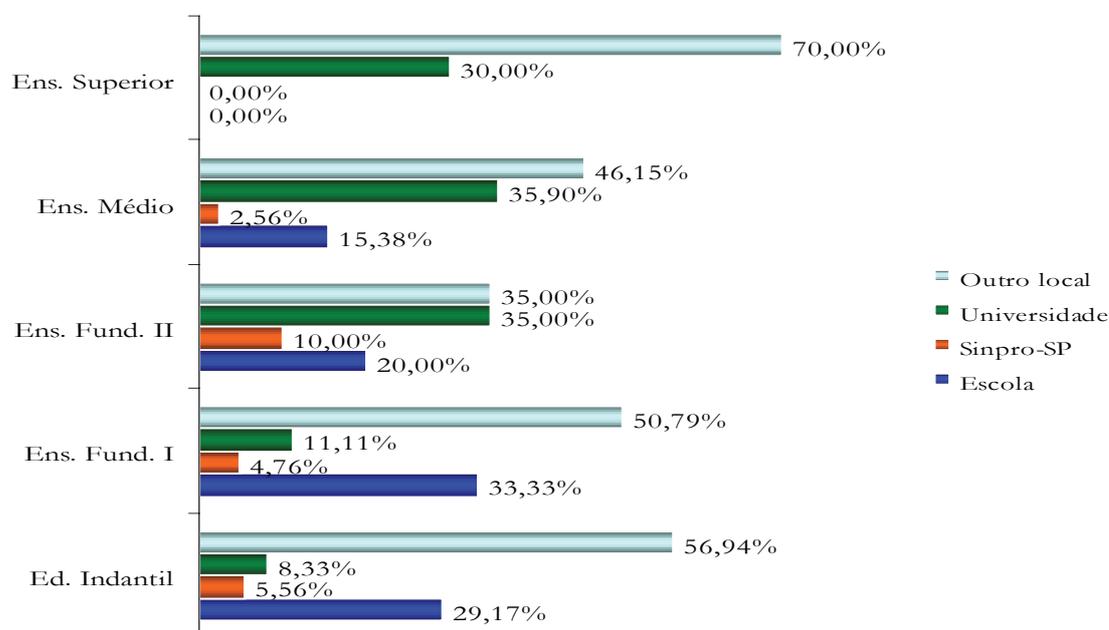


Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 16.5: Como avaliam esses cursos de atualização, levando em consideração o tipo de curso?

A avaliação dos cursos foi bastante positiva, mais de 90% dos professores acharam que foram proveitosos, independente da modalidade de curso. Com o indicativo para os cursos semipresenciais de total satisfação.

O acaso ou influência de uma estratégia que combina tecnologia e contato humano?



Fonte: Arquivo da pesquisadora

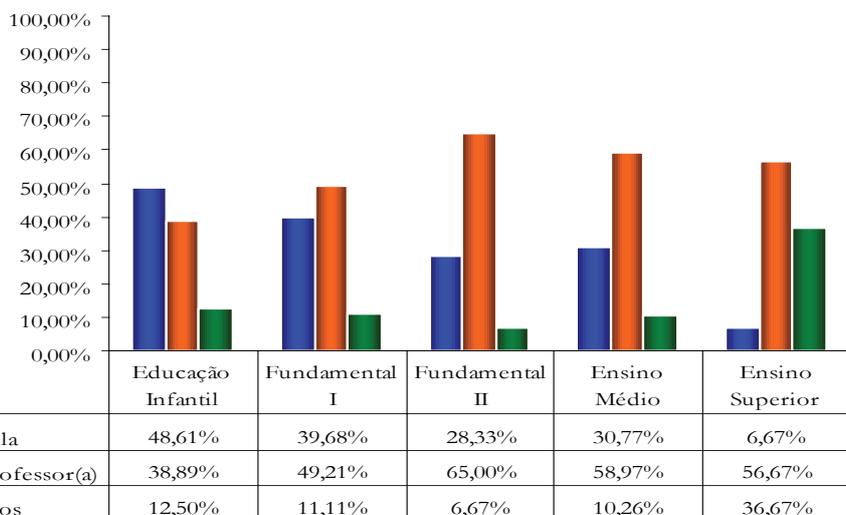
Figura 16.6: Onde fizeram o(s) curso(s)?

Observar:

- A maior presença da Escola como local de atualização na Educação Infantil e Fundamental I.
- A ausência da Escola e do Sinpro, como locais de atualização do Ensino Superior.
- A presença da Universidade claramente a partir do Fundamental II.
- A predominância de outros locais em todos os níveis de ensino.

Nesta situação, podemos pensar:

- nas possibilidades de oferta de cursos de atualização em: Editoras, Centros Culturais, ONGs, e Empresas.
- no Ensino Superior, com maior número de profissionais liberais as atualizações podem ocorrer por meio de empresas ou mesmo órgãos de classe.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 16.7: Quem pagou o(s) curso(s)?

Exceto na Educação Infantil, em que a escola tem uma participação superior à dos professores, nos demais níveis de ensino o ônus da atualização é do próprio professor! No Ensino Superior, destaca-se a participação nos custos de outras entidades. Empresas? Universidades?

3.4 Opinião sobre a Educação e a Profissão

Os veículos de comunicação referem-se à educação brasileira, hoje, como ineficiente.

Como os professores vêm essa questão? Que razões indicam? Segundo os professores, qual é o papel da Educação hoje? O que pensam sobre a regulamentação da profissão? Já foram avaliados e para quê, durante a sua vida docente?

- 60% dos professores concordaram com a baixa qualidade da educação brasileira;
- As razões apontadas por ordem de importância:
 - Os baixos salários, resultando em desprestígio da profissão;
 - A cultura de retorno rápido aplicada à educação, confundindo-a com uma atividade empresarial de mercado; e
 - O excesso de trabalho do professor.
- O papel da Educação para os professores fundamenta-se igualmente em: formar cidadãos conscientes e solidários, transmitir cultura, conhecimento e preparar para o mundo do trabalho.
- 76% dos professores manifestaram-se favoravelmente a um exame de qualificação para o exercício da profissão;
- 60% dos professores já foram avaliados durante sua vida docente;
- As avaliações foram aplicadas predominantemente pela direção, equipe técnica da Instituição e pelos alunos;
- Em 65% das avaliações, os resultados serviram para reflexão e reestruturação da prática docente e do sistema de ensino adotado; e
- Em 15%, os resultados serviram como argumento para demissão dos professores.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 17: Concordam com a imagem que é projetada?

Razões assinaladas pelos professores que concordam com a mídia, a respeito da ineficiência da Educação em cada nível de ensino.

Para esta questão, no questionário foram apresentadas oito possíveis razões que poderiam justificar a concordância dos professores com a imagem projetada pela mídia. Os professores eram orientados a escolhê-las, atribuindo-lhes nota de 1 a 5, segundo o grau de importância, sendo a nota 1 a mais importante e a nota 5 a menos importante. Nos dados da Tabela D17.1 (Apêndice 2), encontram-se as respostas com o agrupamento de notas 1 e 2; 3 e 4 e 5 e nenhuma resposta.

Segundo os professores, as razões que afetam a qualidade e a imagem da Educação são (em ordem decrescente de importância):

1. baixos salários dos professores, desprestigiando sua função;
2. educação vista como negócio, expectativa de retorno rápido;
3. carga de trabalho excessiva do professor;
4. desinteresse dos alunos;
5. falta de preparo dos professores;
6. confusão entre infra-estrutura física/organizacional e o trabalho do professor;
7. currículos defasados/desatualizados nos cursos de formação; e
8. invisibilidade dos professores nos meios de comunicação.

As respostas obtidas nos diversos níveis de ensino não apresentaram diferenças significativas.



Ao se buscar um aprofundamento na compreensão das respostas, foram escolhidas as opiniões que, na média, tiveram maior valoração (acima de 20%). Ficou-se, portanto, com as cinco razões mais assinaladas. Estas foram agrupadas, somando-se os percentuais atribuídos com notas de 1 a 4, considerando-as como fatores muito importantes e importantes e representados nos dados da Tabela D17.2 comparando-as com a média na amostra. As opções com maior atribuição percentual de nota 5 ou sem nota, consideradas irrelevantes, não foram utilizadas para esta comparação.

Tabela D17.2 – Dados Comparativos -Amostra e Níveis de Ensino - somadas as seleções de 1 a 4, para as cinco razões mais assinaladas

	Educação Infantil	Fund. I	Fund. II	Ensino Médio	Ensino Superior	Amostra
baixos salários dos professores, desprestigiando a sua função	30,19%	36,11%	31,89%	29,44%	28,47%	31,22%
carga de trabalho excessiva do professor	24,22%	31,52%	27,50%	38,18%	30,62%	30,41%
desinteresse dos alunos	26,22%	21,26%	30,57%	34,17%	23,84%	27,21%
falta de preparo dos professores	32,76%	28,63%	24,40%	26,70%	26,33%	27,76%
educação vista como negócio, expectativa de retorno rápido	21,52%	22,44%	25,13%	20,25%	27,25%	23,32%

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Segundo os professores, qual é o papel da Educação hoje?

A apresentação desta questão no instrumento de pesquisa seguiu o mesmo modelo daquela que investigou as razões da ineficiência da Educação, ou seja, os professores foram orientados a respondê-la com atribuição de nota de 1 a 5, como na questão anterior. A tabulação das respostas, em cada nível de ensino, encontra-se no Apêndice 2, Tabela D18.

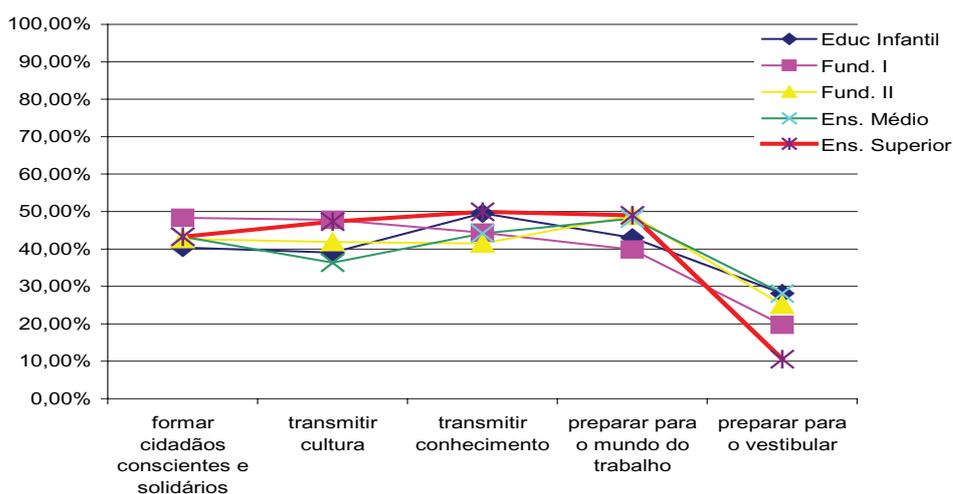
Observadas as respostas, concluiu-se que existe uma concordância de que formar cidadãos conscientes e solidários é o papel mais importante da Educação. Em segundo e terceiro lugares, é preciso transmitir conhecimento e cultura. A preparação para o mundo do trabalho ganha relevância a partir do Fundamental II.

As respostas dos professores em relação à preparação para o vestibular, estratégia de marketing, de competição entre as escolas do ensino básico privado e de pressão por resultados sobre os professores, indicam discordância de concepção quanto ao papel da Educação.

Para 20,38% dos professores desse segmento, preparar para o vestibular é um papel importante; 42,53% consideram-no irrelevante.

Sinalização de uma recusa em adotar como meta a preparação para o vestibular, dilema muito freqüente entre os docentes das séries mais avançadas do ensino básico, que se sentem pressionados e limitados pelos programas para vestibular em seu papel de formadores?

Para melhor compreensão das respostas, as opções foram agrupadas por notas atribuídas de 1 a 4, Tabela D18.1 e Figura 18 (a seguir).



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 18: Opinião dos professores sobre o papel da Educação – dados comparativos, entre os níveis de ensino, somadas as notas de 1 a 4

O teste do Qui-quadrado indica que os resultados obtidos entre os níveis de ensino são semelhantes entre si.

Regulamentação da Profissão

O baixo desempenho alcançado pelos alunos nas múltiplas avaliações a que vêm sendo submetidos, coloca a educação brasileira sob “suspeição”. Muitos fatores têm sido apontados como responsáveis pela baixa qualidade de ensino que é ofertado aos jovens; como as: políticas públicas, privatização, universalização do ensino, entre outros.

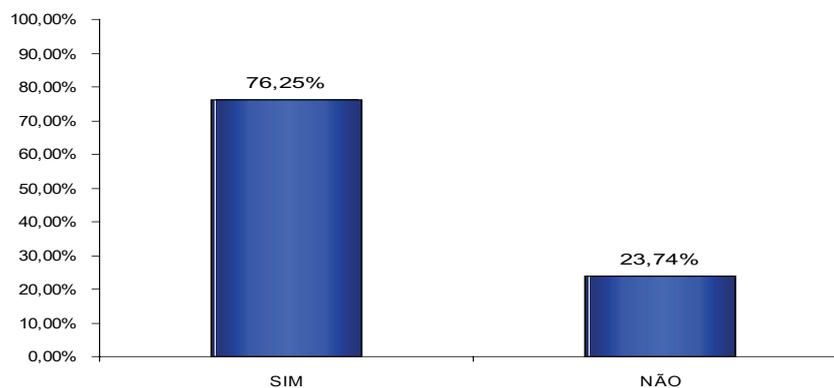
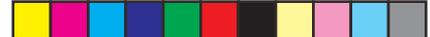
Outra vertente muito discutida é a capacidade de desempenho dos alunos e a influência que os professores exercem em seu aprendizado.

A qualidade dos professores é, então, responsabilizada pelos resultados educacionais. Começam a ser pensadas e aplicadas avaliações para os docentes.

(O governo do Estado de São Paulo, responsabilizando os professores pelo baixo desempenho educacional, introduziu políticas de premiação para os docentes, ampliou a oferta de cursos de formação continuada e sinaliza com punições aos docentes que não se adequem às novas regras, conforme divulgado na grande imprensa⁴. Estas atitudes, hoje aplicadas ao ensino público, rapidamente serão assimiladas pelo ensino privado).

Difunde-se a idéia da necessidade de se selecionar os docentes para o exercício do magistério. **O que os professores pensam a respeito?**

⁴ Entrevista da Secretária da Educação Maria Helena Guimarães a Weinbrg, M – Veja 13/02/2008 – Premiar o Mérito, São Paulo.

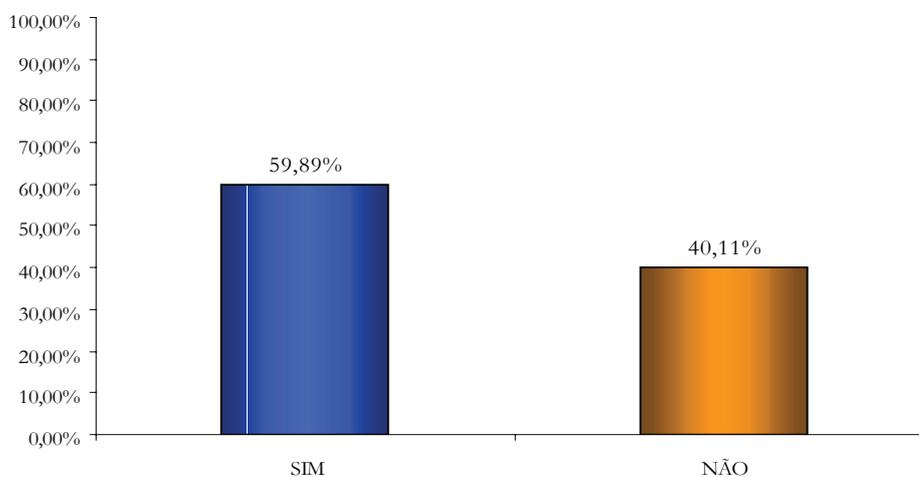


Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 19: Opinião sobre um Exame de Proficiência para o exercício do magistério

Pesquisada a opinião por nível de ensino (Tabela D19.1 – Apêndice 2), o teste de Qui-quadrado permite afirmar que, nos níveis de ensino, há semelhanças quanto ao fato de concordarem ou não com o exame de proficiência.

Qual a amplitude da cultura das avaliações nas Instituições Privadas?



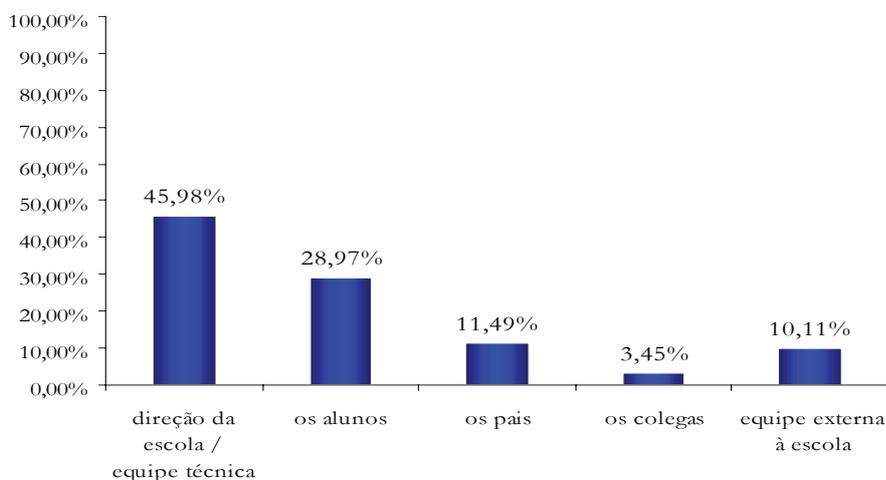
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 20: Foi avaliado durante seu exercício do magistério?

Pesquisada esta questão nos diversos níveis de ensino, muito embora haja semelhanças estatísticas nos resultados, uma observação detalhada dos dados da Tabela D20.1 sinaliza que os professores do Ensino Médio e Superior têm sido mais avaliados.

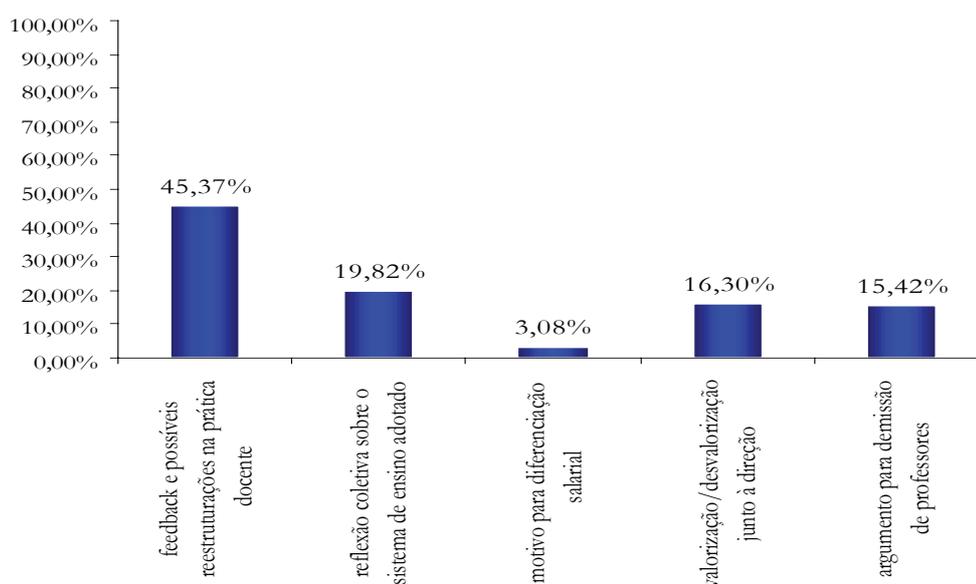
O que isso pode significar? Maior pressão da sociedade e visibilidade dos resultados?





Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 20.2: Entre os professores que já foram avaliados, quem os avaliou?



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 20.3: Qual a finalidade dessa avaliação?

3.5 Reflexões sobre o Futuro e a Educação

O que pensam os professores sobre a Educação dos próximos dez anos? Como se percebem nesse contexto, que perfil docente será exigido? Quais as expectativas em relação ao Sindicato?

Nesta parte final do instrumento de pesquisa denominada – COM A PALAVRA, OS PROFESSORES -, estava clara a intenção de ouvir o que os professores têm a dizer sobre o tema que mais lhes diz respeito, a Educação.

Não havia obrigatoriedade em respondê-la para o envio do questionário, pois sabia-se que demandava tempo e disponibilidade para a reflexão, o que poderia dificultar o retorno. Mais de 80% dos professores aceitaram o convite à reflexão (foram incluídos os 12% dos professores entrevistados).

As respostas, pontuadas abaixo, indicaram profundas reflexões, mostrando claramente a preocupação quanto ao futuro da Educação e da própria Escola e indicam que o processo de mudanças está em curso.

Consideram que a qualidade da Educação dependerá de diversos fatores e julgam que, em dez anos, será difícil modificar a atual situação.

Responsabilizam as políticas públicas como direcionadoras e gestoras do processo e identificam-se como os atores principais, sem os quais nenhuma mudança será possível.⁵

Preocupam-se com a qualidade dos cursos que formam os professores, indicando que, para vencer os desafios de uma Educação contemporânea, inserida na sociedade do conhecimento, os professores precisam ser melhor preparados e que, para tal, os cursos de Pedagogia e Licenciaturas devem ser reestruturados, melhorados e fiscalizados.

Por outro lado, manifestam a preocupação com o que vivenciam em seu dia-a-dia:

“Haverá inclusão na Educação, em todos os níveis. Grande parte dos estudos se fará a distância. Algumas áreas serão encolhidas, como já vem ocorrendo: as literaturas, por exemplo, os estudos clássicos, nas áreas de Letras,

⁵ Esteve, J. M. A Terceira Revolução Educacional, São Paulo, Moderna, 2004, p. 159, cita a importância dos professores para o êxito de qualquer reforma educacional: “Jamais terá êxito uma reforma educacional que se pretenda fazer contra a mentalidade dos professores”.

serão enxutos. Cursos cada vez mais rápidos e tecnológicos, no nível superior, por exemplo”. (Prof. do Ensino Superior)

Acreditam que a sociedade exerce um papel fundamental para a melhoria da qualidade da Educação, valorizando-a e cobrando dos órgãos públicos e dos empresários da educação maiores investimentos, melhores gestões e condições de aprendizagem adequadas:

“Acredito que em razão da grande exposição da educação na mídia, a sociedade começará a ver a Educação com a devida importância, pressionando o governo a melhorar todo o contexto”. (Prof. da Educação Infantil)

O uso das novas tecnologias, a expansão e a democratização do acesso aos meios eletrônicos é, na opinião dos professores, um grande desafio. Provocam profundas mudanças na prática escolar com resultados para os quais não há entre os professores opinião consensual.

➤ Poderão constituir-se em ferramentas facilitadoras do trabalho do professor e da aprendizagem do aluno:

“Penso que a Educação, acompanhando a tecnologia, deverá assumir um papel diferenciado, com aulas mais dinâmicas e criativas que envolvam os alunos. A informação já está disponível, aos montes, nos meios de comunicação e a escola deve se encarregar de mostrar aos educandos o que fazer com tudo isso. Como mobilizá-los para que a informação contribua para sua formação e atuação no mundo” (Prof. do Ensino Fundamental II)

➤ Ou, em mais um fator de dispersão, desatenção e elitização:

“Acredito que cada vez mais a Educação fica elitista, porque o acesso a tecnologias de ponta, pesquisa, aperfeiçoamento de verdade, isso o professor da escola pública dos ensinos fundamental e médio não tem. Todo esse aparato tecnológico fica para os grandes centros e poucos são “os escolhidos”. O ensino a distância universaliza a educação superior de certa forma, mas, e daí? Fica só nisso? (Prof. do Ensino Superior)

No sucateamento da Escola Pública, identificam uma das razões do crescimento do setor Privado da Educação, tendendo a aumentar e cuja qualidade questionam.

Acreditam na disseminação do conceito de empresas prestadoras de serviço nas Instituições Privadas de Ensino, orientadas não por um referencial pedagógico, mas, mercadológico.

“A exemplo do que está ocorrendo na área empresarial, o professor está fazendo o trabalho de dois funcionários sendo um só e passa por outras pressões. Em São Paulo, o excesso de mestres e doutores está levando o mercado de faculdades e escolas particulares a baixarem o nível salarial. Penso, então, que as perspectivas não são muito boas: temos uma superficialização do ensino universitário particular e um ideal pragmático de formação rápida (creio que a introdução da EAD, como tem sido feita, atende a isso). E isso acentua a distância entre universidade pública e privada” (Prof. do Ensino Superior).

Pensam que o perfil do professor para o futuro deverá ser de um profissional melhor preparado, em constante atualização, inserido digitalmente, culto e totalmente dedicado a seu “fazer”.

Algumas transcrições tornam-se necessárias, para melhor compreensão dos profissionais que hoje continuam em sala de aula:

“O novo professor do século XXI está ligado ao “tradicional” professor do século XX, e essa pessoa é uma só. A passagem de um tempo a outro, está acontecendo agora. Acho que o papel do professor pode se tornar cada vez mais interessante, pois ele terá de, juntamente com os alunos, pesquisar e criar com as informações da rede e outros meios. Um professor orientador nesse processo de aprendizagem, com uma formação interdisciplinar mais adequada aos estudos transversais”(Prof. do Fundamental II).

“Um professor reflexivo, crítico, capaz de interagir com seus pares no sentido de multiplicar a mudança. Não podemos basear nossas vidas na simples busca

de salários, é preciso lutar por uma Educação formadora e transformadora do mundo social” (Prof. do Fundamental II).

“...o profissional da educação deverá ser muito ativo na busca de novas estratégias e metodologias, além de estar em constante formação. Um bom educador deverá ser aquele capaz de conviver em equipe e conseguir acrescentar idéias positivas não só a seu trabalho, mas também aos companheiros de profissão, independentemente da área” (Prof. da Educação Infantil).

Desse modo, pode-se concluir que os professores, segundo suas palavras, sinalizam suas angústias, tanto pela percepção de uma educação de qualidade cada vez mais elitizada como pelas múltiplas tarefas que têm pela frente: a necessidade em se qualificar melhor, atualizar-se continuamente, comprometer-se ainda mais com a formação plena do aluno.

Responsabilizam-se pelo desinteresse dos alunos, pelo baixo rendimento nas avaliações a que são submetidos, pelas dificuldades que enfrentam em seu dia-a-dia nas salas de aula.

“...Nossas aulas precisam ser mais dinâmicas, mais interessantes, menos tradicionais” (Prof. do Fundamental II).

Desabafam ao relatarem

“uma intensificação das contradições que basicamente podem ser resumidas em exigências cada vez maiores, simultaneamente, a condições cada vez piores de trabalho e de recompensa” (Prof. do Fundamental II).

Esperam que o Sindicato dos Professores continue a apoiá-los nas questões de cumprimento e ampliação das normas trabalhistas, continue a lutar por melhor remuneração, amplie sua atuação nos órgãos que legislam a Educação, fiscalize, denuncie os cursos de formação de novos professores que não cumpram suas obrigações, estimule e propicie momentos de reflexão sobre a ação docente, organize e proporcione cursos para a educação continuada dos professores.

A respeito desta questão, abaixo são transcritas algumas respostas dos professores:

“O SinproSP deverá ser um PROVOCADOR de reflexões e mudanças, estimulando cada vez mais a crítica quanto ao uso que se faz da Educação. Não existe neutralidade na Educação, todos os nossos atos são carregados de intenção, sendo assim precisamos lutar para que nossas intenções sejam carregadas de valores sociais que superem os valores meramente econômicos” (Prof. do Fundamental II).

“Acredito que o sindicato pode contribuir no sentido de discutir o atual estágio da Educação não apenas com os profissionais que já atuam, mas também nas instituições que preparam os futuros professores, ou seja, marcar presença também nas universidades que têm cursos de licenciaturas” (Prof. do Ensino Superior).

“...continue nos auxiliando nas questões legais, dando respaldo e não deixando os donos das escolas agirem sem punições. Além disso, que continue nos propiciando cursos e “dicas” para nossa formação continuada” (Prof. da Educação Infantil).

“Independente das políticas públicas adotadas, o SinproSP deve atuar como um órgão verificador das regras que norteiam qualquer prática pedagógica. E, também, deve persistir na campanha motivacional do professor em busca de aperfeiçoamento e reciclagem profissional, oferecendo cada vez mais diversidade de temas para palestras e cursos específicos a cada nível e disciplina” (Prof. do Fundamental II).

“O SinproSp já fornece vários cursos que ajudam a reflexão e atualização dos professores. Acredito que a principal bandeira ainda é a salarial, pois o nosso salário ainda é muito defasado em relação à importância da função que exercemos na sociedade, além de promover uma maior valorização da categoria frente à mídia” (Prof. da Educação Infantil).

A seguir, é apresentado o resumo da tabulação organizada por meio dos descritores, das respostas obtidas nas três questões.

Optou-se por separar os resultados do Ensino Básico e do Ensino Superior, visto que mostraram opiniões distintas.

1ª pergunta: Pensando agora sobre como será a **Educação dos próximos dez anos** que previsão você faria?

Tabela E21A - Ensino Básico, opinião sobre a Educação dos próximos dez anos

Palavras-chave	Incidência de citações
Tecnologias	18%
Elitização/ Privatização/ Mercantilização/visão utilitarista/sucateamento do Ens. Público/Reflexos no Ensino Privado	25%
Dinâmica/Mudança de paradigmas/Diversidade nas práticas pedagógicas	18%
Depende de investimento nos docentes/melhores cursos de formação e qualificação/melhor remuneração	18%
Depende de Influências externas/ Políticas Públicas/sociedade/pais	23%
Aumento do trabalho docente/mercantilização/Desvalorização	15%
Diversidade no papel de Professor/atendimento a diversas demandas/reflexo da sociedade	18%
Depende dos Professores/Comprometimento/parceria Prof. / aluno/necessidade de adaptação	15%
Necessidade de mudanças/repensar novo modelo de Educação	18%

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Unificação dos descritores – inclusão acima de 10%.

Tabela E21B - Ensino Superior, opinião sobre a Educação dos próximos dez anos

Palavras-chave	Incidência de citações
Tecnologias/TCI/EAD	40%
Políticas Públicas/ Ausência estado regulador	24%
Mercantil/ aumento ensino privado/ Elitista	35%
Generalista/Superficial/Formação inicial reduzida	21%
Processo desvalorização Professor/Ensino / Sucateamento do Ens. Público/aumento do Privado/ cursos mais rápidos/tecnológicos	24%
Necessidade de mudança/Formação dos Professores/Perfil das Instituições	33%
Sobrecarga no trabalho dos docentes	14%

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Unificação dos descritores – inclusão acima de 10%.

Os dados das tabelas abaixo foram resultado da interpretação da pesquisadora na busca por concluir sobre a visão predominante dos professores, em relação ao futuro da Educação.

Tabela E21C - Ensino Básico interpretação da visão predominante sobre o futuro da Educação (Total: 210 respostas)

Opiniões	Ed. Inf. freq	Fund I freq	Fund II freq	Médio freq	Total freq	%
Será melhor, mais valorizada	4	16	10	4	44	21%
Depende de diversos fatores	21	16	22	10	69	33%
Será mais desvalorizada/ deficitária/elitizada	12	9	19	9	49	24%
será como hoje	8	2	4	2	16	8%
Sem conclusão/ novos paradigmas	8	12	3	9	32	15%

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Tabela E21D - Ensino Superior interpretação da visão predominante sobre o futuro da Educação (Total: 36 respostas)

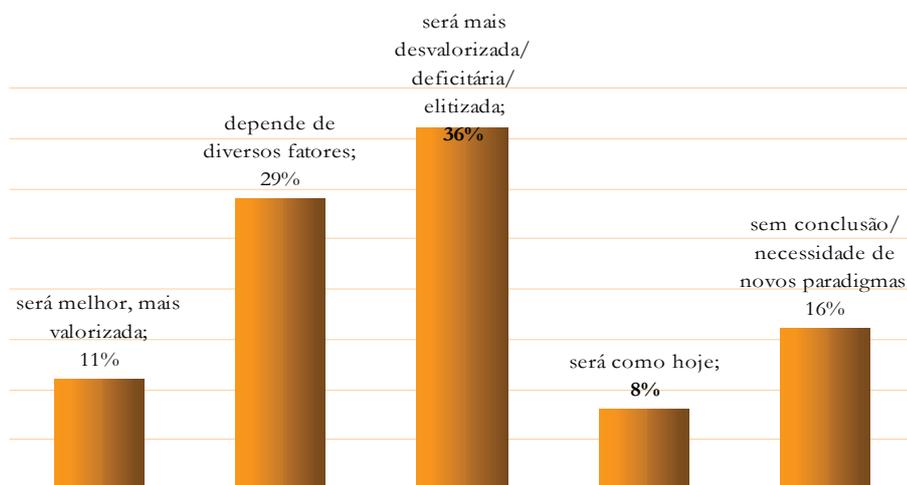
Opiniões	Total freq	%
Será melhor, mais valorizada	4	11%
Depende de diversos fatores	10	29%
Será mais desvalorizada/ deficitária/elitizada	13	36%
será como hoje	3	8%
Sem conclusão/ novos paradigmas	6	16%

Fonte: Arquivo da pesquisadora



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 21C: Ensino Básico – interpretação da visão predominante sobre o futuro da Educação



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 21D: Ensino Superior – interpretação da visão predominante sobre o futuro da Educação

2ª pergunta: Considerando sua perspectiva sobre a Educação para os próximos anos, qual o **Perfil de Professor** necessário nesse contexto?

Tabela E22A - Ensino Básico, o que pensam sobre o perfil futuro do professor

Palavras-chave	Incidência de citações
Capacitado Tecnologias	27%
Atualizado/Competente	51%

(cont)

Tabela E22A

(cont.)

Palavras-chave	Incidência de citações
Bem Formado/Informado/Culto	33%
Comprometido/Dedicado/Criativo/Participativo	39%
Dinâmico/Motivador	17%
Reflexivo/Critico/Mediador	19%
Flexível	15%

Fonte: Arquivo da pesquisadora

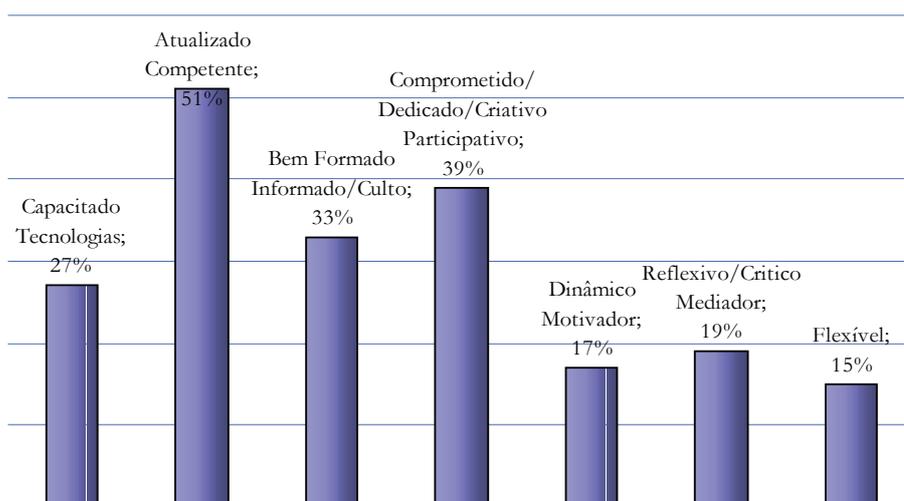
Unificação dos descritores – inclusão acima de 10%.

Tabela E22B - Ensino Superior, o que pensam sobre o perfil futuro do professor

Palavras-chave	Incidência de citações
Multidisciplinar	19%
Capacitado Tecnologias	27%
Atualizado/Competente/Pesquisador	41%
Bem Formado/Informado/Culto	41%
Comprometido/Dedicado/Criativo/Participativo	16%
Reflexivo/Critico/Mediador/Consciente	14%
Flexível/ Bonzinho	27%
Submisso /baixos salários	13%

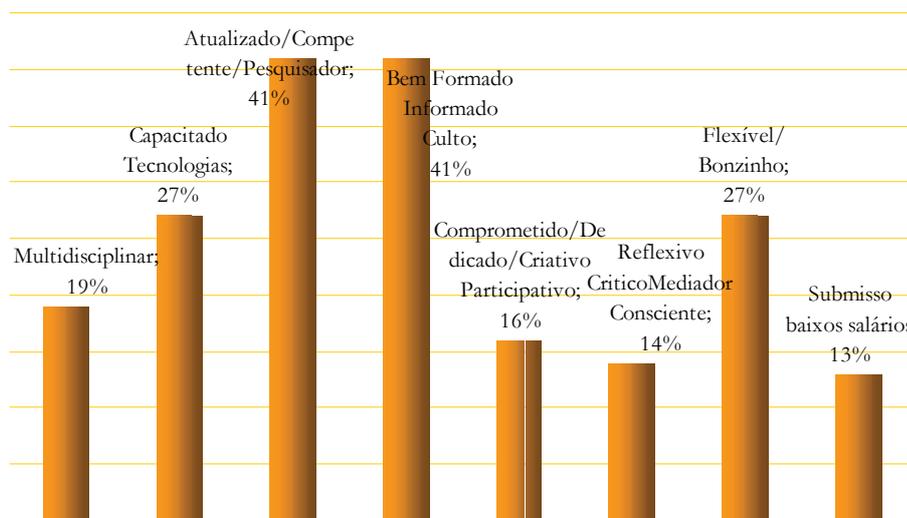
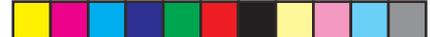
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Unificação dos descritores – inclusão acima de 10%.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 22A: Ensino Básico, o que pensam sobre o perfil futuro do professor



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 22B: Ensino Superior, o que pensam sobre o perfil futuro do professor

3ª pergunta: Considerando sua perspectiva sobre a Educação para os próximos anos e o Perfil de Professor necessário nesse contexto, como deverá ser a **atuação do Sinpro** em sua opinião?

Tabela E23A - Ensino Básico, expectativa quanto à atuação do Sinpro-SP

Palavras-chave	Incidência de citações
Valorização/Respeito	23%
Companheiro/Incentivador	21%
Fiscalização/Denúncia	18%
Remuneração/Condições de Trabalho	19%
Formação Continuada	55%

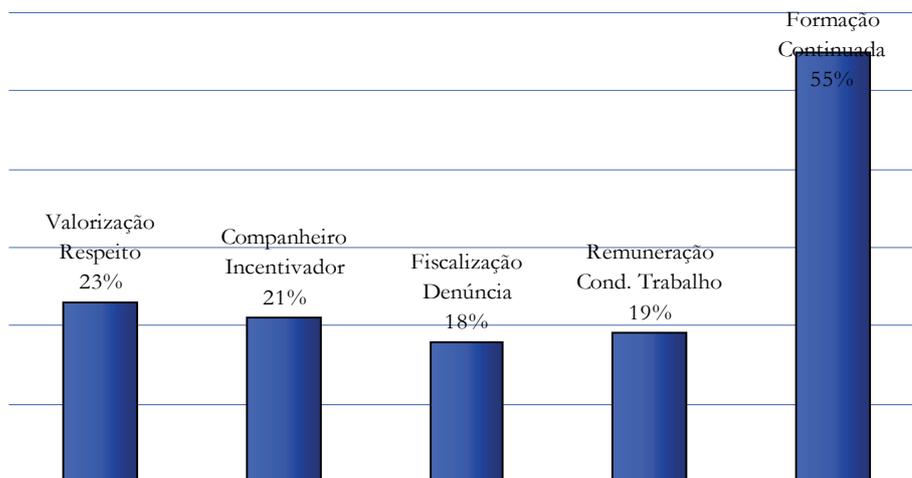
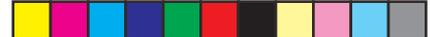
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Tabela E23B - Ensino Superior, expectativa quanto à atuação do Sinpro-SP

Palavras-chave	Incidência de citações
Valorização/Respeito	27%
Companheiro/Incentivador	16%
Fiscalização/Denúncia	24%
Remuneração/Cond. Trabalho	13,5%
Formação Continuada	16%
Atuação Legislação Educ./EAD	27%

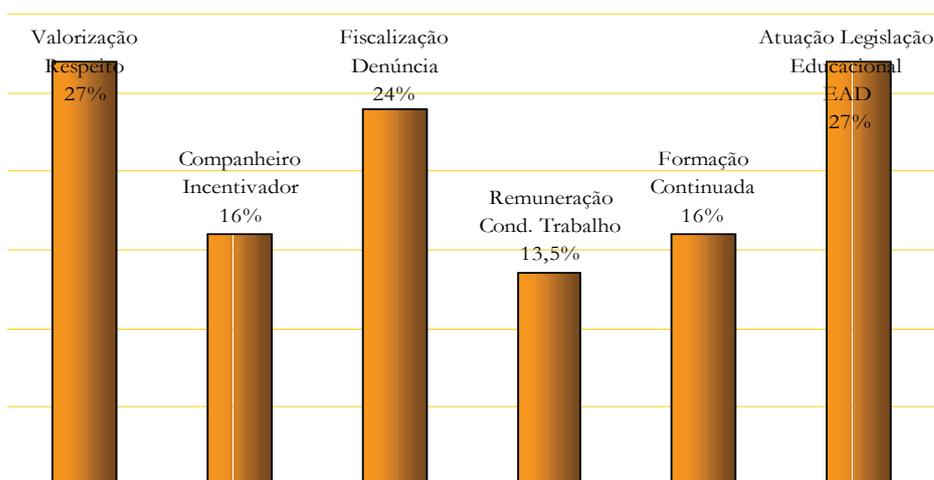
Fonte: Arquivo da pesquisadora





Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 23A: Ensino Básico, expectativa quanto à atuação do Sinpro-SP



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 23B: Ensino Superior, expectativa quanto à atuação do Sinpro-SP

Este foi o conteúdo do almofariz nas quais as emoções, os sonhos, as esperanças, as dificuldades, as soluções – foram misturadas, trituradas, amalgamadas, e que fazem parte do *habitus*⁶ do Professor

⁶ Conceito de Bourdieu, aplicado, neste caso, à profissionalidade docente.







... são sempre os homens e as mulheres que todo dia entram nas salas de aula que podem dar qualidade à educação. Portanto, a formação inicial e contínua de nossos profissionais é o elemento essencial para melhorar a qualidade de nossos sistemas educacionais. (ESTEVE,2004)

4 OS CURSOS DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES





A formação inicial dos professores vem sendo objeto de reformas em muitos países, buscando enfrentar os desafios estabelecidos pela aceleração das mudanças sociais, mentalidades, valores, costumes, padrões econômicos e produtivos e desenvolvimento tecnológico.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada, em 1996 e, posteriores decretos, resoluções, pareceres seguem a mesma tendência. Mostram a preocupação com a universalização e, mais recentemente, com a qualidade do sistema educacional, indicando mudanças na formação dos professores.

Não há dúvida de que estamos frente a mudanças sociais, econômicas e educacionais que resultam em profundas transformações nas Condições de Trabalho dos professores⁷. Assim, conhecer se e como os Cursos de Formação de Professores foram se modificando para melhor instrumentalizar⁸ os novos docentes, além de atender à formação continuada foram os objetivos desta pesquisa.

Conscientes da profunda relação existente entre melhoria da Educação e condições para o desempenho e capacitação do professor, as entrevistas buscaram informações indicativas de como os cursos se adaptaram diante de tais desafios para a formação do novo perfil docente.

Esta pesquisa foi orientada por:

1. revisão e modificação das diretrizes curriculares nacionais;
2. resultados das avaliações nacionais e internacionais e as críticas ao desempenho docente, responsabilizado por esses resultados; e
3. o desafio dos professores frente aos problemas e à velocidade em que se apresentam como consequência da quantidade de informações disponíveis e das mudanças na estrutura social e familiar, jogando para dentro da escola

⁷ **Condições de trabalho** – englobam tanto questões de remuneração como de ambiente de trabalho, de estrutura física e emocional do professor para que possa ter condições de reflexão, atualização e adequação de seu fazer docente.

⁸ **Instrumentalização** – conjunto de ações e reflexões que levam em conta: o conteúdo específico da área do conhecimento, práticas de sociabilidade e gerenciamento de comunicação grupal, negociação de conflitos e adequação dos conteúdos de ensino no nível de conhecimento de seus alunos.

(entendemos atribuindo ao professor!) responsabilidades, tais como: gerenciamento de conflitos, de indisciplina, de violência, transmissão de cultura e conhecimento, prevenção de drogas, uso de novas tecnologias da informação e comunicação e a inclusão de portadores de necessidades especiais (sejam elas físicas ou culturais).

4.1 Características das Instituições pesquisadas

As dezoito Instituições da amostra distribuíram-se em: sete Universidades, quatro Centros Universitários, seis Faculdades e um Instituto Superior.⁹ (**Quadro 3**)

Quadro 3 Instituições participantes das entrevistas: distribuição geográfica

Tipo de Instituição	Natureza da Instituição	Região	Total
Universidades	Pública	Oeste	1
	Privada no Sentido Estrito	Leste, Sul, e Oeste	3
		Privada Filantrópica Confessional	Centro e Oeste
	Privada Filantrópica	Leste	1
Centros Universitários	Privada no Sentido Estrito	Sul	2
	Privada Filantrópica Confessional	Sul	1
	Privada Filantrópica	Centro	1
Faculdades	Privada no Sentido Estrito	Centro, Sul e Leste	4
		Norte e Centro	2
Instituto Superior	Privada no Sentido Estrito	Oeste	1
		TOTAL	18

Fonte: Arquivo da pesquisadora

A distribuição geográfica inicial precisou ser alterada pela falta de colaboração de algumas Instituições Privadas. Desta forma, a zona Norte teve apenas uma representação.

Os Coordenadores dos Cursos, responsáveis pela orientação pedagógica e, em alguns casos, também, administrativa responderam às entrevistas.

⁹ **DECRETO Nº 5.773 de 2006 Seção II – Subseção 1, art. 12** Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. **DECRETO Nº 3.276/99, Art. 4º.** Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências.



O período noturno concentra o maior número de cursos e vagas oferecidas, tanto na Pedagogia como nas Licenciaturas.

O curso de Pedagogia é o de maior oferta, está presente em todas as Instituições pesquisadas, seguido pelos cursos de Letras e Matemática.

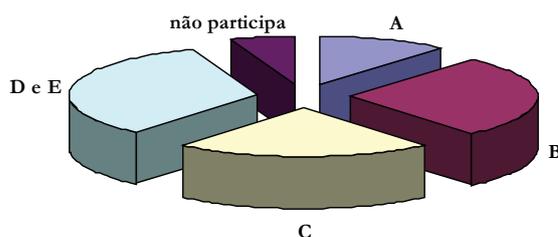
As demais licenciaturas (Física, Química, Biologia, Computação, Educação Física, História, Geografia, Filosofia, Artes, Música) existem em 20% das instituições estudadas (**Quadro 4**).

Os dados fornecidos sobre a evasão não são precisos, estima-se que variem de 10% a 50%, com maior número de citações em 15%.

Dois Instituições oferecem cursos de Pedagogia e Licenciatura com a duração de 4 anos e uma de 4 anos e meio; nas demais, houve redução para 3 anos.¹⁰

A respeito da nota atribuída na avaliação do Ministério da Educação e Cultura (MEC), os Coordenadores informaram que:

a USP não participa da avaliação, duas Instituições receberam nota máxima (A), cinco nota (B), quatro nota 3 (C) e as demais entre 2 e 1(D e E).



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 24: Avaliações das Instituições realizadas pelo MEC (informação dos Coordenadores)

¹⁰ **Resolução CNE/CP2/2002.** Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.
Resolução CNE/CP 1/2006, Art. 7º. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.



Quadro 4. Tipo de Instituição, Cursos oferecidos e Período

Tipo de Instituição	Cursos (formação de professores)	Turnos
Universidades (7)	Pedagogia (7)	Matutino (4) Vespertino(2) Noturno (7)
	Letras (7)	Matutino (5) Vespertino (1) Noturno (5)
	Matemática (4)	Matutino (3) Noturno (3)
	Biologia, Física e Química (3)	Matutino (3) Noturno (3) Integral (1)
	História, Geografia e Filosofia, Educação Física (2)	Matutino (2) Noturno (3) Integral (1)
	Artes, Psicologia (1)	Matutino (1) Integral (1)
	Complementação Pedagógica para qualquer graduação (1) ¹¹	Noturno (1)
Faculdades (6)	Pedagogia (6)	Matutino (4) Vespertino (1) Noturno (6)
	Letras (4)	Matutino (2) Noturno (4)
	Matemática (2)	Matutino (1) Noturno (2)
	Física e Química (1)	Noturno (1)
	Biologia, História e Geografia (1)	Matutino (1) Noturno(1)
Centros Universitários (4)	Pedagogia (3)	Matutino (3) Noturno (3)
	Matemática (2)	Noturno (2)
	Letras, Filosofia, Biologia, Educação Física, Geografia, História, (1)	Matutino (1) Noturno (1)
	Complementação pedagógica para graduados em Artes (1)	Aos sábados (1)
Instituto Superior (1)	Pedagogia (1)	Vespertino e Noturno (1)
TOTAIS	NOTURNO	43
	MATUTINO	30
	VESPERTINO	5
	INTEGRAL	3

Fonte: Arquivo da pesquisadora

¹¹ **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 26 DE JUNHO DE 1997** Dispõe sobre os programas especiais de formação pedagógica de docentes para as disciplinas do currículo do ensino fundamental, do ensino médio e da educação profissional em nível médio.

4.2 Questões e respostas obtidas:

1ª Nos últimos dez anos que alterações ocorreram na grade curricular? Motivadas por quê?

Todas as Instituições pesquisadas tiveram alterações na estrutura dos cursos e nas grades (matrizes) curriculares de Pedagogia e das Licenciaturas.

A principal razão, apontada em **todas** as entrevistas, foi a Lei Nº 9.394/1996¹² e, posteriormente, vários decretos, pareceres e resoluções que regulamentaram a LDB/1996, originando as novas matrizes curriculares¹³, em consequência, cinco Instituições no momento apresentam dois a três currículos em andamento, duas optaram por interromper a oferta de novos cursos de pedagogia até que as novas diretrizes fossem estabelecidas, as demais realizaram mudanças graduais, adaptando-se às orientações do MEC.

Dez Instituições indicaram também as seguintes razões:

1) demanda do mercado, 2) preocupação com o profissional que querem formar; 3) os resultados das avaliações realizadas por meio do Saeb (Sistema de Avaliação Nacional da Educação Básica), Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), Enad (Exame Nacional de Cursos Superiores); 4) a popularização da informática; 5) a ampliação dos cursos de EAD (Ensino a Distância) e 6) adequação dos custos a um mercado altamente competitivo.

O que mudou?

a) a introdução de disciplinas que abordam a “Educação de Jovens e Adultos”, a Inclusão (sobretudo na área de Libras¹⁴), a preparação de professores para a metodologia em EAD;

¹² Lei nº 9.394-96 - LDB (Lei de Diretrizes e Bases), de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

¹³ **RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1/ 2002** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena e **RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1/2006** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia e licenciaturas.

¹⁴ LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) regulamentada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e pelo Decreto nº 5.626, dez 2005.

b) houve a formação de núcleos básicos nos cursos de Licenciatura para disciplinas específicas e a distribuição dos estágios e disciplinas pedagógicas, desde o início dos cursos¹⁵;

c) inseriram-se estágios supervisionados, incluindo a participação em Instituições de ensino e no terceiro setor (hospitais, ONGs);

d) dividiu-se a estrutura do curso de Pedagogia por módulos temáticos (duas instituições); e

e) a carga horária foi diminuída, com a adoção de exigência mínima legal.

2ª São desenvolvidas e discutidas novas estratégias de ensino? Nas disciplinas específicas ou nas didáticas? Quais? Há instrumentalização para a prática dessas novas estratégias? Como?

a) Todas as Instituições citaram o uso de tecnologia, especificamente, a informática como ferramenta nas novas estratégias.

Três Instituições relataram que, além de espaços físicos específicos (laboratórios), a tecnologia permeia todas as atividades. Preocupação na formação de professores aptos a desenvolverem e atuarem na Educação a Distância (EAD). Ações de inclusão digital, para atender alunos que não tenham particularmente a máquina ou o acesso à web, com a criação de salas “pró-aluno” espalhadas pelos campi e fornecimento de e-mail gratuitos.

Nas demais, a informática entra como ferramenta de agilização de contatos (informações administrativas, recados da secretaria, exercícios para aula), restrita aos momentos quando os alunos vão ao laboratório;

b) Os estágios supervisionados, também, são relatados como novidade. Os locais onde eles se desenvolvem dependem de parcerias com escolas municipais, estaduais, ONGs. Em alguns casos, estes estágios atendem alunos de escolas públicas, como “Reforço Escolar”. Em outros, resultam em projetos sociais, incluindo aí a ação e a reflexão da responsabilidade social do educador;

¹⁵ **Parecer 09/2001**, homologado e publicado no DOU de 18/01/2002. art. 12, Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

- c) Simpósios, Seminários, Congressos, Palestras, Semana Acadêmica organizados pelas Instituições são citados, como estratégia para ampliar o conhecimento, a reflexão dos alunos e a atualização pedagógica; e
- d) Atualização constante de bibliotecas.

3ª Que mudanças ocorreram em seus cursos com a popularização da informática e da Web?

- a) A introdução de uma disciplina específica denominada Tecnologia da Informação (sugestão das próprias matrizes curriculares), a abertura de cursos paralelos, geralmente, aos sábados, para atender aos alunos que não têm familiaridade com o uso de computadores, o desenvolvimento de páginas e blogs estimulando os alunos à utilização;
- b) Nas Instituições já equipadas (três delas), há uma preocupação em disseminar o uso de EAD;
- c) Em uma das Instituições, há possibilidade de escolher disciplinas optativas para capacitação em EAD; e
- d) Em cinco Instituições, a informática está presente de maneira muito “modesta”, com sua utilização diminuindo o uso do xerox.

4ª Língua Portuguesa figura como disciplina na grade curricular? Em quais cursos?

Nos cursos de Pedagogia das Instituições pesquisadas, apenas em uma delas a disciplina não consta da grade curricular, nas demais está presente no primeiro ano, variando a carga horária de 80 a 160 horas. Esta disciplina, segundo os entrevistados, serve como ferramenta para a leitura, redação, interpretação e análise de textos.

Existem ainda as metodologias de Língua Portuguesa que habilitam o professor ao ensino da língua.

Três Instituições oferecem de modo gratuito, fora do horário habitual, geralmente aos sábados, curso de formação básica em Língua Portuguesa ou Oficina de

Nivelamento de Língua Portuguesa que tem como finalidade atender aos alunos que apresentam maiores dificuldades.

Nas licenciaturas, só uma das Universidades Privadas apresenta em todos os cursos, durante dois semestres, esta disciplina.

Nas demais Instituições, não há um padrão de oferta. Justificam pela opção do aluno em cursar a disciplina, se sentir necessidade em outro curso. Neste caso, sendo privada, haverá custos.

5ª Discute-se a ética profissional durante a formação? Nas disciplinas didáticas ou nas específicas?¹⁶

a) Por meio de textos e temas transversais, abordados em todas as disciplinas e fundamentalmente nas práticas e estágios;

b) Como tema de projeto de pesquisa nos TCC; e

c) Abordada em disciplinas, como Filosofia ou Ética e Educação.

6ª Discute-se a responsabilidade social do educador? Nas disciplinas didáticas ou nas específicas?

Todas as Instituições citam a preocupação com a responsabilidade social de sua atividade e de seus alunos, futuros professores.

Nos Cursos de Formação pesquisados, essa responsabilidade é tratada por meio de temas transversais, multidisciplinarmente.

Há o relato de projetos sociais realizados na área da saúde com moradores de rua, na alfabetização de adultos e em educação ambiental. Os alunos da Pedagogia

¹⁶ MEKSENAS, P. O lugar da ética no trabalho do(a) professor(a), Revista Espaço Acadêmico. n.40, set.2004. ...".A ética situa-se acima da moralidade porque é capaz de questioná-la. Nesse sentido, é esclarecedora a posição de Nascimento quando afirma: *a questão ética não se restringe ao plano da aceitação das normas socialmente estabelecidas nem se reduz ao problema da criação dos valores por uma liberdade solitária. Nasce na existência concreta de cada um, da consciência dos valores envolvidos no reconhecimento da inalienável dignidade da pessoa e do sentido da responsabilidade pessoal diante do outro, cujo rosto é um apelo constante a ser respeitado e promovido* (1984:16). Daí a importância em qualificar o trabalho do professor(a) como uma atividade que ultrapasse a dimensão moral na direção da postura ética, pois apenas esta última é capaz de estabelecer os projetos sociais geradores da nova tríade – contexto; trabalho e história. Em suma, a ética permite a crítica à pequena moral e pela crítica é possível questionarmos a ideologia, lançando-nos em diferentes alternativas sociais".

e das Licenciaturas são convidados a participar desses projetos como voluntários cumprindo, desta forma, os estágios supervisionados.

7ª Que avaliação faz dos profissionais que libera para o mercado de trabalho?

As Instituições deram três tipos de respostas sobre a qualidade dos egressos:

a) Instituições que declararam formar ótimos profissionais, justificando com a nota de avaliação do MEC ou pela facilidade de colocação desses profissionais no mercado de trabalho;

b) Instituições que relataram dificuldades para um bom desempenho futuro dos docentes, pois, geralmente, os alunos oriundos da rede pública, por maior evolução que apresentem durante o curso, ainda mantêm dificuldades quanto ao conhecimento e domínio da norma culta da língua portuguesa.

c) Outras admitiram que muito embora tenham tido um bom desempenho no Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), o mercado irá selecionar os profissionais que formam. Avaliando que alguns conseguirão ótimas oportunidades e contratações (citadas escolas privadas de ponta que têm boa remuneração), outros irão para escolas públicas, conseguindo aprovação em concursos e outros..“*que o mercado não irá absorver por não terem conseguido recuperar as deficiências que acumularam ao longo do Ensino Básico*” (fala de um dos coordenadores).

8ª A Instituição oferece oportunidade de atualização para seus alunos? Como? Tem dados de quantos fazem?

A educação continuada é pensada pela quase totalidade (17) das Instituições pesquisadas, como sendo a possibilidade de se fazer curso de pós-graduação ou especialização.

As Instituições indicam a necessidade de parcerias entre locais de trabalho (escolas) e universidades com estratégias diferenciadas.

Uma das Instituições privadas pesquisadas apresenta experiência de cursos de atualização e “*formação em serviço*”, anterior à abertura do curso Normal Superior, posteriormente, transformado em Pedagogia.

Na Instituição pública pesquisada, a formação continuada já está contemplada, seja por cursos a distância com prova presencial, seja por cursos presenciais (estes, oferecidos somente aos professores da rede pública).

As Instituições não têm dados dos alunos egressos nem da demanda por atualização.

9ª Qual o impacto do Prouni e do Fies para seus cursos de licenciatura?

As Instituições Confessionais Filantrópicas alegam que tiveram pequena alteração com esses dois programas, justificando que já possuem um trabalho de atendimento a alunos com dificuldades financeiras por intermédio da concessão de bolsas. Nas demais, privadas não filantrópicas, o Prouni teve um impacto maior do que o Fies (este pela exigência de fiador, dificultando o acesso). Novamente, foi relatado que tiveram de abrir classes especiais e organizar estratégias de reforço, sempre realçando o crescimento intelectual desses alunos durante o curso.

10ª A sua instituição realiza avaliação docente? Quem elabora o instrumento de avaliação? Quem avalia? Quais são as conseqüências da avaliação para o docente?

As dezoito Instituições entrevistadas realizam avaliação de seus professores. O instrumento é elaborado pelas próprias instituições, por meio da CPA (Comissão Própria de Avaliação), salvo em duas delas, cuja elaboração é feita por uma empresa contratada.

Desse modo, os docentes são convidados a fazer auto-avaliação e são também avaliados pelos alunos, coordenadores e diretores.

Observa-se que o resultado não é público, estando à disposição do professor e do coordenador.

Somente uma das Instituições reconheceu que essas avaliações resultam em ranking e que são instrumentos de demissão.

Nas demais, serviria como *feed-back* para identificar a necessidade de atualização, seja ela de conteúdo, metodológica, ou mesmo, uma mudança de atitude com os alunos.

11ª Gostaria de fazer alguma observação sobre a imagem e a realidade da Educação no Brasil?

As opiniões são concordantes quanto ao fato de que a mídia preocupa-se fundamentalmente em noticiar os problemas, não dando divulgação a projetos que estão dando certo nem a algumas escolas públicas que têm trabalhos interessantes. São unânimes ao afirmar sobre a necessidade de formar melhores professores (mais qualificados).

Algumas transcrições:

“...a MIDIA retrata com algumas distorções, porém precisamos assumir que temos problemas em Educação. Para repensarmos as ações pedagógicas internas, mas também para fazermos demandas. Para a Educação melhorar a sociedade civil, os governos e todas as instâncias administrativas e os professores têm também que melhorar. Identificar os problemas é fundamental para podermos buscar formas de equacioná-los e mudar. Muito embora ela não trate da mesma forma os aspectos positivos e os negativos, é importante que ela denuncie”.

“...parcerias do Estado com as Universidades, o segundo professor, programas de educação continuada com universidades são caminhos para melhorar a Educação. Através de palestras, oficinas, cursos”.

“...o problema não é com a educação, mas com a saúde. Criança saudável aprende”.

“...de uma maneira geral: refletem sobre a necessidade do pensar: governo, comunidade, professores e escolas em novas formas de ensino”.

4.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.3.1 As respostas dadas às questões:

É a expectativa de ascensão social que hoje leva muitos jovens oriundos de camadas socioculturais mais baixas, a buscarem o magistério.

No entanto, essa expectativa vê-se hoje frustrada pelas críticas que a sociedade faz, pelas cobranças de resultados frente ao desempenho de seus alunos, pelo desprestígio na remuneração que comparada a outras profissões com o mesmo grau de habilitação é menor, ou mesmo, pela sua imagem que, por vezes, não se encaixa na imagem que ele projeta e o faz aspirar a ser professor.

Esta perspectiva aliada às condições que os professores enfrentam durante seu curso de formação, são fatores extremamente desfavoráveis à sua capacitação e à conclusão de seu curso.

A seguir, alguns dados que permitiram esta conclusão, são analisados.

I - a predominância de oferta dos cursos no período noturno e a taxa de evasão – em algumas Instituições, atingindo 50%.

1 A escolha pelo período noturno sinaliza que muitos trabalham durante o dia, oriundos de uma classe socioeconômica em que seu salário compõe a renda familiar. Se forem consideradas 8 horas de trabalho efetivo, mais 2 a 3 horas para deslocamento, serão 10 a 11 horas, até que cheguem à instituição de ensino.

2 O número de vagas nas instituições privadas¹⁷ é bem superior ao das públicas, somado ao fato de que o acesso é facilitado por vestibulares com menor relação candidato/vaga, ou mesmo, apenas entrevistas. Estes fatores favorecem o maior fluxo de alunos para essas instituições. O Governo Federal tem instituído programas, como o Fies¹⁸ e o Prouni que resolvem, em parte, o problema do pagamento da

¹⁷ ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2004/Tabelas/Resultados Tabela 2.6 sobre a Taxa de frequência bruta a estabelecimentos de ensino dos estudantes, por nível e rede de ensino frequentados (%) para a Região Metropolitana de São Paulo – São 10% de estudantes no Ensino Público Superior e 90% de estudantes no Ensino Privado Superior (PNAD 2005/IBGE).

¹⁸ Altera a Lei Nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – Fies.

mensalidade, mas não conseguem retirar do aluno a necessidade de trabalhar para poder arcar com, no mínimo, as suas despesas pessoais e acadêmicas.

Dados do Relatório sobre a Escassez de Professores para o ensino médio, conforme a tabela abaixo, dão um parâmetro sobre a evasão.

(Tabela 9 — Evasão nos cursos de Licenciatura, 1997 (%))¹⁹

Curso	Porcentual de Evasão
Licenciatura em Matemática	56%
Licenciatura em Química	75%
Licenciatura em Física	65%
Licenciatura em Biologia	42%
Licenciatura em História	44%
Licenciatura em Geografia	47%
Licenciatura em Letras	50%
Licenciatura em Educação Artística	52%

Fonte: Relatório MEC

II – Sobre o maior nº de vagas/alunos nos cursos de Pedagogia se comparados aos de Licenciatura e à qualidade desses cursos:

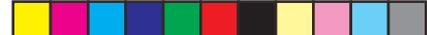
Com a LDB/96 sinalizando que todos os profissionais que dão aula da Educação Infantil a 4ª série do Fundamental I, deveriam ter curso superior, houve grande procura por cursos que permitissem tal qualificação.

A demanda por cursos de Pedagogia cresceu, o que levou à abertura, pelas Instituições Privadas, de um grande número de cursos. A obrigatoriedade de graduação superior foi, posteriormente, esclarecida por decreto, garantindo a quem já leciona sua permanência em sala de aula²⁰.

No entanto, para os professores ficou clara a necessidade de buscar qualificação, não só para atender à legislação, mas, sobretudo para se atualizar e elaborar estratégias buscando atender melhor aos desafios que enfrentam hoje na sala de aula. Esta demanda leva à existência de um número de cursos de Pedagogia muito superior ao das Licenciaturas. Vale lembrar que a exigência para lecionar da Educação Infantil ao Fundamental I, inicialmente, era de formação média de Curso Normal.

¹⁹ <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/escassez1.pdf> - p.12.

²⁰ PARECER CNE/CEB nº1/2003 aprovado em 19 de fevereiro de 2003.



Muito embora a qualificação seja cada vez mais procurada e realizada, com os péssimos resultados das avaliações dos alunos das séries iniciais, os cursos de Pedagogia começaram a ter a sua qualidade questionada²¹.

Muitos desses cursos de Pedagogia já existiam e tinham sua dinâmica na formação de profissionais com habilitação para a Educação ou para a Administração Escolar. Receberam um grande aporte de alunos quando da promulgação da LDB/96 com a “década da educação”.

Para atrair esse contingente de profissionais em busca de diplomação, abriram-se então mais cursos de Pedagogia em Faculdades, Institutos Superiores de Educação e nos novos Centros Universitários.

Nesse momento, muitos cursos que já existiam, foram reestruturados, resultado da preocupação em formar profissionais do ensino com uma visão generalista e global e da sinalização das novas matrizes curriculares. No curso de graduação em Pedagogia, as habilitações (para a Educação Infantil ou para a Administração Escolar) deixaram de existir.

Por força de lei, as alterações necessárias foram profundas e poderiam ter levado a uma reflexão sobre seus objetivos e dinâmicas.

Tudo indica que esse não foi o caminho percorrido, as Instituições Privadas em competição pelos potenciais alunos diminuem as mensalidades, aumentam o número de alunos em sala de aula e enxugam custos para torná-los mais rentáveis.

O comentário de um Coordenador entrevistado explicita isso: “*Reduzimos o tempo do curso, para que se tornasse sustentável, ainda que com perda de qualidade*”.²²

²¹ VEJA, Fev. 09,2008 -Entrevista da Secretária de Educação do Estado de São Paulo, Maria Helena Guimarães de Castro: “**Veja – Qual seria o melhor caminho para elevar o nível dos professores? Maria Helena – Num mundo ideal, eu fecharia todas as faculdades de pedagogia do país, até mesmo as mais conceituadas, como a da USP e a da Unicamp, e recomendaria tudo do zero**”. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10010&interna=6 - Comissão conclui análise de 60 cursos de pedagogia e normal superior.

²² **FSP 28/01/2008,C-8.** Relata o crescimento do nº de alunos no ensino superior (34%), a expansão do setor privado com incorporações de faculdades por grandes grupos empresariais (Unip, Uninove, Uniban). Além de passarem a contar com pólos presenciais para o Ensino à Distância, ampliando-o, conseguem reduzir custos e mensalidades escolares.



Outro Coordenador ao comentar a duração dos cursos de Pedagogia que, no Município de São Paulo, vão de 3 anos a 4 anos e meio, afirma ser *“impossível adequar as necessidades de formação a um período de tempo menor de 4 anos, pelas orientações das matrizes curriculares.”*

Estas informações são sinalizadoras do descompromisso, de grande parte das Instituições Privadas, com a qualidade dos cursos oferecidos.

III - Sobre as notas de avaliação dos cursos atribuídas pelo MEC

Nas entrevistas, as informações obtidas não se mostraram em seu conjunto confiáveis. A tentativa de conferi-las apresentou-se até o momento infrutífera, pois o acesso às avaliações realizadas pelo MEC exige cadastro e senha institucional.

4.3.2 As entrevistas

Ao pensar nas questões que iriam nortear as entrevistas, tinham-se em mente alguns objetivos embasados em idéias formadas pelas leituras de jornais diários (sistematicamente entre janeiro de 2007 e junho de 2008); livros sobre os dilemas da Educação no Brasil e na Europa; o impacto da “revolução digital”; entrevistas na mídia; seminários; artigos acadêmicos e os resultados das avaliações dos alunos do Ensino Básico ao Superior.

Com tantas informações indicando a ineficiência do sistema escolar (tanto público como privado) sempre recaindo sobre os professores as críticas mais contundentes, (“a teoria do mordomo”²³, segundo a Profa. Miriam Krasilchik) entrevistar os Coordenadores dos cursos que os formam, tornou-se um imperativo.

O que se buscava nas entrevistas?

a) Informações que permitissem perceber se os cursos de Formação de Professores vêm se mobilizando para atender a uma sociedade que, dinâmica e plural, possui demandas cada vez maiores.

²³ Nos livros policiais clássicos, era comum atribuir-se a culpa e a autoria do crime aos “mordomos”.

b) Se a formação é dentro de uma prática reflexiva, por entender que a reflexão é um instrumento essencial ao desenvolvimento do pensamento e da ação docente.

Gómez (1995, p.93) considera que *“no modelo reflexivo de formação de professores, a prática adquire o papel central/eixo de todo o currículo, assumindo-se como o lugar de aprendizagem e de construção do pensamento prático do professor”*.

Entende-se, também, que o desafio enfrentado hoje pelo profissional docente, para ser vencido, depende não só de sua formação inicial, mas também de uma formação permanente

“...é de fundamental importância que o professor: tome consciência do que faz ou pensa sobre a prática pedagógica; tenha uma visão crítica das atividades e procedimentos na sala de aula e dos valores culturais de sua função docente; adote uma postura de pesquisador e não apenas de transmissor...”(MACEDO, 1994.)²⁴

Para Ferreiro (1992, 48-49)²⁵, *“o ponto mais delicado de qualquer processo de mudança qualitativa é a capacitação de professores”*

Desta forma, pontuam-se as respostas para realização das considerações.

Pelas mudanças ocorridas nos últimos anos, ao contrário da Instituição Pública entrevistada, todas as Instituições Privadas identificam a norma legal como causa de qualquer reforma que tenham efetuado.

O “orgulho”, com que sete delas referiram-se ao cumprimento legal, sem nenhum outro dado que indicasse reflexão sobre o contexto social, os desafios da profissão docente e a necessidade de definir o perfil do aluno que desejam formar, dão idéia de que a preocupação central é com a autorização de funcionamento, não atentando para a natureza do que fazem.

Naquelas que mostraram atenção às demandas sociais e à própria situação da profissão na sociedade, a preocupação com a mudança nos cursos de Pedagogia foi uma das reflexões exteriorizadas. Segundo eles,

²⁴ MACEDO, 1994 __In CARVALHO, T. C. Intervenção Pedagógica e formação do Professor, 2000.

²⁵ FERREIRO, E. Com todas as Letras, São Paulo, Cortez, 1992.

“a prioridade em formar o professor da educação infantil e fundamental / colocando a gestão e administração escolar como simples disciplinas do curso, podem vir a prejudicar, futuramente, na escola, o apoio extraclasse aos alunos e professores”²⁶.

Assim, considerando que, a maioria dos cursos pesquisados, tem três anos de duração, essa formação estará indubitavelmente prejudicada.

Na efetividade das mudanças, excluindo a novidade de estruturar o curso por módulos temáticos, encontrados em duas instituições, foi recorrente a impressão de uma postura legalista e pouco reflexiva de atendimento às exigências dos órgãos que regulamentam e fiscalizam os cursos, isto é, mudaram as estruturas de seus cursos e copiaram as orientações normativas.

A dificuldade inicial na compreensão da pergunta sobre novas estratégias do ensino foi clara, levando em consideração a alteração na estrutura dos cursos com o aparecimento de novas disciplinas.

O uso das TCI²⁷ é o fator de destaque nos relatos. Aparecendo então grandes disparidades em sua utilização.

O comentário de um dos Coordenadores:

“o próprio corpo docente é resistente e não tem tempo para sua atualização nesse quesito, são professores que ganham por hora-aula, os alunos têm dificuldades financeiras e não têm computador em casa”, é esclarecedor a esse respeito.

A preocupação em relação à quantidade e qualidade das informações obtidas pela web, a tendência ao uso do “recorta e cola” nos trabalhos acadêmicos e a dificuldade em mudar essa cultura são problemas de difícil equacionamento nas Instituições pesquisadas.

Por outro lado, vislumbrando um novo mercado, com a EAD, algumas Instituições já se equipam para formar profissionais que elas próprias pensam absorver.

²⁶ Transcrição da fala de um dos Coordenadores.

²⁷ TCI — Tecnologias de Comunicação e Informação.

Entendendo que a “revolução digital” é hoje um fato que permeia a vida privada e a profissional, com os desafios dos meios como ferramenta e fonte de informações, os cursos de formação de professores, ao utilizarem tais recursos e explorarem as mídias, deveriam propiciar a reflexão crítica de como entender, usar e se apropriar do conhecimento obtido da Web.

No entanto, nada indica que isto aconteça.

A facilidade de acesso à informação poderia ser mais um meio para a formação intelectual, mas não se concretiza.

Da mesma forma, quando foram abordados os estágios supervisionados, as respostas mostraram uma confusão com ações voluntárias contadas como horas-estágio, sobretudo nas Instituições Filantrópicas. Estas iniciativas são consideradas pelas Instituições estratégias para desenvolver a solidariedade com os “necessitados” e a responsabilidade social do educador.

Postura clara de aceitação e legitimação da estrutura social vigente e a reafirmação dos “papéis sociais”.

Neste sentido, os relatos sobre as dificuldades estruturais trazidas por grande parte dos alunos oriundos de classes socioeconômicas mais baixas (grande demanda nos cursos de Formação de Professores); de alunos beneficiários do Prouni; a necessidade de oferecerem aulas de reforço aos sábados, fundamentalmente, de Língua Portuguesa²⁸ e Informática e a avaliação que fazem dos profissionais que formam, indicam uma reflexão sobre esta situação que pode ser encontrada em Bourdieu²⁹.

²⁸ O PISA é um programa internacional de avaliação comparada, desenvolvido e coordenado internacionalmente pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). No Brasil, o PISA é coordenado pelo Inep. Os últimos resultados do PISA (2006) mostram o Brasil em 48º lugar num total de 56 países quanto à avaliação da leitura de nossos alunos. Este dado nos fez procurar saber sobre o ensino da norma culta da Língua aos professores em formação. Esta não é uma disciplina contemplada pelas matrizes, portanto, sua inclusão nos sugere a constatação de sua necessidade.

²⁹ Apenas com uma breve referência, podemos citar o artigo de Denise Catani na Revista Educação – Especial: Biblioteca do Professor - Bourdieu 5 – Pensa a Educação – Editora Segmento. Págs 16 a 25. Quando, sobre a obra A Reprodução – afirma que Bourdieu analisando as formas contemporâneas de exclusão – para ele, a escola “*nunca exerceu um papel tão importante e para uma parcela tão importante da sociedade*”. “*A contradição, no entanto, é que ela continue excluindo os que “não são feitos para ela”, embora mantendo-os no seu interior, relegado-os a um ensino desvalorizado e outorgando-lhes diplomas sem valor no mercado*”. Nesse mesmo artigo, citando Os Herdeiros, “... *ele extrai a idéia de que o sistema escolar não vai igualar as oportunidades ou dar acesso à cultura a todos mas pode, no entanto, numa boa hipótese, não reforçar*

Se a formação inicial nos parece prejudicada por objetivos nas Instituições Privadas que priorizam o lucro em detrimento da qualidade, não é de estranhar que elas não tenham idéia do que acontece depois que seus alunos se formam e quais dificuldades encontram para se inserir na cultura escolar.

Da mesma forma, a educação continuada objeto de normas legais³⁰ e de pesquisas e artigos acadêmicos não está ainda incorporada nas Instituições de Ensino Superior. As opções disponíveis por meio dos cursos de mestrado, doutorado ou especialização, com duração de 2 anos ou mais, não contemplam a idéia da formação continuada pelos custos e pelo tempo que demandam. Esta se for compreendida como cursos de curta duração, simpósios, palestras, oficinas, momentos temáticos, vem sendo oferecida esporadicamente por editoras de livros didáticos, centros de estudo ligados ao mercado de trabalho, ONGs e sindicatos.

Percebe-se que não há ainda uma idéia consolidada de como deve ser a formação continuada não só na forma, mas também nas condições para que seja possível e constitua-se em hábito.

Vários fatores contribuem para dificultar a atualização dos professores: a qualidade dos cursos; os custos; a forma de contratação no ensino privado, só remunerando a hora-aula trabalhada o que obriga o professor a cumprir uma carga horária extensa e a dificuldade para encontrar tempo disponível para essa capacitação.

Assim, se por um lado recaem sobre os professores as cobranças de atualização, sem que haja condições para tal; por outro os instrumentos que pretendem medir o resultado de seu trabalho, de seu desempenho em sala de aula já estão sendo aplicados. A partir dos exames nacionais dos alunos e avaliações internas nas próprias instituições de ensino; neste caso, amparadas pela **Lei N°10.861**, de 14 de

a desigualdade..." Citando o Relatório do Colégio de França elaborado por Bourdieu e outros intelectuais .. expõe a possibilidade apontada por ele das hipóteses da democratização da vida escolar ou minimização das desigualdades. Indicando a divulgação das técnicas de trabalho intelectual e a arte de organizar a aprendizagem como fatores de diferenciação no êxito escolar. ".....os alunos precisam se familiarizar, principalmente quando suas famílias não têm condições de fazê-lo.

³⁰ - LDB, art.63 parágrafo III; art. 67, parágrafo II; no Decreto nº 3.276, 6 de dezembro/1999 art. 2º parágrafo IV; pelo CNE/CP nº1/2002 art.4 § 2º.

abril de 2004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior–SINAES, em seu artigo 11.

Desta forma, a lei ao normatizar as avaliações internas das Instituições, refere-se às CPAs (Comissões Próprias de Avaliação) como “...*meio de constatar e identificar problemas e carências de forma a superar e estabelecer os meios para a transformação desejada...*”, indicando a avaliação dos docentes como um dos parâmetros para a identificação dos problemas.

Na introdução da chamada “cultura do desempenho”, vários estudos sobre as avaliações³¹ apontam:

- 1) a possibilidade de vieses nesses processos, visto que as relações sociais e, sobretudo, as econômicas estabelecidas entre docentes e direção/administração podem levar a favoritismos e punições;
- 2) a preocupação com o treinamento dos alunos para obter bons resultados nos testes, em vez de serem educados no sentido mais amplo deste termo;
- 3) a ampla divulgação dos resultados negativos, sem que se faça uma análise das circunstâncias de ordem econômica, social e institucional; e
- 4) os desempenhos escolares que não possam ser medidos, vão perdendo sua importância dentro das escolas.

Pelas entrevistas, verificou-se que, independentemente, dos professores posicionarem-se e apropriarem-se dos instrumentos de avaliações, elas já são uma realidade e, portanto, as considerações acima merecem ser discutidas e ampliadas.

³¹ Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1145-1157, Set./Dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.



*Pensar a educação é reafirmar a utopia
tão necessária à prática docente.
Refletir sobre a prática docente é
confrontar o utópico e o real.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO







Cumprir os objetivos a que este estudo se propôs, mostrou-se ao longo de seu desenvolvimento, uma tarefa desafiadora.

Os veículos de comunicação, sinalizadores do que parece ser o foco principal da sociedade e do atual governo, externam opiniões, divulgam levantamentos estatísticos sobre: a mobilidade da população brasileira; a taxa de natalidade; os índices de desemprego, associando-os: à universalização, à qualidade e à equidade da educação.

Muitos artigos, mesas-redondas e entrevistas apontam a Educação como promotora do desenvolvimento da economia do País; da saúde pública; da contenção da violência; de uma distribuição de renda mais justa; de melhores salários e empregabilidade.

A retórica extremamente abundante sobre a importância da Educação torna-a refém da solução de quase todas, senão todas as mazelas da sociedade. Assim, o risco de que os discursos e as práticas intervencionistas percam-se na intenção, frente à morosidade com que as respostas são produzidas, poderá levar a uma responsabilização ainda maior dos professores.

Não resta dúvida de que a Educação deve ser a prioridade de um país que ela tem uma enorme capacidade de interferência em todas essas questões, porém é preciso trazer para essa responsabilidade, também, a sociedade com a função educativa que lhe compete. De outra forma, transferem-se à Escola/Professores papéis que, pela sua multiplicidade, serão impossíveis de desempenhar.

No Brasil, a Educação nunca foi uma política de Estado e sim de Governos, sofrendo a cada gestão modificações. Caberá à sociedade e aos professores apropriarem-se do processo de Educação para o futuro que todos desejam.

No entanto, concluímos que esta apropriação é de difícil concretização.





A Educação responde lentamente aos anseios de uma sociedade dinâmica e que busca respostas imediatas. Os resultados de Pesquisa Nacional de Educação³² (2008) apontam que 89% dos brasileiros consultados colocaram em quinto lugar a Educação, como prioridade e preocupação; entre nove itens indicados, sinalizando, desta forma, grandes dificuldades para uma discussão ampla e conseqüente sobre a Educação que pretendemos.

Assim, ao cumprir os objetivos a que se propôs este estudo, traçando cenários para a Educação nos próximos anos, percebemos a importância em ficar atentos pelo risco de, ao projetar as expectativas no futuro, evitarmos ações que sejam essenciais no presente.

O presente trabalho dirigido para o Ensino Privado do Município de São Paulo, em busca de mudanças e conseqüências para a profissionalidade docente³³ verificou que ainda são poucas as pesquisas para o setor Privado da Educação. No entanto, acreditamos que estas devem ser ampliadas, uma vez que os últimos anos têm mostrado um crescimento exacerbado nesse setor. Segundo dados do MEC/ INEP(2006), há, aproximadamente, 12% de matrículas no Ensino Básico Privado e, no Ensino Superior, superam 90%.³⁴

Desse modo, qualquer cenário para a Escola Privada (Básica ou Superior) nos próximos dez anos dependerá das efetivas mudanças que as Políticas Públicas conseguirem elaborar e introduzir no Sistema Público de Ensino.

É preciso considerar que, com a diminuição da taxa de natalidade a médio prazo, a demanda em termos de quantidade de escolas e professores diminuirá.

³² Pesquisa Nacional de Educação-2008- Projeto Educar para Crescer – Editora Abril, resultados divulgados em 15/09/2008, disponíveis em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/institucional/pesquisanacional.shtml>

³³ “Profissionalidade docente, entendida como processo de construção/reconstrução das respostas práticas (saberes profissionais) dos docentes frente às questões que se apresentam na sala de aula, na escola, na relação com os demais profissionais, com os pais, com a sociedade”. (Ghedin, Evandro; Almeida, Maria Isabel de; Leite, Yoshie Ussami Ferrari- Formação de Professores)

³⁴ Censo de 2006 disponível na internet em: <http://www.inep.gov.br/>



Entretanto, a Educação tenderá a ser mais complexa em qualquer prospecção que se faça, com a incorporação de novas dimensões, seja em termos de qualidade de espaço físico, tecnologias ou novas modalidades de cursos.

O Ensino a distância tenderá a se ampliar, diversificando sua estrutura de atuação.

Em seguida, apresentamos alguns cenários:

Cenário A: Permanece como hoje

- O Sistema Privado de Ensino atrela-se às políticas públicas, adota as determinações obrigatórias, responde à pressão da sociedade e fortalece as estratégias empresariais.
- As Políticas Públicas de Ensino mantêm o porcentual de investimento em Educação e ensejam algumas modificações:

• aumentam o número de vagas nos Cursos de Formação de Professores das Instituições Federais (por meio de incentivos, como o Reuni), tendo como objetivo atender à demanda por mais professores para o Ensino Básico;

• sinalizam fiscalizações nos Cursos de Formação de Professores;

• estimulam parcerias para a organização de cursos de atualização para professores;

• aprimoram os mecanismos de avaliação dos discentes e docentes;

• instituem prêmios por desempenho; e

• aumentam a pressão sobre os professores.

Cenário B: Aumenta a Inserção do Setor Privado da Educação

- A Educação Básica é priorizada e o setor privado amplia-se com o apoio do governo que orientado por experiências em outros países, entre eles Chile e EUA, busca em uma parceria Público-Privada (instituindo algo semelhante a “vouchers”, ou mesmo, às escolas “charter”)³⁵ atender à demanda provocada pela universalização do Ensino Fundamental e Médio;
- A Educação Superior é relevante, mas não priorizada. O setor Público amplia as discussões para a cobrança de mensalidades com estagnação de sua qualidade. No setor Privado da Educação, amplia-se o estímulo do governo com incentivos fiscais e programas, tais como: Prouni, Fies;
- O mercado favorecerá a incorporação de pequenas Instituições para manter a hegemonia e fazer frente aos custos da introdução do EAD, fusões com Instituições Internacionais (entrada no mercado de empresas estrangeiras e de capital de risco) que lhe garantam uma imagem de credibilidade e modernidade;
- O segmento privado de Educação polariza-se entre Instituições que oferecerão ensino de qualidade e de elevado custo e Instituições que atenderão à população com menor poder aquisitivo ou oriundas de programas de incentivo governamental;
- Os sistemas de avaliação, tanto discente como docente aprimorados e valorizados serão a referência para a legitimação das Instituições e seleção dos professores;

³⁵ Os “vales” ou “vouchers” experiência adotada no Chile, a partir do governo Pinochet e mantida pela Concertación. As escolas “charter”, medida adotada nos EUA no início dos anos 1990, são construídas e geridas por entidades privadas, mas as matrículas e mensalidades de seus alunos são pagas pelos Estados, que são responsáveis por monitorar seu desempenho.

- Exigência cada vez maior de formação inicial qualificada e de atualização docente; e
- Melhor remuneração aos docentes que atuarão nas Instituições Privadas de qualidade.

Cenário C: Educação com Qualidade e Eqüidade, direito de todos e dever do Estado em provê-la

- Aumento do porcentual do PIB para a Educação – Investimento no Ensino Público;
- Melhor remuneração dos professores como atrativo para reter e cativar os mais capacitados para o magistério;
- Articulação de políticas de valorização dos professores;
- Melhora da infra-estrutura das Instituições Públicas de Ensino;
- Maior oferta de cursos de atualização continuada que atendam de fato às necessidades contemporâneas;
- Abertura de maior número de vagas nos Cursos de Formação de Professores e fiscalização efetiva dos atuais cursos;
- Acompanhamento dos Professores iniciantes na carreira docente;
- Autonomia e autogestão das escolas públicas;
- Nesta situação, o setor privado da Educação tenderá a buscar nas camadas mais altas a sua clientela. No Ensino Básico, haverá maior diversificação nos programas de ensino como atrativo diferencial. No Ensino Superior, haverá a introdução de novos cursos com a oferta de qualificações diversificadas e voltadas ao mercado de trabalho;

- Com a diminuição dos potenciais “clientes”, exacerbar-se-á a competição no setor Privado, favorecendo as incorporações, tanto no nível Básico como Superior;
- Os sistemas de avaliação, tanto discente como docente, aprimorados e valorizados serão a referência para a legitimação das Instituições e seleção dos professores;
- Exigência cada vez maior da formação inicial qualificada e da atualização docente; e
- Melhor remuneração para os docentes, com maior qualificação, que atuarão nas Instituições Privadas de qualidade.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAD	Ensino a distância
%	Porcentagem
B	Bom
Educ.	Educação
ENAD	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
Ens.	Ensino
Fies	Financiamento Estudantil
Freq.	Frequência
FSP	Folha de São Paulo
Fund.	Fundamental
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
Inep	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MB	Muito Bom
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PIB	Produto Interno Bruto
Pisa	Programa internacional de avaliação de alunos
Prof.	Professor
Prouni	Programa Universidade para Todos
Reuni	Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SAEB	Sistema de Avaliação do Ensino Básico
Sinpro-SP	Sindicato dos Professores de São Paulo
TCC	Trabalho de conclusão de curso
TCI	Tecnologias de Comunicação e Informação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Web	World Wide Web - “rede de alcance mundial”

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1: Distribuição dos professores por faixa etária	24
Figura 2: Distribuição dos professores, segundo o gênero	24
Figura 2.1: Distribuição dos professores, associando idade e gênero	25
Figura 3: Distribuição no Município de São Paulo, dos professores (moradia), das Instituições de Ensino e da população	25
Figura 3.1 Distribuição das Instituições de Ensino no Município de São Paulo	120
Figura 4: Professores da amostra: domínio de línguas	26
Figura 5: Professores: opção pela sindicalização	27
Figura 5.1: Distribuição da sindicalização por gênero	27
Figura 5.2: Distribuição dos professores sindicalizados considerando-se os níveis de ensino	27
Figura 6: Distribuição dos professores nos níveis de Ensino	29
Figura 6.1: Distribuição em cada nível de ensino dos professores, considerando o gênero	29
Figura 6.2: Distribuição em cada nível de ensino dos professores, considerando a faixa etária	30
Figura 7: Distribuição dos professores por tempo de docência	30
Figura 7.1: Distribuição do tempo de docência dos professores nos níveis de ensino	31
Figura 8: Número de escolas onde os professores dão aulas	32
Figura 8.1: Número de escolas onde dão aula, por nível de ensino	32
Figura 9: Distribuição da atividade profissional, como professor	34
Figura 9.1: Atividade principal em cada nível de ensino	34
Figura 10: Razões para a escolha da profissão	36
Figura 10.1: Razões para a escolha da profissão em cada nível de ensino	36

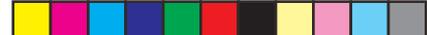


Figura 11: Satisfação com a profissão - mudaria se pudesse?	37
Figura 11.1: Em cada nível de ensino, quem deseja permanecer?	37
Figura 11.2 Entre os professores que se declararam vocacionados, quantos querem permanecer na profissão?	124
Figura 12: Razões para mudar de profissão	38
Figura 12.1: Em cada nível de ensino, quais as razões para mudar de profissão?	39
Figura 13: Como os professores avaliam seu curso de formação?	40
Figura 13.1: Avaliação do curso de formação nos níveis de ensino, somados Muito bom e Bom	126
Figura 13.2: Avaliação do curso de formação, segundo a faixa etária, somados Muito bom e Bom	127
Figura 14: Como avalia seu início na carreira docente?	41
Figura 14.1: Dados comparativos da avaliação do início da carreira docente (somadas as avaliações de Muito Bom e Bom)	42
Figura 15: A prática docente hoje, quais são suas maiores dificuldades?	42
Figura 16: Quantos professores fizeram cursos de atualização no último ano?	43
Figura 16.1: Professores que fizeram cursos de atualização no último ano, considerando o nível de ensino	43
Figura 16.2: Professores que fizeram curso de atualização, considerando o tempo de docência	44
Figura 16.3: De que forma o estímulo da instituição de ensino onde os professores trabalham interfere na busca por atualização?	44
Figura 16.4: Considerando o nível de ensino, que tipo de curso os professores fizeram?	45
Figura 16.5: Como avaliam esses cursos de atualização, levando em consideração o tipo de curso?	45
Figura 16.6: Onde fizeram o(s) curso(s)?	46
Figura 16.7: Quem pagou o(s) curso(s)?	47
Figura 17: Concordam com a imagem que é projetada?	49





Figura 18: Opinião dos professores sobre o papel da Educação – dados comparativos, entre os níveis de ensino, somadas as notas de 1 a 4	51
Figura 19: Opinião sobre um Exame de Proficiência para o exercício do magistério	53
Figura 20: Já foi avaliado durante seu exercício do magistério?	53
Figura 20.2: Entre os professores que já foram avaliados, quem os avaliou?	54
Figura 20.3: Qual a finalidade dessa avaliação?	54
Figura 21C: Ensino Básico – interpretação da visão predominante sobre o futuro da Educação	62
Figura 21D: Ensino Superior – interpretação da visão predominante sobre o futuro da Educação	62
Figura 22A: Ensino Básico, qual é o perfil do professor no futuro?	63
Figura 22B: Ensino Superior, qual é o perfil do professor no futuro?	64
Figura 23A: Ensino Básico, expectativa quanto à atuação do Sinpro-SP	65
Figura 23B: Ensino Superior, expectativa quanto à atuação do Sinpro-SP	65
Figura 24: Avaliações das Instituições realizadas pelo MEC (segundo informação dos Coordenadores)	71



LISTA DE QUADROS E TABELAS

	Pág.
Quadro 1 Dimensões e informações pesquisadas: professores	16
Quadro 2 Dimensões e informações pesquisadas : cursos de formação de professores	18
Quadro 3 Instituições participantes das entrevistas: distribuição geográfica	70
Quadro 4 Tipo de Instituição, Cursos oferecidos e Período	72
	81
Tabela 9 - Evasão nos cursos de Licenciatura, 1997	
Tabela A1 - Distribuição dos professores por faixa etária	119
Tabela A2 - Distribuição por gênero	119
Tabela A2.1 - Distribuição por idade e gênero	119
Tabela A3 - Zona de residência dos professores, distribuição das Instituições de Ensino e da população do Município	119
Tabela A4 - Domínio de línguas além da língua portuguesa	120
Tabela A5 - Distribuição da sindicalização na amostra	120
Tabela A5.1 - Distribuição da sindicalização na amostra por gênero	120
Tabela A5.2 - Distribuição da sindicalização por nível de ensino	120
Tabela B6 - Amostra - Distribuição dos professores por nível de ensino	121
Tabela B6.1 - Distribuição dos professores por nível de ensino, considerando o gênero	121
Tabela B6.2 - Distribuição dos professores por nível de ensino, considerando a faixa etária	121
Tabela B7 - Distribuição dos professores por tempo de docência	122
Tabela B7.1 - Distribuição dos professores, considerando: o tempo de docência e o nível de ensino	122

Tabela B7.2 - Distribuição dos professores (amostra) com mais de 20 anos de docência, em cada nível de ensino	122
Tabela B7.2.1 - Distribuição dos Professores (amostra) com mais de 20 anos de docência em cada nível de ensino, considerando o gênero de seus professores.	32
Tabela B8 - Número de escolas onde os professores lecionam - Amostra	122
Tabela B8.1 - Número de escolas onde lecionam, considerando o nível de ensino	123
Tabela B8.2 – Distribuição dos professores por nível de ensino nas redes privada, municipal, estadual e federal	33
Tabela B9 - A atividade profissional como professor	123
Tabela B9.1 - Atividade principal dos professores por nível de ensino	123
Tabela C10 - Motivos da escolha da profissão	123
Tabela C10.1 - Motivos da escolha da profissão - por nível de ensino	123
Tabela C11 - Satisfação com a profissão	124
Tabela C11.1 - Satisfação com a profissão por nível de ensino	124
Tabela C11.2 - Entre os vocacionados, quem deseja mudar de profissão – por nível de Ensino	124
Tabela C12 - Razões para mudança de profissão	125
Tabela C13 - Avaliação dos cursos de formação	125
Tabela C13.1 - Avaliação do curso de formação em cada nível de ensino	125
Tabela C13.1.A - Comparação com a amostra, da avaliação do curso de formação em cada nível de ensino – somados Muito Bom e Bom	125
Tabela C13.2 - Avaliação do curso de formação, segundo a idade dos professores	126
Tabela C13.2A - Comparando com a AMOSTRA - avaliação do curso de formação segundo a idade – somados Muito Bom e Bom	126
Tabela C14 - Avaliação do início da carreira docente	127
Tabela C14.1 - Avaliação do início da carreira docente – por nível de ensino	127

Tabela C14.1.A - Avaliação do início da carreira docente – somados Muito Bom e Bom – dados comparados à amostra	129
Tabela C15 - Dificuldades na prática docente hoje – média na amostra	129
Tabela C15.1 - Dificuldades na prática docente – por nível de ensino	129
Tabela C16 - Atualização profissional (amostra)	131
Tabela C16.1 - Atualização profissional no último ano, por nível de ensino	131
Tabela C16.2 - Atualização profissional no último ano – por tempo de docência	131
Tabela C16.3 - A influência na atualização docente – (amostra)	131
Tabela C16.4 - Tipos de cursos de atualização por nível de ensino	132
Tabela C16.5 - Avaliação dos cursos de atualização realizados (amostra)	132
Tabela C16.6 - Local da realização do curso, por nível de ensino	132
Tabela C16.7 - Quem pagou o curso: por nível de ensino	132
Tabela D17 - Concordância com a mídia: opinião sobre a educação	133
Tabela D17.1 - Dos professores que concordam com a imagem da Educação divulgada pela mídia, razões por nível de ensino	133
Tabela D17.2 - Dados Comparativos, Amostra e Níveis de Ensino, somadas as seleções de 1 a 4, para as cinco razões mais assinaladas	50
Tabela D18 - Opinião dos professores sobre o papel da Educação – por nível de ensino	135
Tabela D18.1 - Opinião dos Professores sobre o papel da Educação – Dados Comparativos entre os níveis de ensino somadas as notas de 1 a 4	136
Tabela D19 - Opinião sobre exame de proficiência para o exercício do magistério (amostra)	137
Tabela D19.1 - Opinião sobre exame de proficiência para o exercício do magistério por nível de ensino	137
Tabela D20 - Foi avaliado no exercício do magistério (amostra) ?	137
Tabela D20.1 - Foi avaliado no exercício do magistério – por nível de ensino?	137
Tabela D20.2 - Dos que foram avaliados, quem os avaliou?	137

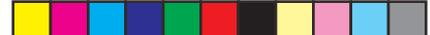


Tabela D20.3 - Dos que foram avaliados, qual a finalidade da avaliação?	138
Tabela E21.A - Ensino Básico: opinião sobre a Educação dos próximos dez anos	60
Tabela E21.B - Ensino Superior: opinião sobre a Educação dos próximos dez anos	60
Tabela E21.C - Ensino Básico: interpretação da visão predominante sobre o futuro da Educação	61
Tabela E21.D - Ensino Superior: interpretação da visão predominante sobre o futuro da Educação	61
Tabela E22.A - Ensino Básico, o que pensam sobre o perfil futuro do professor	62
Tabela E22.B - Ensino Superior, o que pensam sobre o perfil futuro do professor	63
Tabela E23.A - Ensino Básico, expectativa quanto à atuação do Sinpro-SP	64
Tabela E23.B - Ensino Superior, expectativa quanto à atuação do Sinpro-SP	64



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, F.J. org. *O DNA da educação: legisladores protagonizam as mais profundas e atuais reflexões sobre políticas públicas*. São Paulo, Instituto DNA Brasil, 2006.

ALVES, R.; VILLAS-BOAS, B. Escola é chata porque não faz sentido: para educadores, disciplinas desconectadas do cotidiano, docentes desmotivados e reprovações são algumas causas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 jan. 2007. Folha Cotidiano, p.C3.

BÁSICO em educação, O: Falência do ensino exige de governo e sociedade reação vigorosa, com adoção e perseguição de metas realizáveis. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22abr.2007. Editorial,p.A2.

BELLONI, M. L. *Tecnologia e formação de professores: rumo a uma pedagogia pós-moderna?*. São Carlos. Centro de Ciências da Educação da UFSC.17p [Digitado]

BITTENCOURT, A. B. A escola sozinha não produz igualdade. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 jul 2003.

BOSI, A. Valorizar o Professor do ciclo básico. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 jul. 2003.

BRASIL - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Brasília, 1996.

BRASLAVSKY, C. *Dez fatores para uma educação de qualidade para todos no séc XXI*. São Paulo: Moderna, 2006

BUZATO, M. E. K. *Letramentos e Formação de Professores*, Campinas: UNICAMP, 11p. [Digitado]

CAFARDO, R; REHDER, M. Rede particular forma mais docentes. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 set. 2008.

CARVALHO, T. C. A. *Intervenção pedagógica e formação do professor*, III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural, Campinas, jul. 2000. Artigo disponível na Internet: <http://www.fae.unicamp.br/br2000/india.htm>.

CASTRO, M. H. G. *Educação para o séc. XXI: o desafio da qualidade e da equidade*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.

CATANI, D. *Revista Educação Especial*. Biblioteca do Professor. Bourdieu, 5 Pensa a Educação. São Paulo: Segmento, p. 16-25.

COMPUTADOR em escola não melhora nota. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 abr. 2007. Folha Cotidiano, p. C1.

COSSE, G. - Voucher educacional: nova e discutível panacéia para a América Latina. *Cadernos de Pesquisa*. Mar. 2003. Artigo disponível na Internet; <http://www.scielo.br>

DELORS, J. org. *Educação para o séc. XXI: questões e perspectivas*, Porto Alegre: Artmed, 2005.

DESEMPENHO escolar: o desafio. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 mar. 2007. p. A26, A27.

DIMANTAS, H. A invasão bárbara. *Le Monde Diplomatique*, Paris, 15 set. 2008.

DIMANTAS, H. O que é pedagógico? *Le Monde Diplomatique*, Paris, 15 ago.2008.

DURHAM, E. R.; SAMPAIO, H. *O setor privado de Ensino Superior na América Latina*, São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da USP, 28p [Digitado]

DWYER, T. et al. Desvendando mitos: os computadores e o desempenho no sistema escolar. *Educação & Sociedade*, Campinas, v.28, n.101, 2007.

EDUCAÇÃO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2 abr. 2007. p. A8, A10, L1, L6,L7,L9.

ESTEVE, J. M. *A terceira revolução educacional*, São Paulo: Moderna. 2004.

FERREIRO, E. *Com todas as letras* – São Paulo: Cortez, 1992.

GARCIA, C.M.; *Estudio sobre estrategias de inserción profesional en Europa*, Revista Iberoamericana de Educación, nº 19, Madri, abr. 1999, disponível na Internet: <http://www.rieoei.org/oeivirt/rie19.htm>.

GHEDIN, E.; ALMEIDA, M.I.; LEITE, Y. U. F. *Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática*, Brasília: Líber Livro, 2008.

GLOCK, R.S.; GOLDIM, J.R. *Ética profissional é compromisso social*. Porto Alegre: Mundo Jovem (PUCRS), 2003.

GOMEZ, A.P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In.: NÓVOA, A. coord. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 93-114.

HADDAD, S.; GRACIANO, M. *Educação: direito universal ou mercado em expansão*. Ação Educativa, 2004, 34p. [Digitado]

HEY, A .P.; CATANI, A. M. Bourdieu e a Educação. *Cult*, São Paulo, n.128, p.62-64,2008.

IOSCHPE, G. *Analfabetismo e a inviabilidade do Brasil*, 5p. [Digitado]

IRERLAND, V.E.coord *Repensando a Escola: um estudo sobre os desafios de aprender a ler e escrever*. Brasília: UNESCO, MEC/ INEP, 2007.

Instituições privadas formam mais professores do que as públicas. *O Estado de São Paulo*. Artigo disponível na Internet: http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080710/not_imp203427.0.php

KASSAB, A. A universidade segundo Schwartzman. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 6 mai, 2007

KENSKI, V. M. O redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n.8, p. 58- 71, 1998

LADRIÈRE, J.UCL, *Ética e pensamento científico*. São Paulo: Letras & Letras.

LITTO, F. M. P Perspectivas da educação à distância no Brasil. *Revista Brasileira de Aprendizado a Distância*, 2003.

LITTO, F.; SCHWARTTZMAN, S.; MELLO, G. N. Para especialistas informatização deve trazer bom conteúdo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 abr,2007, p.C-3

MACEDO,1994, In.: CARVALHO, T. C. *Intervenção Pedagógica e formação do Professor*, III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural, Campinas, jul. 2000. Artigo disponível na Internet: <http://www.fae.unicamp.br/br2000/india.htm>.

MAIS de 70% dos brasileiros estão satisfeitos com a educação, diz Ibope. *Globo.com*, 15 Set. 2008. Artigo disponível na Internet: www.globo.com

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M.; *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCOVITCH, J. As universidades na década vindoura. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 jul 2008, p. A-3

MEKSENAS, P. O lugar da ética no trabalho do (a) professor (a), *Revista Espaço Acadêmico*, n. 40, set. 2004; Disponível na Internet: http://www.espacoacademico.com.br/040/40pc_meksenas.htm

MENEZES FILHO, N. *Os determinantes do desempenho escolar no Brasil*, São Paulo, Instituto Futuro Brasil: Ibmec - SP, FEA –USP, 2008 [Digitado]

MENEZES FILHO, N. Escola charter, escolas privadas com funcionamento público. *São Paulo: Valor Econômico*. Ago. 2007. Artigo disponível na Internet: <http://www.bresserpereira.org.br>.

MENEZES FILHO, N. “Vouchers” a solução para a educação brasileira? São Paulo: *Valor Econômico*, 13/jul.2007.

MORAN, J. M. Educação On line. Texto publicado in: RICARDO, E. J. Org. *Educação corporativa e educação a distância*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005

MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

NASCIMENTO, M. M. 1984. p. 16, In.: MEKSENAS, P. O lugar da ética no trabalho do (a) professor (a), *Revista Espaço Acadêmico*, n. 40, set. 2004: Disponível na Internet: http://www.espacoacademico.com.br/040/40pc_meksenas.htm

NERI, M. Contra – avaliação educacional: percepções peruanas. São Paulo: *Valor Econômico*, 17 jul. 2007, p.A15.

NERI, M. Desafios e diferenças educacionais. São Paulo: *Conjuntura Econômica*, 2007, p. 38-41.

NERI, M. Eqüidade e eficiência na educação. São Paulo: *Conjuntura Econômica*, 2007, p. 44-46.

NÉRI, M. *Eqüidade e eficiência na educação: motivações e metas*. Rio de Janeiro: Centro de Políticas Sociais da FGV, p.46. [Digitado]

NERI, M. Metas e performance educacional. São Paulo: *Conjuntura Econômica*, 2007, p.46-47.

NERI, M. Motivações e metas educacionais. São Paulo: *Valor Econômico*, 27 mar. 2007, p. A13.

NERI, M. O “pobrema” da educação. São Paulo: *Valor Econômico*, 24 abr. 2007, p. A15.

NÓVOA, A. *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo*, São Paulo: SINPRO-SP, 2006.

NÓVOA, A. Os Professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.25, n.1, p.11-20, 1999

NÓVOA, A. (Org.). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991.

OLIVEIRA, R. P. Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. *Educação & Sociedade*, Campinas, v.28, n.100, 2007.

OCDE. *Professores são importantes: atraindo, desenvolvendo e retendo professores eficazes*. São Paulo: Moderna, 2006.

Pisa, OCDE. *Resultados dos estudantes brasileiros, 2006*. Disponível na Internet: http://www.custoaluno.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2006_COLETIVA.ppt#8

PORTO, C.; RÉGNIER, K. *O ensino superior no mundo e no Brasil: Condicionantes, tendências e cenários para o horizonte 2003-2025: uma abordagem exploratória*. Brasília, 2003.

QUANTO pior o ensino, menor chance de verbas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 abr. 2007, p. A15.

RIBEIRO, V. M. *Analfabetismo e analfabetismo funcional no Brasil*. 4p. [Digitado]

RUIZ, A. I.; RAMOS, M. R.; HINGEL, M. *Escassez de professores no Ensino Médio: propostas estruturais e emergenciais*, Brasília, Ministério da Educação, 2007.

SCHWARTZMAN, S. Ensino público e ensino privado: convergências e divergências. *Associação Brasileira de Mantenedoras*. nov. 1983. Artigo disponível na Internet: <http://www.schwartzman.org.br/simon/privado.htm>.

SCHWARTZMAN, S. Chile: um laboratório de reformas educacionais. *Comissão de Educação da Câmara de Deputados*, jul. 2007. Artigo disponível na Internet: <http://www.schwartzman.org.br/simon/privado.htm>.

SILVA, L. R. *Formação do conhecimento coletivo: o papel do professor em tempos de web arte e copyleft*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 7p. [Digitado]

SINOPSES Estatísticas da Educação Superior - Graduação 2006. Artigo disponível na Internet: <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/>

SOARES, M.T.P.coord. *As emoções e os valores dos professores brasileiros*. São Paulo: Fundação SM, 2007.

SUGESTÃO de metas básicas e adicionais até 2022 – aponta a revalorização do professor e a necessidade de observar os cursos de formação. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22abr. 2007, Editorial p.A2.

STEINER, J.E. Conhecimento: gargalos para um Brasil no Futuro. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.20, n.56, p.75-90, 2006.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho do magistério. *Educação & Sociedade*, Campinas, v.21, n.73, p. 209-244, dez. 2000.

TRINDADE, H. Saber e poder: os dilemas da universidade brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.14, n.40, p.121-133, 2000.

UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. São Paulo: Moderna, 2004.

VERGARA, S.C.; *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*, São Paulo: Atlas, 2007.

VIÑAO, A. *La Educación comprensiva: experimento con la utopía,tres años después*. Murcia, Universidad de Murcia, 20p. [Digitado]

VOUCHER EDUCAÇÃO. *Livre para escolher e aprender*. Instituto Millenium, 4 Mai.2007. Artigo disponível na Internet: http://www.institutomillenium.org/index3.php?on=artigo&in=assunto&artigo_id=419

WEINBERG, M. Premiar o mérito (entrevista com Maria Helena Guimarães de Castro). *Veja*, São Paulo, n.2047, 13 fev. 2008.

ZAGRUY, T. *O professor refém: para pais e professores estabelecerem porque fracassa a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Sites Consultados:

<http://www.mec.gov.br>

<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/lindice.htm#reso>

<http://www.inep.gov.br>

<http://www.scielo.br/?lng=pt>

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pol_l.php?t=001

<http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/>

<http://www.cedes.unicamp.br>

<http://www.ftp.ibge.gov.br/indicadoressociais>

Apêndice 1

Instrumentos de Pesquisa

Instrumento 1 – Professores

I – Identificação Pessoal

Nº (a ser atribuído pelo sistema)

Email _____ é sindicalizado no SinproSP? sim não

Nome(opcional) _____ idade _____ sexo _____

Zona de residência:

centro norte sul leste oeste

curso de formação:

disciplina/tipo _____

Instituição em que se formou? _____

está lecionando atualmente na rede privada?

sim Não

II-Profissão: PROFESSOR

1 Em quantas escolas leciona atualmente?

- 0
- 1
- 2
- + de 2

2 rede(s)

- privada
- Municipal
- estadual
- Federal

escola(s) onde dá aula:

3 nível (is) em que leciona:

- Educação Infantil
- Fundamental I
- Fundamental II
- Ensino Médio
- Superior
- Pós Graduação

4 Tempo de docência:

- até 1 ano
- mais de 1 ano até 4 anos
- de 5 a 9 anos
- de 10 a 20 anos
- mais de 20 anos; quantos? _____

5 Por que você escolheu o magistério?

- vocação
- atração salarial
- facilidade de emprego
- falta de outra opção
- outro motivo Qual? _____

6 Você mudaria de profissão se pudesse?

- Sim
- Não

7 Se a resposta anterior foi sim, o motivo é:

- melhoria salarial
- menos desgaste emocional
- menor carga de trabalho
- maior status social
- outro Qual? _____

8 O magistério é atualmente:

- sua única atividade profissional
- a principal atividade profissional
- uma atividade profissional complementar

9 Como avalia o seu curso de formação quanto a:

9.1 - parte específica (matéria que leciona):

- muito bom
- bom
- regular
- insatisfatório

9.2 - metodologia de ensino:

- muito bom
- bom
- regular
- insatisfatório

9.3 - novas tecnologias aplicáveis ao ensino

- muito bom
- bom
- regular
- insatisfatório

10 Sobre o início da carreira:

10.1 - Começou a lecionar antes de formado?

- Sim
- Não

10.2 - Se não, quanto tempo após formado começou a lecionar? _____

11 Como você avalia seu início de carreira quanto ao:

11.1 – domínio da matéria

- muito bom
- bom
- regular
- insatisfatório

11.2 – domínio da disciplina

- muito bom
- bom
- regular
- insatisfatório

11.3 – relacionamento com os alunos

muito bom bom regular insatisfatório

11.4 – relacionamento com os colegas

muito bom bom regular insatisfatório

11.5 – relacionamento com a direção/equipe técnica

muito bom bom regular insatisfatório

12 Que dificuldades você detecta, hoje, na prática diária docente? (ao assinalar mais de uma opção, numere por ordem de importância de 1 – mais importante a 5 – menos importante).

indisciplina dos alunos

quantidade e velocidade das informações

uso de novas tecnologias

atualização de conteúdos

aumento do número de horas de trabalho na escola

aumento do número de horas de trabalho em casa

grande número de alunos em sala de aula

mudanças freqüentes das teorias pedagógicas impostas pela escola

Estimulo a cursos

13.1 A Escola onde dá aula estimula a atualização ou o aprimoramento curricular dos professores?

Sim Não

13.2 Você participou de algum curso no último ano?

Sim Não

13.3 Se a resposta à pergunta anterior foi sim, o(s) curso(s) foi realizado:

na Escola

no SinproSP

na Universidade

por outra entidade

13.4 Quem pagou?

A Escola

Você

outros quem? _____

13.5 O(s) curso(s) referido(s) acima foi(foram):

presencial(ais) semipresencial(ais) on-line

13.6 A sua avaliação desse(s) curso é:

proveitoso estimulante insatisfatório

14 Que idioma domina, além do Português?

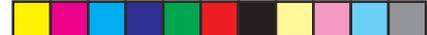
nenhum

inglês

espanhol

francês

outro qual? _____



Sobre a imagem da educação:

15 Concorda com a opinião generalizada pela mídia sobre a ineficiência da educação?

Sim Não

15.1 Que fatores você aponta como responsáveis por essa imagem difundida pela mídia? (se você assinalar mais de uma opção, numere por ordem de importância de 1 – mais importante a 5 – menos importante).

- baixos salários dos professores, desprestigiando a sua função
- carga de trabalho excessiva do professor
- falta de preparo dos professores
- invisibilidade do professor nos meios de comunicação
- currículos defasados/desatualizados nos cursos de formação
- desinteresse do alunado
- educação vista como negócio, expectativa de retorno rápido
- confusão entre infra-estrutura física e organizacional e o trabalho do professor

Sobre a avaliação dos professores

16.1 A exemplo da OAB, você concorda com exames de proficiência para o exercício do magistério?

Sim Não

16.2 Você já foi avaliado profissionalmente, no magistério:

Sim Não

16.3 Se a resposta anterior foi sim, quem foi(foram) os avaliadores?

- direção da Escola/ equipe técnica
- os alunos
- os pais
- os colegas
- equipe externa à escola

16.4 A avaliação a que se referem as duas questões anteriores, foi utilizada como:

- feedback e possíveis reestruturações da prática docente
- reflexão coletiva sobre o sistema de ensino adotado
- motivo para diferenciação salarial
- forma de valorização ou desvalorização junto à direção
- argumento para demissão de professores

A respeito da educação

17 Para você, a educação tem como principal função: (se você assinalar mais de uma opção, numere por ordem de importância de 1 – mais importante a 5 – menos importante).

- formar cidadãos conscientes e solidários
- transmitir cultura
- transmitir conhecimento
- preparar para o mundo do trabalho
- preparar para o vestibular





Com a palavra os Professores:

I - Pensando agora sobre como poderá ser a Educação nos próximos dez anos, que previsão você faria?

II - Nesse contexto, que perfil de professor será exigido?

III - Considerando essa situação, como deverá ser a atuação do SINPRO-SP, na sua opinião?



Instrumento 2 - Cursos de Formação de Professores

I – Nome da Instituição _____ Nº ___E

() Pública () Privada no Sentido Estrito () Privada Filantrópica

() Privada Confessional Filantrópica

() Universidade () Faculdade () Centro Universitário () Inst. Superior

Cursos que oferece (formação de professores)	Turnos de oferta	Data de início de funcionamento	Total de vagas

Nº de alunos (média dos últimos dois anos, 2005 e 2006)

Que se matricularam _____ Que se formaram _____ ou % de evasão _____

Relação candidato vaga no último ano _____

Nota da Avaliação do MEC _____

Pauta Aberta (orientação para a entrevista):

1 Nos últimos dez anos quais alterações ocorreram na grade curricular? Motivadas por quê?

(Sabendo que ocorreram por normatização modificações na grade e estrutura dos cursos – essas mudanças deram-se para atender somente à legislação (imposição) ou como resultado da reflexão e discussão do corpo docente e diretivo sobre qual perfil do professor é hoje necessário para atender aos desafios da sociedade contemporânea).

2 São desenvolvidas e discutidas novas estratégias de ensino?

() sim () não

2.1 Nas disciplinas específicas ou nas didáticas?

2.2 Quais? (se possível, citar exemplos)

2.3 Há instrumentalização para a prática dessas novas estratégias? Como?

(Detalhamento para observar se as respostas são consistentes).

3 A sua instituição realiza avaliação docente?

() sim () não

3.1 Quem elabora o instrumento de avaliação? (empresa externa contratada ou a própria instituição por meio de uma equipe ou são os próprios professores e coordenadores)

3.2 Quem avalia? (esse questionário de avaliação é respondido por quem? Alunos, colegas, coordenadores, equipe pedagógica, secretaria, pais de alunos ?)

3.3 Quais são as conseqüências da avaliação para o docente? (o professor tem acesso sigiloso aos resultados, é feito ranking , é discutido o resultado com o professor, ele é orientado frente aos resultados ou), como se processa realmente e a utilização como parâmetro para reavaliar os cursos.

4 Que mudanças ocorreram em seus cursos com a popularização da informática e da Web? (Considerando que a “revolução digital” é hoje um fato que permeia a vida privada e a profissional, com os desafios dos meios como ferramenta e das informações, como quantidade e velocidade, as aulas passaram a utilizar tais recursos, os alunos aprendem e exploram as novas tecnologias, como entender e criticamente usar e apropriar-se do conhecimento obtido por meio da Web?)

5 Língua Portuguesa figura como disciplina na grade curricular? Em quais cursos?

6 Discute-se a ética profissional durante a formação? Nas disciplinas didáticas ou nas específicas?

7 Discute-se a responsabilidade social do educador? Nas disciplinas didáticas ou nas específicas?

8 Que avaliação faz dos profissionais que libera para o mercado de trabalho? (dos alunos que saem para exercer o magistério)



Estruturação do curso, observação às questões socioculturais, de infra-estrutura e a preocupação em formar docentes atualizados.

**9 A instituição oferece oportunidade de atualização (posterior) para seus alunos?
Como? Tem dados de quantos fazem?**

Educação continuada!

10 Qual o impacto do Prouni e do Fies para seus cursos de licenciatura? (aumento do número de alunos, mudança do perfil socioeconômico dos mesmos ...)

Como essas medidas alteraram o nº de aspirantes ao magistério.

11 Gostaria de fazer alguma observação sobre a imagem e a realidade da Educação no Brasil? (Que soluções apontaria?)

Obrigada pela colaboração



Apêndice 2

I- Tabelas e Figuras:

1.1 dados pessoais

Tabela A1 – Distribuição dos professores por faixa etária (amostra) Figura 1

Idade (anos)	TOTAL	
	Freqüência	Porcentual
22 >23	23	6,07%
24>27	58	15,30%
28>33	85	22,43%
34>44	107	28,23%
mais de 45	106	27,97%
TOTAL	379	100,00%

Tabela A2 - Distribuição por gênero (amostra) Figura 2

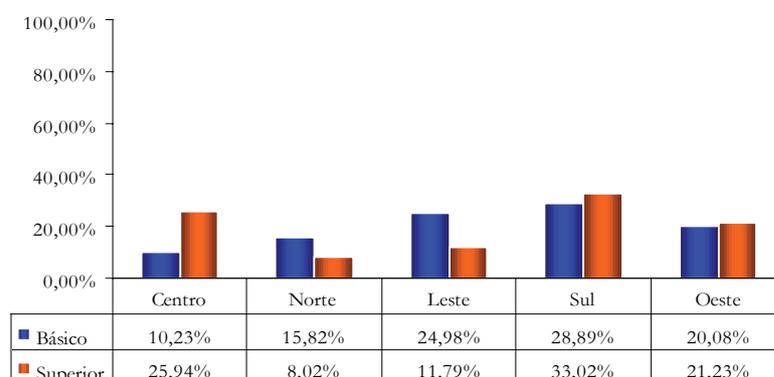
Gênero	TOTAL	
	Freqüência	Porcentual
masculino	107	28,23%
feminino	272	71,77%
TOTAL	379	100,00%

Tabela A2.1 - Distribuição por idade e gênero Figura 2.1

Faixa Etária	Homens	Mulheres	Total
22 >23	1,87%	7,72%	6,07%
24>27	14,95%	15,44%	15,03%
28>33	21,50%	22,79%	22,43%
34>44	32,71%	26,47%	28,23%
mais de 45	28,97%	27,57%	27,97%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%

Tabela A3 - Zona de residência dos professores, distribuição das Instituições de Ensino e da população do Município Figura 3

	Professores	Instituições	População Município
Centro	15,83%	11,10%	3,46%
Norte	20,05%	15,39%	20,03%
Leste	21,37%	24,25%	37,86%
Sul	21,37%	29,11%	29,97%
Oeste	21,37%	20,15%	8,62%



Fonte: SINPRO-SP. 2007.

Figura 3.1 Distribuição das instituições de ensino no Município de São Paulo

Tabela A4 – Domínio de línguas além da língua portuguesa – Figura 4

Idioma	TOTAL	
	Freqüência	Porcentual
Nenhum	141	29,50%
Inglês	174	36,40%
Espanhol	101	21,13%
Francês	36	7,53%
Outro	26	5,44%
TOTAL	478	100,00%

Tabela A5 - Distribuição da sindicalização na amostra Figura 5

	Freqüência	Porcentual
Sim	331	87,34%
Não	48	12,66%
TOTAL	379	100,00%

Tabela A5.1 - Distribuição da sindicalização na amostra por gênero Figura 5.1

Sindicalizados	Homens		Mulheres	
	Freqüência	Porcentual	Freqüência	Porcentual
Sim	89	83,18%	242	88,97%
Não	18	16,82%	30	11,03%
TOTAL	107	100,00%	272	100,00%

Tabela A5.2 - Distribuição da sindicalização por nível de ensino Figura 5.2

Nível de Ensino	SINDICALIZADO		NÃO-SINDICALIZADO		TOTAL	
	Freqüência	Porcentual	Freqüência	Porcentual	Freqüência	Porcentual
Ed. Infantil	87	86,14%	14	13,86%	101	100,00%
Fundamental I	74	91,36%	7	8,64%	81	100,00%
Fundamental II	77	90,59%	8	9,41%	85	100,00%
Ens. Médio	46	86,79%	7	13,21%	53	100,00%
Ens. Superior	47	79,66%	12	20,34%	59	100,00%
TOTAL	331	87,34%	48	12,66%	379	100,00%

1.2 dados profissionais

Tabela B6 - Amostra - Distribuição dos professores por nível de ensino Figura 6

Nível de Ensino	TOTAL	
	Frequência	Porcentual
Educação Infantil	101	26,65%
Fundamental I	81	21,37%
Fundamental II	85	22,43%
Ensino Médio	53	13,98%
Ensino Superior	59	15,57%
TOTAL	379	100,00%

Tabela B6.1 - Distribuição dos professores por nível de ensino, considerando o gênero Figura 6.1

nível de ensino	Homens		Mulheres		Total
	Frequência	Porcentual	Frequência	Porcentual	
Educação Infantil	16	15,84%	85	84,16%	100%
Fundamental I	5	6,17%	76	93,83%	100%
Fundamental II	34	40,00%	51	60,00%	100%
Ensino Médio	25	49,00%	28	51,00%	100%
Ensino Superior	27	45,70%	32	54,30%	100%

Tabela B6.2 - Distribuição dos professores por nível de ensino, considerando a faixa etária Figura 6.2

Nível de Ensino	Faixa etária	Frequência	Porcentual
Educação Infantil	22>23	13	12,87%
	24>27	19	18,81%
	28>33	23	22,77%
	34>44	24	23,76%
	mais de 45 anos	22	21,78%
Fundamental I	22>23	7	8,64%
	24>27	15	18,52%
	28>33	19	23,46%
	34>44	21	25,93%
	mais de 45 anos	19	23,46%
Fundamental II	22>23	3	3,53%
	24>27	14	16,47%
	28>33	19	22,35%
	34>44	24	28,24%
	mais de 45 anos	25	29,41%
Ensino Médio	22>23	0	0,00%
	24>27	6	11,32%
	28>33	12	22,64%
	34>44	18	33,96%
	mais de 45 anos	17	32,08%

(cont.)

Tabela B6.2

(cont.)

Nível de Ensino	Faixa etária	Frequência	Porcentual
Ensino Superior	22>23	0	0,00%
	24>27	4	6,78%
	28>33	12	20,34%
	34>44	20	33,90%
	mais de 45 anos	23	38,98%

Tabela B7 - Distribuição dos professores por tempo de docência Figura 7

Tempo de docência	TOTAL	
	Frequência	Porcentual
até 1 ano	9	2,37%
1 a 4 anos	59	15,57%
5 a 9 anos	89	23,48%
10 a 20 anos	141	37,20%
mais de 20 anos	81	21,37%
TOTAL	379	100,00%

Tabela B7.1 - Distribuição dos professores, considerando: o tempo de docência e o nível de ensino Figura 7.1

Nível de ensino	até 1 ano		1 a 4 anos		5 a 9 anos		10 a 20 anos		mais de 20 anos	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Educação Infantil	4	3,96	18	17,82	23	22,77	37	36,60	19	18,80
Fundam. I	2	2,47	8	9,80	15	18,50	39	48,14	17	21,00
Fundam. II	2	2,35	17	20,00	21	24,70	26	30,60	19	22,35
Ensino Médio	0	0,00	7	13,20	15	28,30	17	32,00	14	26,40
Ensino Superior	1	1,70	9	15,25	15	25,40	22	37,30	12	20,30

Tabela B7.2 - Distribuição dos professores (amostra) com mais de 20 anos de docência, em cada nível de ensino

Nível de ensino	21>24 anos	25 anos ou mais	30 anos ou mais
Educação Infantil	6,00%	13,00%	
Fundamental I	12,30%	16,00%	
Fundamental II	9,50%	13,00%	
Ensino Médio	17,00%	9,50%	
Ensino Superior	7%	9%	5,08%

Tabela B8 - Número de escolas onde os professores lecionam - Amostra Figura 8

Número de escolas	TOTAL	
	Frequência	Porcentual
uma escola	232	61,21%
duas escolas	116	30,61%
mais de 2 escolas	31	8,18%
TOTAL	379	100,00%

Tabela B8.1 - Número de escolas onde lecionam, considerando o nível de ensino Figura 8.1

Nível de Ensino	1 escola		2 escolas		mais de 2 escolas		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Educ. Infantil	68	67,32	26	25,74	7	6,93	101	100,00%
Fundamental I	55	67,9	23	28,39	3	3,7	81	100,00%
Fundamental II	48	56,47	31	36,47	6	7,05	85	100,00%
Ensino Médio	23	43,39	26	49,05	4	7,54	53	100,00%
Ensino Superior	38	64,4	10	16,95	11	18,64	59	100,00%

Tabela B9 - A atividade profissional como professor Figura 9

atividade profissional	TOTAL	
	Frequência	Porcentual
única	248	65,44%
principal	101	26,65%
complementar	30	7,92%
TOTAL	379	100,00%

Tabela B9.1 - Atividade principal dos professores por nível de ensino Figura 9.1

Nível de Ensino	única atividade		principal atividade		atividade complementar		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Educ. Infantil	67	66,33%	28	27,73%	6	5,94%	101	100,00%
Fundamental I	56	69,14%	22	27,16%	3	3,70%	81	100,00%
Fundamental II	63	74,11%	17	20,00%	5	5,88%	85	100,00%
Ens. Médio	30	56,60%	18	33,96%	5	9,43%	53	100,00%
Ens. Superior	32	54,23%	16	27,11%	11	18,64%	59	100,00%

1.3 A Profissão Docente

Tabela C10 - Motivos da escolha da profissão Figura 10

Motivos	TOTAL	
	Frequência	Porcentual
vocação	302	79,68%
atração salarial	4	1,06%
facilidade de emprego	19	5,01%
falta de outra opção	11	2,90%
outro motivo	43	11,35%
TOTAL	379	100,00%

Tabela C10.1 - Motivos da escolha da profissão - por nível de ensino Figura 10.1

Nível de Ensino	vocação		atração salarial		facilidade de emprego		falta de outra opção		outro motivo	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Educação Infantil	91	90,00%	0	0,00%	4	3,96%	0	0,00%	6	5,94%
Fundam. I	64	79,00%	1	1,23%	4	4,93%	3	3,70%	9	11,11%
Fundam. II	62	73,00%	1	1,17%	7	8,23%	4	4,70%	11	12,94%

(cont.)

Tabela C10.1

(cont.)

Nível de Ensino	vocaçã		atração sala- rial		facilidade de emprego		falta de outra opção		outro motivo	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Ensino Médio	45	84,90%	1	1,88%	3	5,66%	2	3,80%	2	3,77%
Ensino Superior	40	68,00%	1	1,70%	1	1,70%	2	3,40%	15	25,40%

Tabela C11 – Satisfação com a profissão Figura 11

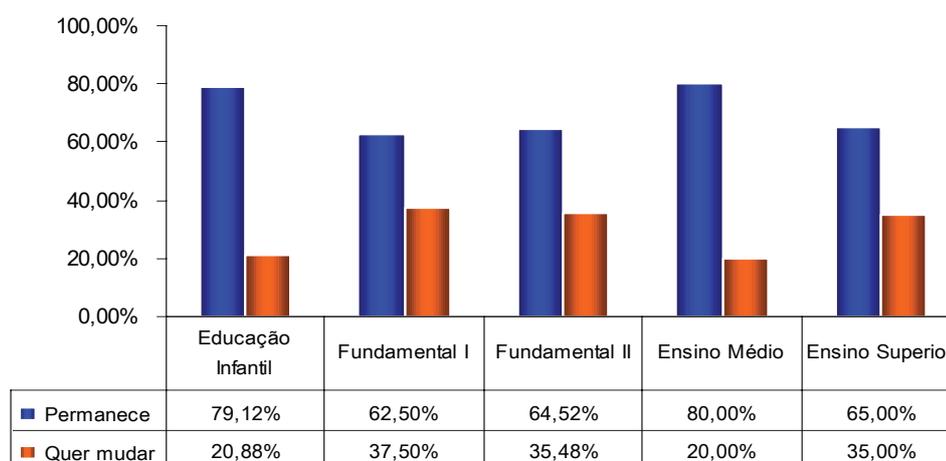
SATISFAÇÃO	TOTAL	
	Frequência	Porcentual
Quer permanecer	248	65,44%
Quer mudar	131	34,56%
TOTAL	379	100,00%

Tabela C11.1 - Satisfação com a profissão por nível de ensino Figura 11.1

Nível de Ensino	Quer permanecer		Quer mudar		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Educ. Infantil	76	75,24%	25	24,75%	101	100,00%
Fundamental I	46	56,79%	35	43,20%	81	100,00%
Fundamental II	47	55,29%	38	44,70%	85	100,00%
Ens. Médio	38	71,69%	15	28,30%	53	100,00%
Ens. Superior	41	69,50%	18	30,50%	59	100,00%

Tabela C11.2 - Entre os vocacionados, quem deseja mudar de profissão – por nível de Ensino
Figura 11.2

Nível de ensino	Permanece	Quer mudar
Educação Infantil	79,12%	20,88%
Fundamental I	62,50%	37,50%
Fundamental II	64,52%	35,48%
Ensino Médio	80,00%	20,00%
Ensino Superior	65,00%	35,00%



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 11.2: Entre os professores que se declararam vocacionados, quantos querem permanecer?

Tabela C12 - Razões para mudança de profissão Figura 12

Razões da pretensão	TOTAL	
	Freqüência	Porcentual
melhoria salarial	77	59,69%
menos desgaste emocional	41	31,78%
menor carga de trabalho	2	1,55%
maior status social	0	0,00%
outro motivo	9	6,98%
TOTAL	129	100,00%

Tabela C13 - Avaliação dos cursos de formação Figura 13

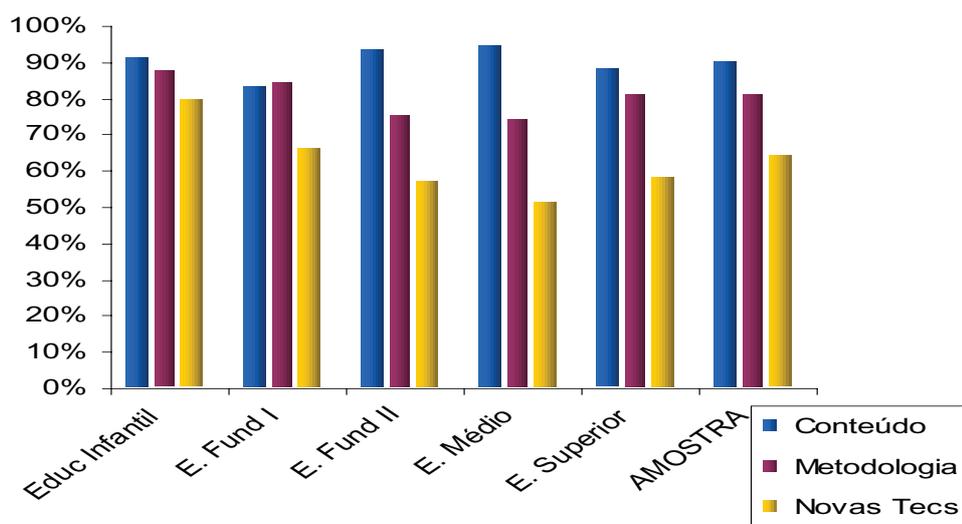
Opções	Muito Bom		Bom		Regular		Insatisfatório		TOTAL	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Conteúdo	176	46,44%	164	43,27%	33	8,71%	6	1,58%	379	100,00%
Metodologia	105	27,70%	202	53,30%	61	16,09%	11	2,90%	379	100,00%
Novas Tecnologias	73	19,26%	171	45,12%	96	25,33%	39	10,29%	379	100,00%

Tabela C13.1 - Avaliação do curso de formação em cada nível de ensino

Nível	Questão	Muito Bom		Bom		Regular		Insatisfatório		TOTAL	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Educação Infantil	conteúdo	50	49,50%	42	41,58%	8	7,92%	1	0,99%	101	100,00
	metodol.	44	43,56%	44	43,56%	12	11,88%	1	0,99%	101	100,00
	novas tec.	35	34,65%	45	44,55%	18	17,82%	3	2,97%	101	100,00
Ensino Fundamental I	conteúdo	25	30,86%	42	51,85%	10	12,35%	4	4,94%	81	100,00
	metodol.	18	22,22%	50	61,73%	10	12,35%	3	3,70%	81	100,00
	novas tec.	14	17,28%	40	49,38%	22	27,16%	5	6,17%	81	100,00
Ensino Fundamental II	conteúdo	41	48,24%	38	44,71%	6	7,06%	0	0,00%	85	100,00
	metodol.	21	24,71%	43	50,59%	18	21,18%	3	3,53%	85	100,00
	novas tec.	11	12,94%	38	44,71%	23	27,06%	13	15,29%	85	100,00
Ensino Médio	conteúdo	33	62,26%	17	32,08%	3	5,66%	0	0,00%	53	100,00
	metodol.	14	26,42%	25	47,17%	12	22,64%	2	3,77%	53	100,00
	novas tec.	7	13,21%	20	37,74%	19	35,85%	7	13,21%	53	100,00
Ensino Superior	conteúdo	27	45,76%	25	42,37%	6	10,17%	1	1,69%	59	100,00
	metodol.	8	13,56%	40	67,80%	9	15,25%	2	3,39%	59	100,00
	novas tec.	6	10,17%	28	47,46%	14	23,73%	11	18,64%	59	100,00

Tabela C13.1.A - Comparação com a AMOSTRA da avaliação do curso de formação de cada nível de ensino – somados Muito Bom e Bom Figura 13.1

Nível	Conteúdo	Metodologia	Novas Tecnologias
Educação Infantil	91%	87%	79%
Ensino Fundamental I	83%	84%	66%
Ensino Fundamental II	93%	75%	57%
Ensino Médio	94%	74%	51%
Ensino Superior	88%	81%	58%
AMOSTRA	90%	81%	64%



Fonte: Arquivo da pesquisadora

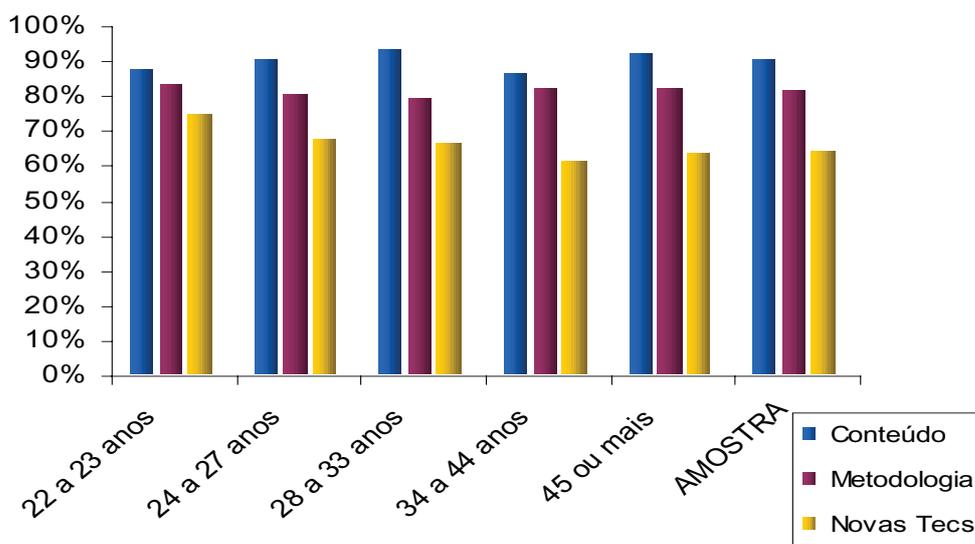
Figura 13.1: Avaliação do curso de formação nos níveis de ensino, somados Muito Bom E Bom

Tabela C13.2 Avaliação do curso de formação, segundo a idade dos professores

Faixa etária	Questão	Muito Bom		Bom		Regular		Insatisfatório		TOTAL	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
22 a 23 anos	conteúdo	9	39,13%	11	47,83%	3	13,04%	0	0,00%	23	100,00%
	metodol.	8	34,78%	11	47,83%	4	17,39%	0	0,00%	23	100,00%
	novas tec.	4	17,39%	13	56,52%	6	26,09%	0	0,00%	23	100,00%
24 a 27 anos	conteúdo	30	51,72%	22	37,93%	6	10,34%	0	0,00%	58	100,00%
	metodol.	23	39,66%	23	39,66%	11	18,97%	1	1,72%	58	100,00%
	novas tec.	10	17,24%	29	50,00%	15	25,86%	4	6,90%	58	100,00%
28 a 33 anos	conteúdo	39	45,88%	40	47,06%	6	7,06%	0	0,00%	85	100,00%
	metodol.	18	21,18%	49	57,65%	16	18,82%	2	2,35%	85	100,00%
	novas tec.	15	17,65%	41	48,24%	16	18,82%	13	15,29%	85	100,00%
34 a 44 anos	conteúdo	43	40,19%	49	45,79%	11	10,28%	4	3,74%	107	100,00%
	metodol.	25	23,36%	63	58,88%	15	14,02%	4	3,74%	107	100,00%
	novas tec.	20	18,69%	45	42,06%	30	28,04%	12	11,21%	107	100,00%
45 anos ou mais	conteúdo	55	51,89%	42	39,62%	7	6,60%	2	1,89%	106	100,00%
	metodol.	31	29,25%	56	52,83%	15	14,15%	4	3,77%	106	100,00%
	novas tec.	24	22,64%	43	40,57%	29	27,36%	10	9,43%	106	100,00%

Tabela C13.2 Comparação com a AMOSTRA da avaliação do curso de formação segundo a idade – somados Muito Bom e Bom Figura 13.2.A

Idade	Conteúdo	Metodologia	Novas Tecnologias
22 a 23 anos	87%	83%	74%
24 a 27 anos	90%	80%	67%
28 a 33 anos	93%	79%	66%
34 a 44 anos	86%	82%	61%
45 ou mais	92%	82%	63%
AMOSTRA	90%	81%	64%



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 13.2: Avaliação do curso de formação, segundo a faixa etária, somados

Muito Bom e Bom

Tabela C14 – Avaliação do início da carreira docente Figura 14

Opções	Muito Bom		Bom		Regular		Insatis- fatório		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
domínio da matéria	85	22,43	199	52,51	87	22,96	8	2,11	379	100,00
domínio da disciplina	82	21,64	203	53,56	84	22,16	10	2,64	379	100,00
relacionamento c/ alunos	185	48,81	149	39,31	39	10,29	6	1,58	379	100,00
relacionamento c/ colegas	178	46,97	175	46,17	25	6,60	1	0,26	379	100,00
relacionamento equipe téc. E direção	151	39,84	178	46,97	44	11,61	6	1,58	379	100,00

Tabela C14.1 Avaliação do início da carreira docente – por nível de ensino

Nível de Ensino	Questão	Muito Bom		Bom		Regular		Insatisfatório		TOTAL	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Educação Infantil	domínio da matéria	22	21,78	57	56,44	21	20,79	1	0,99	101	100,00
	domínio da disciplina	28	27,72	57	56,44	15	14,85	1	0,99	101	100,00
	relac/ com os alunos	69	68,32	28	27,72	4	3,96	0	0,00	101	100,00
	relac/ com os colegas	64	63,37	33	32,67	4	3,96	0	0,00	101	100,00
	relac/ direção e equipe técnica	59	58,42	37	36,63	5	4,95	0	0,00	101	100,00

(cont.)

Tabela C14.1

(cont.)

Nível de Ensino	Questão	Muito Bom		Bom		Regular		Insatisfatório		TOTAL	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Fund. I	domínio da matéria	18	22,22	34	41,98	26	32,10	3	3,70	81	100,00
	domínio da disciplina	17	20,99	38	46,91	23	28,40	3	3,70	81	100,00
	relac/ com os alunos	42	51,85	28	34,57	10	12,35	1	1,23	81	100,00
	relac/ com os colegas	38	46,91	37	45,68	5	6,17	1	1,23	81	100,00
	relac/ direção e equipe técnica	30	37,04	36	44,44	13	16,05	2	2,47	81	100,00
Fund, II	domínio da matéria	23	27,06	48	56,47	13	15,29	1	1,18	85	100,00
	domínio da disciplina	18	21,18	45	52,94	20	23,53	2	2,35	85	100,00
	relac/ com os alunos	37	43,53	36	42,35	9	10,59	3	3,53	85	100,00
	relac/ com os colegas	30	35,29	51	60,00	4	4,71	0	0,00	85	100,00
	relac/ direção e equipe técnica	29	34,12	42	49,41	12	14,12	2	2,35	85	100,00
Ensino Médio	domínio da matéria	10	18,87	24	45,28	17	32,08	2	3,77	53	100,00
	domínio da disciplina	6	11,32	31	58,49	13	24,53	3	5,66	53	100,00
	relac/ com os alunos	20	37,74	25	47,17	7	13,21	1	1,89	53	100,00
	relac/ com os colegas	23	43,40	25	47,17	5	9,43	0	0,00	53	100,00
	relac/ direção e equipe técnica	18	33,96	28	52,83	6	11,32	1	1,89	53	100,00
Ensino Superior	domínio da matéria	12	20,34	36	61,02	10	16,95	1	1,69	59	100,00
	domínio da disciplina	13	22,03	32	54,24	13	22,03	1	1,69	59	100,00
	relac/ com os alunos	17	28,81	32	54,24	9	15,25	1	1,69	59	100,00
	relac/ com os colegas	23	38,98	29	49,15	7	11,86	0	0,00	59	100,00
	relac/ direção e equipe técnica	15	25,42	35	59,32	8	13,56	1	1,69	59	100,00

Tabela C14.1.A Avaliação do início da carreira docente – somados Muito Bom e Bom– dados comparativos com a amostra Figura 14.1.A

	domínio da matéria	domínio da disciplina	relac/ c/ os alunos	relac/ c/ colegas	relac/ c/direção e equipe
Ed. Infantil	78,00%	84,00%	96,00%	96,00%	95,00%
Fund I	64,00%	68,00%	86,00%	92,50%	81,50%
Fund II	83,50%	74,00%	86,00%	95,00%	83,50%
Médio	64,00%	70,00%	85,00%	90,50%	87,00%
Superior	81,00%	76,00%	83,00%	88,00%	85,00%
AMOSTRA	75,00%	75,00%	88,00%	93,00%	87,00%

Tabela C15 – Dificuldades na prática docente hoje: média na amostra Figura 15

Opções	Muito importante	Pouco importante	Irrelevante
indisciplina dos alunos	20,82%	11,59%	7,17%
quantidade e veloc// de informações	9,51%	13,34%	14,40%
uso das novas tecnologias	6,40%	11,64%	17,09%
atualização de conteúdos	7,48%	11,97%	16,35%
aumento horas de trabalho na escola	12,38%	12,13%	12,69%
aumento horas de trabalho em casa	17,68%	14,17%	8,08%
grande nº de alunos em sala	16,38%	10,98%	10,23%
mudanças freqüentes nas teorias pedagógicas	9,34%	14,20%	13,99%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%

Tabela C15.1 – Dificuldades na prática docente – por nível de ensino

Educação Infantil

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
indisciplina dos alunos	44	17,46%	28	18,06%	29	7,23%
quantidade e veloc// de informações	35	13,89%	19	12,26%	47	11,72%
uso das novas tecnologias	18	7,14%	16	10,32%	67	16,71%
atualização de conteúdos	25	9,92%	19	12,26%	57	14,21%
aumento horas de trabalho na escola	31	12,30%	21	13,55%	49	12,22%
aumento horas de trabalho em casa	36	14,29%	22	14,19%	43	10,72%
gde nº de alunos em sala	41	16,27%	11	7,10%	49	12,22%
mudanças freq teorias pedagógicas	22	8,73%	19	12,26%	60	14,96%
TOTAL	252	100,00%	155	100,00%	401	100,00%

Fundamental I

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
indisciplina dos alunos	55	26,32%	9	6,98%	17	5,48%
quantidade e veloc// de informações	18	8,61%	22	17,05%	41	13,23%
uso das novas tecnologias	12	5,74%	14	10,85%	55	17,74%

(cont.)

Tabela C15.1 –

(cont.)

Fundamental I

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
atualização de conteúdos	11	5,26%	20	15,50%	50	16,13%
aumento horas de trabalho na escola	21	10,05%	13	10,08%	47	15,16%
aumento horas de trabalho em casa	36	17,22%	20	15,50%	25	8,06%
gde nº de alunos em sala	34	16,27%	10	7,75%	37	11,94%
mudanças freq teorias pedagógicas	22	10,53%	21	16,28%	38	12,26%
TOTAL	209	100,00%	129	100,00%	310	100,00%

Fundamental II

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
indisciplina dos alunos	49	20,76%	20	13,16%	16	5,48%
quantidade e veloc// de informações	24	10,17%	17	11,18%	44	15,07%
uso das novas tecnologias	13	5,51%	22	14,47%	50	17,12%
atualização de conteúdos	19	8,05%	12	7,89%	54	18,49%
aumento horas de trabalho na escola	30	12,71%	18	11,84%	37	12,67%
aumento horas de trabalho em casa	41	17,37%	20	13,16%	24	8,22%
gde nº de alunos em sala	37	15,68%	25	16,45%	23	7,88%
mudanças freq teorias pedagógicas	23	9,75%	18	11,84%	44	15,07%
TOTAL	236	100,00%	152	100,00%	292	100,00%

Ensino Médio

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
indisciplina dos alunos	32	24,24%	8	9,64%	13	6,22%
quantidade e veloc// de informações	14	10,61%	10	12,05%	29	13,88%
uso das novas tecnologias	5	3,79%	12	14,46%	36	17,22%
atualização de conteúdos	9	6,82%	10	12,05%	34	16,27%
aumento horas de trabalho na escola	16	12,12%	10	12,05%	27	12,92%
aumento horas de trabalho em casa	23	17,42%	14	16,87%	16	7,66%
gde nº de alunos em sala	21	15,91%	7	8,43%	25	11,96%
mudanças freq teorias pedagógicas	12	9,09%	12	14,46%	29	13,88%
TOTAL	132	100,00%	83	100,00%	209	100,00%

Ensino Superior

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
indisciplina dos alunos	25	15,34%	10	10,10%	24	11,43%

(cont.)

Tabela C15.1 –

(cont.)

Ensino Superior

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
quantidade e veloc// de informações	7	4,29%	14	14,14%	38	18,10%
uso das novas tecnologias	16	9,82%	8	8,08%	35	16,67%
atualização de conteúdos	12	7,36%	12	12,12%	35	16,67%
aumento horas de trabalho na escola	24	14,72%	13	13,13%	22	10,48%
aumento horas de trabalho em casa	36	22,09%	11	11,11%	12	5,71%
gde nº de alunos em sala	29	17,79%	15	15,15%	15	7,14%
mudanças freq teorias pedagógicas	14	8,59%	16	16,16%	29	13,81%
TOTAL	163	100,00%	99	100,00%	210	100,00%

Tabela C16 – Atualização profissional: na amostra Figura 16

Atualização profissional	TOTAL	
	Frequência	Porcentual
Sim	264	69,66%
Não	115	30,34%
TOTAL	379	100,00%

Tabela C16.1 - Atualização profissional no último ano - por nível de ensino Figura 16.1

Nível de ensino	Fez curso		Não fez curso		TOTAL	
	Frequência	Porcentual	Frequência	Porcentual	Frequência	Porcentual
Educ. Infantil	72	71,29%	29	28,71%	101	100,00%
Fund. I	63	77,78%	18	22,22%	81	100,00%
Fund. II	60	70,59%	25	29,41%	85	100,00%
Ens. Médio	39	73,58%	14	26,42%	53	100,00%
Ens. Superior	30	50,85%	29	49,15%	59	100,00%
TOTAL	264	69,66%	115	30,34%	379	100,00%

Tabela C16.2 - Atualização profissional no último ano - por tempo de docência Figura 16.2

Atualização profissional	Fez curso		Não fez curso	
	Frequência	Porcentual	Frequência	Porcentual
até um ano	5	55,56%	4	44,44%
mais de 1 ano até 4 anos	44	74,58%	15	25,42%
de 5 a 9 anos	57	64,04%	32	35,96%
de 10 a 20 anos	99	70,21%	42	29,79%
mais de 20 anos	59	72,84%	22	27,16%
TOTAL	264	69,66%	115	30,34%

Tabela C16.3 - A influência na atualização docente – (amostra) Figura 16.3

Opções	PROFESSORES	
	Frequência	Porcentual
escola estimula e professor faz	170	44,85%
escola estimula e professor não faz	35	9,23%
escola não estimula e professor faz	94	24,80%
escola não estimula e professor não faz	80	21,11%
TOTAL	379	100,00%

Tabela C16.4 - Tipos de cursos de atualização por nível de ensino Figura 16.4

Nível de Ensino	Presencial		Semi-presencial		On-line		TOTAL	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
Educ. Infantil	71	98,61	0	0,00	1	1,39	72	
Fund. I	59	93,65	3	4,76	1	1,59	63	
Fund. II	56	93,33	0	0,00	4	6,67	60	
Ens. Médio	32	82,05	3	7,69	4	10,26	39	
Ens. Superior	24	80,00	3	10,00	3	10,00	30	
TOTAL	242	91,67	9	3,41	13	4,92	264	

Tabela C16.5 - Avaliação dos cursos de atualização realizados (amostra) Figura 16.5

Curso	Proveitoso/Estimulante		Insatisfatório		TOTAL	
	Freqüência	Porcentual	Freqüência	Porcentual	Freqüência	Porcentual
Presencial	224	92,56%	18	7,44%	242	100,00%
Semipresencial	9	100,00%	0	0,00%	9	100,00%
On-Line	12	92,31%	1	7,69%	13	100,00%
TOTAL	245	92,80%	19	7,20%	264	100,00%

Tabela C16.6 - Local da realização do curso: por nível de ensino Figura 16.6

Nível	Local	TOTAL	
		Freqüência	Porcentual
Educação Infantil	Escola	21	29,17%
	Sinpro-SP	4	5,56%
	Universidade	6	8,33%
	Outro local	41	56,94%
Ensino Fundamental I	Escola	21	33,33%
	Sinpro-SP	3	4,76%
	Universidade	7	11,11%
	Outro local	32	50,79%
Ensino Fundamental II	Escola	12	20,00%
	Sinpro-SP	6	10,00%
	Universidade	21	35,00%
	Outro local	21	35,00%
Ensino Médio	Escola	6	15,38%
	Sinpro-SP	1	2,56%
	Universidade	14	35,90%
	Outro local	18	46,15%
Ensino Superior	Escola	0	0,00%
	Sinpro-SP	0	0,00%
	Universidade	9	30,00%
	Outro local	21	70,00%

Tabela C16.7 - Quem pagou o curso: por nível de ensino Figura 16.7

Nível	Quem pagou	TOTAL	
		Freqüência	Porcentual
Educação Infantil	escola	35	48,61%
	o professor(a)	28	38,89%

(cont.)

Tabela C16.7

(cont.)

Nível	Quem pagou	TOTAL	
		Frequência	Porcentual
Educação Infantil	outros	9	12,50%
	escola	25	39,68%
Ensino Fundamental I	o professor(a)	31	49,21%
	outros	7	11,11%
	escola	17	28,33%
Ensino Fundamental II	o professor(a)	39	65,00%
	outros	4	6,67%
	escola	12	30,77%
Ensino Médio	o professor(a)	23	58,97%
	outros	4	10,26%
	escola	2	6,67%
Ensino Superior	o professor(a)	17	56,67%
	outros	11	36,67%

1.4 Opinião sobre a Educação e a Profissão

Tabela D17 – Concordância com a média: opinião sobre a educação Figura 17

Concordância	TOTAL	
	Frequência	Porcentual
Concordam	223	58,84%
Não concordam	156	41,16%
TOTAL	379	100,00%

Tabela D17.1 - Dos professores que concordam com a imagem da Educação divulgada pela mídia, razões por nível de ensino

Opção	Educação Infantil					
	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
baixos salários dos professores, desprestigiando a sua função	35	22,88%	6	7,32%	7	4,70%
carga de trabalho excessiva do professor	24	15,69%	7	8,54%	17	11,41%
falta de preparo dos professores	24	15,69%	14	17,07%	10	6,71%
invisibilidade dos professores nos meios de comunicação	9	5,88%	9	10,98%	30	20,13%
currículos defasados/desatualizados nos cursos de formação	12	7,84%	17	20,73%	19	12,75%
desinteresse do alunado	14	9,15%	14	17,07%	20	13,42%

(cont.)

Tabela D17.1

(cont.)

Educação Infantil

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
educação vista como negócio, expectativa de retorno rápido	18	11,76%	8	9,76%	22	14,77%
confusão entre infra-estrutura física/organizacional e o trabalho do professor	17	11,11%	7	8,54%	24	16,11%
TOTAL	153	100,00%	82	100,00%	149	100,00%

Fundamental I

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
baixos salários dos professores, desprestigiando a sua função	26	16,67%	14	19,44%	10	5,81%
carga de trabalho excessiva do professor	21	13,46%	13	18,06%	16	9,30%
falta de preparo dos professores	23	14,74%	10	13,89%	17	9,88%
invisibilidade dos professores nos meios de comunicação	11	7,05%	8	11,11%	31	18,02%
currículos defasados/desatualizados nos cursos de formação	17	10,90%	7	9,72%	26	15,12%
desinteresse do alunado	18	11,54%	7	9,72%	25	14,53%
educação vista como negócio, expectativa de retorno rápido	22	14,10%	6	8,33%	22	12,79%
confusão entre infra-estrutura física/organizacional e o trabalho do professor	18	11,54%	7	9,72%	25	14,53%
TOTAL	156	100,00%	72	100,00%	172	100,00%

Fundamental II

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
baixos salários dos professores, desprestigiando a sua função	30	18,63%	11	13,25%	7	5,00%
carga de trabalho excessiva do professor	21	13,04%	12	14,46%	15	10,71%
falta de preparo dos professores	16	9,94%	12	14,46%	20	14,29%
invisibilidade dos professores nos meios de comunicação	16	9,94%	7	8,43%	25	17,86%
currículos defasados/desatualizados nos cursos de formação	16	9,94%	10	12,05%	22	15,71%
desinteresse do alunado	24	14,91%	13	15,66%	11	7,86%
educação vista como negócio, expectativa de retorno rápido	23	14,29%	9	10,84%	16	11,43%
confusão entre infra-estrutura física/organizacional e o trabalho do professor	15	9,32%	9	10,84%	24	17,14%
TOTAL	161	100,00%	83	100,00%	140	100,00%

(cont.)

Tabela D17

(cont.)

Ensino Médio

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
baixos salários dos professores, desprestigiando a sua função	20	17,24%	5	12,20%	5	6,02%
carga de trabalho excessiva do professor	16	13,79%	10	24,39%	4	4,82%
falta de preparo dos professores	14	12,07%	6	14,63%	10	12,05%
invisibilidade dos professores nos meios de comunicação	9	7,76%	4	9,76%	17	20,48%
currículos defasados/desatualizados nos cursos de formação	12	10,34%	2	4,88%	16	19,28%
desinteresse do alunado	17	14,66%	8	19,51%	5	6,02%
educação vista como negócio, expectativa de retorno rápido	15	12,93%	3	7,32%	12	14,46%
confusão entre infra-estrutura física/organizacional e o trabalho do professor	13	11,21%	3	7,32%	14	16,87%
TOTAL	116	100,00%	41	100,00%	83	100,00%

Ensino Superior

Opção	Seleção 1 e 2		Seleção 3 e 4		Seleção 5 e nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
baixos salários dos professores, desprestigiando a sua função	32	18,71%	8	9,76%	7	5,69%
carga de trabalho excessiva do professor	19	11,11%	16	19,51%	12	9,76%
falta de preparo dos professores	20	11,70%	12	14,63%	15	12,20%
invisibilidade dos professores nos meios de comunicação	14	8,19%	8	9,76%	25	20,33%
currículos defasados/desatualizados nos cursos de formação	15	8,77%	9	10,98%	23	18,70%
desinteresse do alunado	22	12,87%	9	10,98%	16	13,01%
educação vista como negócio, expectativa de retorno rápido	32	18,71%	7	8,54%	8	6,50%
confusão entre infra-estrutura física/organizacional e o trabalho do professor	17	9,94%	13	15,85%	17	13,82%
TOTAL	171	100,00%	82	100,00%	123	100,00%

Tabela D18 - Opinião dos professores sobre o papel da Educação – por nível de ensino

Educação Infantil

Opção	Seleção 1 e 2	Seleção 3 e 4	Seleção 5 e nenhuma
formar cidadãos conscientes e solidários	38,46%	1,89%	5,56%
transmitir cultura	23,93%	15,09%	16,67%
transmitir conhecimento	23,08%	26,42%	9,72%
preparar para o mundo do trabalho	12,82%	30,19%	23,61%
preparar para o vestibular	1,71%	26,42%	44,44%

(cont.)

Tabela D18

(cont.)

Fundamental I			
Opção	Seleção 1 e 2	Seleção 3 e 4	Seleção 5 e nenhuma
formar cidadãos conscientes e solidários	46,08%	2,22%	1,94%
transmitir cultura	16,67%	31,11%	18,45%
transmitir conhecimento	17,65%	26,67%	19,42%
preparar para o mundo do trabalho	17,65%	22,22%	21,36%
preparar para o vestibular	1,96%	17,78%	38,83%
Fundamental II			
Opção	Seleção 1 e 2	Seleção 3 e 4	Seleção 5 e nenhuma
formar cidadãos conscientes e solidários	38,05%	4,62%	3,23%
transmitir cultura	20,35%	21,54%	17,74%
transmitir conhecimento	23,01%	18,46%	16,13%
preparar para o mundo do trabalho	15,04%	33,85%	14,52%
preparar para o vestibular	3,54%	21,54%	48,39%
Ensino Médio			
Opção	Seleção 1 e 2	Seleção 3 e 4	Seleção 5 e nenhuma
formar cidadãos conscientes e solidários	30,14%	13,16%	7,69%
transmitir cultura	20,55%	15,79%	23,08%
transmitir conhecimento	17,81%	26,32%	17,95%
preparar para o mundo do trabalho	19,18%	28,95%	12,82%
preparar para o vestibular	12,33%	15,79%	38,46%
Ensino Superior			
Opção	Seleção 1 e 2	Seleção 3 e 4	Seleção 5 e nenhuma
formar cidadãos conscientes e solidários	32,17%	11,11%	5,26%
transmitir cultura	23,48%	23,81%	8,77%
transmitir conhecimento	26,09%	23,81%	3,51%
preparar para o mundo do trabalho	15,65%	33,33%	14,04%
preparar para o vestibular	2,61%	7,94%	68,42%

Tabela D18.1 Opinião dos Professores sobre as funções da Educação – Dados Comparativos entre os níveis de ensino – Somadas as notas de 1 a 4 Figura 18

Opções	Educação Infantil	Fundamental I	Fundamental II	Ensino Médio	Ensino Superior
formar cidadãos conscientes e solidários	40,35%	48,30%	42,67%	43,30%	43,28%
transmitir cultura	39,02%	47,78%	41,89%	36,34%	47,29%
transmitir conhecimento	49,50%	44,32%	41,47%	44,13%	49,90%
preparar para o mundo do trabalho	43,01%	39,87%	48,89%	48,13%	48,98%
preparar para o vestibular	28,13%	19,74%	25,08%	28,12%	10,55%

Tabela D19 - Opinião sobre exame de proficiência para o exercício do magistério (amostra)

Figura 19

exame de proficiência	TOTAL	
	Freqüência	Porcentual
SIM	289	76,25%
NÃO	90	23,75%
TOTAL	379	100,00%

Tabela D19.1 - Opinião sobre exame de proficiência para o exercício do magistério por nível de ensino - Figura 19.1

Nível de ensino	Concorda		Discorda		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Educação Infantil	76	75,25%	25	24,75%	101	100,00%
Fundamental I	61	75,31%	20	24,69%	81	100,00%
Fundamental II	65	76,47%	20	23,53%	85	100,00%
Ensino Médio	45	84,91%	8	15,09%	53	100,00%
Ensino Superior	42	71,19%	17	28,81%	59	100,00%
TOTAL	289	76,25%	90	23,75%	379	100,00%

Tabela D20 - Já foi avaliado no exercício do magistério (amostra) ? Figura 20

Já foi avaliado?	TOTAL	
	Freqüência	Porcentual
SIM	227	59,89%
NÃO	152	40,11%
TOTAL	379	100,00%

Tabela D20.1 - Foi avaliado no exercício do magistério - por nível de ensino?

Nível de ensino	SIM		Não		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Educ. Infantil	54	53,47%	47	46,53%	101	100,00%
Fundamental I	46	56,79%	35	43,21%	81	100,00%
Fundamental II	50	58,82%	35	41,18%	85	100,00%
Ensino Médio	35	66,04%	18	33,96%	53	100,00%
Ensino Superior	42	71,19%	17	28,81%	59	100,00%
TOTAL	227	59,89%	152	40,11%	379	100,00%

Tabela D20.2 Dos que foram avaliados, quem os avaliou? Figura 20.2

Opção	TOTAL	
	Freqüência	Porcentual
direção da escola / equipe técnica	200	45,98%
os alunos	126	28,97%
os pais	50	11,49%
os colegas	15	3,45%
equipe externa à escola	44	10,11%
TOTAL	435	100,00%

Tabela D20.3 Dos que foram avaliados, qual a finalidade da avaliação? Figura 20.3

Opção	TOTAL	
	Freqüência	Porcentual
feedback e possíveis reestruturações na prática docente	103	45,37%
reflexão coletiva sobre o sistema de ensino adotado	45	19,82%
motivo para diferenciação salarial	7	3,08%
valorização/desvalorização junto à direção	37	16,30%
argumento para demissão de professores	35	15,42%
TOTAL	227	100,00%

DIRETORIA

Gestão 2007 – 2010

Luiz Antonio Barbagli
Celso Napolitano
J. S. Faro
Silvia Celeste Barbara
Walter Alves
Osvaldo Souza Santos
Fábio Eduardo Zambon
Rita de Cássia Fraga
Ailton Fernandes
Marcelo de Paola Marin
Luiz Muryllo Mantovani
Pedro Artur Caseiro
Jurandir Alves
Ana Ferreira M. dos Santos
Luiz Artur Pie de Lima
Ricardo Rigo
Rubens Gonçalves de Aniz
Walter Augusto de Moraes
Luiz Carlos de Campos
Relúcia Maria de S. Alarcon
Neusa Maria O. B. Bastos
Maria Elisabeth Vespoli
Dorival Bonora Júnior
Andréa Gonçalves Monteiro
Madalena Guasco Peixoto
Artur Costa Neto
Cristina Simões Costa Montesanti
Aparecido Wilson da Cruz Rodrigues

EXPEDIENTE

Coordenação, texto e revisão: Maria Sofia Cesar de Aragão

Tiragem: 500 exemplares

Impressão: Assahi Gráfica e Editora Ltda

Este livro foi composto em: Arial 8/10

Impresso em offset papel 90g

A reprodução total ou parcial deste trabalho só poderá ser feita mediante expressa autorização do Sindicato dos Professores de São Paulo.



SINPRO-SP

Rua Borges Lagoa, 208, Vila Clementino

São Paulo – SP – CEP 04038-000

Tel.: 5080-5988

www.sinprosp.org.br